

THAIS DE ASSIS ANTUNES BAUNGART

GRUPO DE CRESCIMENTO PSICOLÓGICO  
NA FORMAÇÃO SACERDOTAL:  
PERTINÊNCIA E POSSIBILIDADES

PUC-CAMPINAS

2010

THAIS DE ASSIS ANTUNES BAUNGART

GRUPO DE CRESCIMENTO PSICOLÓGICO  
NA FORMAÇÃO SACERDOTAL:  
PERTINÊNCIA E POSSIBILIDADES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia da área de concentração: Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Martins Amatuzzi

PUC-CAMPINAS

2010

Ficha Catalográfica  
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e  
Informação - SBI - PUC-Campinas

t200.19  
B349g

Baugart, Thais de Assis Antunes.  
Grupo de crescimento psicológico na formação sacerdotal:  
pertinência e possibilidades / Thais de Assis Antunes Baugart. -  
Campinas: PUC- Campinas, 2010.  
p.

Orientador: Mauro Martins AmatuZZi.  
Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas,  
Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.  
Inclui bibliografia.

1. Psicologia e religião. 2. Psicologia do desenvolvimento. 3.  
Sacerdócio. 4. Igreja Católica - Clero. 5. Fenomenologia. 6. Religio-  
sidade. 7. Teologia - Estudo e ensino. I. AmatuZZi, Mauro Martins.  
II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências  
da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

22ª.ed.CDD – t200.19

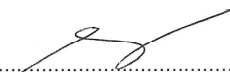
THAIS DE ASSIS ANTUNES BAUNGART

GRUPO DE CRESCIMENTO PSICOLÓGICO NA FORMAÇÃO SACERDOTAL:  
PERTINÊNCIA E POSSIBILIDADES

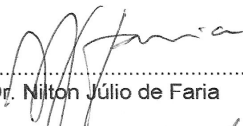
BANCA EXAMINADORA



.....  
Presidente Prof.Dr. Mauro Martins Amatuzzi



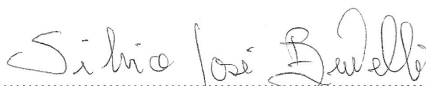
.....  
Profa.Dra.Vera Engler Cury



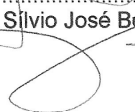
.....  
Prof.Dr. Nilton Júlio de Faria



.....  
Profa.Dra. Marília Ancona-López



.....  
Prof.Dr. Silvio José Benelli



*“Existem vários caminhos para a investigação do humano; a ciência, com certeza, não é o único, e talvez nem mesmo o mais rico. A poesia é uma forma de investigar o humano; a literatura e o teatro também. A amizade é uma forma de investigar o humano; a luta política, o lazer, o esporte e a psicoterapia também são. Enfim, há muitos caminhos”.*

(Amatuzzi, 2001b p. 45).

Dedico este trabalho aos meus pais:

Osmar e Regina,  
os quais sempre acreditaram  
que eu chegaria até aqui.

Amo vocês!

# SUMÁRIO

Resumo:.....	iii
Abstract .....	iv
Resumen:.....	v
APRESENTAÇÃO .....	vi
OBJETIVOS.....	1
Objetivo da pesquisa.....	1
Objetivo do Grupo de Crescimento .....	1
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	2
1) A FORMAÇÃO SACERDOTAL.....	2
1.1) O perfil do vocacionado brasileiro.....	2
1.2) Etapas iniciais da formação sacerdotal católica.....	6
1.3) A etapa do propedêutico.....	8
1.4) O Seminário Maior.....	14
2) A PSICOLOGIA A SERVIÇO DA FORMAÇÃO SACERDOTAL .....	15
2.1) Psicologia da Religião.....	15
2.2) O papel do psicólogo na formação sacerdotal.....	22
2.3) Autores da psicologia humanista frente à religiosidade.....	29
3) O GRUPO DE CRESCIMENTO (GC).....	31
3.1) As origens do grupo de crescimento .....	31
3.2) Inspiração nas Abordagens Humanistas.....	32
3.4) Os sete passos.....	35
3.5) O facilitador do grupo .....	36

3.6) Grupo de crescimento e desenvolvimento psicológico .....	38
3.7) Crescimento Psicológico – Carl Rogers.....	39
3.8) Maturidade e formação sacerdotal .....	40
MÉTODO.....	43
1) O caminho utilizado para a realização deste estudo.....	43
1.1) O acesso ao vivido .....	46
1.2) As pesquisas qualitativas.....	47
2) Participantes .....	49
2.1) Critério de inclusão dos participantes para cada grupo.....	50
2.2) Critério de exclusão dos participantes para cada grupo .....	50
3) Instrumentos .....	50
4) Procedimentos .....	52
5) Análise dos dados .....	53
SÍNTESE DO GC1.....	56
SÍNTESE DO GC2.....	62
SÍNTESE DO GC3.....	68
SÍNTESE GERAL.....	74
DISCUSSÃO.....	85
CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	126
ANEXOS.....	132
ANEXO I.....	133
ANEXO II .....	134
ANEXO III.....	135
ANEXO IV .....	136



ANEXO V .....	137
ANEXO VII.....	157
ANEXO VIII .....	184

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a *Força Maior* a qual carinhosamente chamo de *Pai do Céu* que me acompanha desde sempre, em todas as etapas de minha vida e que me deu segurança e coragem para alcançar meus objetivos.

Agradeço, em especial, ao professor e orientador Dr. Mauro Martins AmatuZZi, que me conduziu com muito carinho e paciência durante os quatro anos desta tese, além dos dois anos de mestrado.

Agradeço a todos os professores da PUC-Campinas, a começar pelos professores Dr. Lineu Correa Fonseca e Dra. Vera Engler Cury que me iniciaram no mundo da pesquisa durante a graduação em psicologia.

Agradeço aos professores: Dr. Ênio Brito Pinto e Dr. Valdemar Donizeti de Souza pela ajuda concedida na qualificação desta tese e aos professores: Dr. Wellington Zangari e Dr. Silvio José Benelli pelas sugestões valiosas de leituras que muito me ajudaram a analisar esta pesquisa.

Agradeço ao meu grupo de pesquisa: *Processos Psicológicos: abordagens qualitativas* composto pelos colegas: Karine, Bruna, Pedro, Camila e Henri, pelas reuniões que muito me ajudaram a pensar fenomenologicamente.

Agradeço a Arquidiocese de Campinas, ao Bispo Dom Bruno e aos padres: Dr. Paulo Sergio Lopes Gonçalves e Cláudio Zacarias Menegazzi, que possibilitaram a realização deste estudo.

Agradeço, em especial, ao Padre Dr. José Eduardo Meschiatti, reitor do Seminário Propedêutico, pela confiança e disponibilidade para troca de conhecimentos durante todo o período em que estive pesquisando no seminário.

Agradeço a todos os pré-seminaristas que participaram voluntariamente do estudo.

Agradeço ao marido Luciano pela paciência e compreensão nas diversas vezes em que nosso amor não foi a minha prioridade.

Agradeço a minha família: meu pai Osmar, minha mãe Regina, minha irmã Marina, meu cunhado Rodolfo, minha sogra D. Maria, meus avôs, minhas cunhadas e cunhados, meus tios, tias e minha madrinha (Eliane) pelo apoio e incentivo nesses quatro anos de estudo.

Agradeço aos meus amigos: Tatiana e Daniel Perches, pelas degustações “enogastrômicas” que me ajudaram a relaxar; Camila e Gustavo Bueno, pela amizade de anos; Cristiane e Welligton; Daniela e Marcel; Marina e Rodolfo; Celso e Tati, pelas reuniões em casa ou no “CarnaJarí” que, sem dúvida, divertiram-me muito; Marcelo, pela cumplicidade e parceria no mundo profissional; Max, Thiago, Fernandinho e Aline, amigos de infância, pela torcida e ajuda na informática; Wagner e Andréia, Amilson e família, Ricardo e Barbara, pela amizade carinhosa. E a todos aqueles que, mesmo sem saber, inspiraram-me a querer entender melhor o comportamento religioso.

Agradeço a CAPES pelo financiamento desta pesquisa, sem o qual seria muito difícil a sua realização.

Baungart, T.A.A (2010). *Grupo de Crescimento Psicológico na formação sacerdotal: pertinência e possibilidades*. Tese de Doutorado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida – Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Resumo:

Partindo do pressuposto de que o trabalho com grupos de crescimento poderia contribuir para a formação de sacerdotes, esta pesquisa teve como objetivo descrever e compreender o processo de desenvolvimento psicológico e formativo de pré-seminaristas católicos com a prática do grupo de crescimento. Entende-se por grupo de crescimento um espaço destinado à promoção de desenvolvimento pessoal no qual os participantes podem refletir e discutir sobre questões relacionadas às vivências cotidianas dentro do prisma psicológico. É importante destacar que esta pesquisa teve um enfoque qualitativo e uma fundamentação teórica humanista. Participaram do estudo três grupos de pré-seminaristas católicos durante os anos de 2006, 2007 e 2008. A realização dos grupos inspirou-se nos sete passos propostos por Amatuzzi. Para a coleta de dados, foram utilizadas Versões de Sentido, anotações em diários de campo e um questionário de avaliação do trabalho respondido pelos participantes. A análise de dados foi baseada nos seguintes passos: 1) narrativa descritiva do processo de cada grupo, baseada nas informações dos diários de campo, versões de sentido e questionário de avaliação; 2) busca dos elementos essenciais do vivido em cada relato de grupo no que diz respeito ao desenvolvimento pessoal e formativo; 3) compreensão do sentido do trabalho de grupo de crescimento para o desenvolvimento psicológico dos pré-seminaristas e a contribuição deste trabalho para o processo de formação sacerdotal. O resultado desta pesquisa revelou que o trabalho de grupo de crescimento trouxe contribuições para os participantes no que se refere ao desenvolvimento psicológico e formativo na medida em que este proporcionou novas atribuições de significados a diversas áreas do processo formativo e psicológico. Concluímos que a prática do grupo de crescimento mobilizou os participantes em alguns aspectos tais como: maior contato com suas motivações para entrada no seminário, reflexões sobre suas histórias de vida e as relações destas histórias com a escolha pelo sacerdócio, aprofundamento sobre o significado da vocação religiosa/sacerdotal, busca de novas maneiras de compreender o que significa viver em comunidade e novos mecanismos para lidar com as expectativas e pressões externas em relação à formação, além dos novos significados que foram atribuídos às dificuldades acadêmicas.

Palavras-chave: grupo de crescimento, religiosidade, fenomenologia, desenvolvimento psicológico.

Baungart, T.A.A (2010). *Group of Psychological Growth in priestly formation: relevance and possibilities*. Doctoral thesis defended by the Post-graduate in Psychology, Life Sciences Center - Pontifical Catholic University of Campinas.

## Abstract

Assuming that work with growth groups could contribute to the formation of priests, this research aimed to describe and understand the process of psychological and educational development of Catholics pre-seminarians related to the practice of the growth group. A growth group is the space provided for promotion of personal development in which participants can reflect and discuss issues related to everyday experiences according to the psychological point of view. It's important to highlight that this research had a qualitative approach and a theoretical humanist grounding. The study included three groups of Catholic pre-seminarians during the years 2006, 2007 and 2008. The performance of the groups was inspired by the seven steps proposed by Amatuzzi. For data collection were used felt meaning expressions, notes in field diaries and a questionnaire assessing the work completed by the participants. Data analysis was based on the following steps: 1) narrative describing the process for each group based on information from field diaries, felt meaning expressions and evaluation questionnaire, 2) search of the essential elements experienced in each group report concerning personal and educational development, 3) understanding of the meaning of the growth teamwork for the psychological development of pre-seminarians and the contribution of this work to the process of priestly formation. The research result showed that the work of the growth group has made contributions to the participants in relation to psychological and educational development, as it offered new assignments of meanings to different areas of psychological and educational process. We conclude that the practice of the growth group mobilized participants in some aspects such as greater contact with their motivations for entering the seminary, reflections on their stories of life and its relation with the choice of the priesthood, deepening the meaning of religious/ sacerdotal life, finding new ways to understand what it means to live in community and new mechanisms to deal with external pressures and expectations from the training as well as new meanings that were attributed to academic difficulties.

Keywords: Growth group, religiosity, phenomenology, psychological development.

Baungart, T.A.A. (2010). *Grupo de crecimiento psicológico en formación sacerdotal: pertinencia y posibilidades*. Tesis de doctorado defendida junto al programa de postgrado en psicología, Centro de ciencias de Vida – Pontificia Universidad Católica de Campinas.

#### Resumen:

Partiendo del presupuesto de que el trabajo con grupos de crecimiento podría contribuir para la formación de sacerdotes, esta pesquisa tuvo como objetivo describir y comprender el proceso de desarrollo psicológico y formativo de pre seminaristas católicos con la práctica del grupo de crecimiento. Se entiende por grupo de crecimiento un espacio destinado a la promoción de desarrollo personal en el cual los participantes pueden reflexionar y discutir sobre cuestiones relacionadas a las vivencias cotidianas dentro del prisma psicológico. Es importante destacar que esta pesquisa tuvo un enfoque cualitativo y una fundamentación teórica humanista. Participaron del estudio tres grupos de pre seminaristas católicos durante los años de 2006, 2007 e 2008. La realización de los grupos se inspiró en los siete pasos propuestos por Amatuzzi. Para la coleta de datos fueron utilizadas versiones de sentido, anotaciones en diarios de campo y un cuestionario de evaluación de trabajo respondido por los participantes. El análisis de datos fue basado en los siguientes pasos: 1) narrativa descriptiva del proceso de cada grupo basada en las siguientes informaciones de los diarios de campo, versiones de sentido y cuestionario de evaluación, 2) búsquedas de elementos esenciales del vivido en cada relato de grupo a lo que se refiere al desarrollo personal y formativo, 3) comprensión del sentido del trabajo en grupo de crecimiento para el desenvolvimiento psicológico de los seminaristas y la contribución para el proceso de formación sacerdotal. El resultado de esta pesquisa reveló que el trabajo de grupo de crecimiento trajo contribuciones para los participantes a lo que se refiere al desenvolvimiento psicológico y formativo en la medida en que este proporcionó nuevas atribuciones de significados a diversas áreas del proceso formativo y psicológico. Concluimos que la práctica del grupo de crecimiento movilizó a los participantes en algunos aspectos tales como: mayor contacto con sus motivaciones para entrada en el seminario, reflexiones sobre sus historias de vida e las relaciones de esta con la elección por el sacerdocio, escudriñamiento sobre el significado de la vocación religiosa/sacerdotal, búsqueda de nuevas maneras de comprender lo que significa vivir en comunidad e nuevos mecanismos para lidiar con las expectativas y presiones externas con relación a la formación. Además de los nuevos significados que fueron atribuidos a las dificultades académicas.

Palabras clave: grupo de crecimiento, religiosidad, fenomenología, desarrollo psicológico.

## APRESENTAÇÃO

Posso afirmar, com convicção, que meu interesse pelo comportamento religioso se deu bem antes do meu ingresso na faculdade de psicologia. Esse é um assunto que me instiga desde a juventude e, às vezes, penso se não há nisso um pouco de *herança familiar*, pois, coincidência ou não, na minha família não sou a única interessada nesse assunto.

Lembro que, aos 16 anos, comecei a gostar das aulas de filosofia e sociologia que havia na escola católica na qual realizei o Ensino Médio e, numa dessas disciplinas (possivelmente em sociologia), tive meu primeiro contato com o comportamento religioso. Isso aconteceu através de um trabalho no qual meu grupo precisou entrevistar pessoas de diferentes religiões e, depois escrever o que entendeu por semelhanças e diferenças nos comportamentos religiosos. Fiquei me indagando sobre como a religiosidade poderia ter tanta influência sobre a vida das pessoas.

Fazer aquele trabalho despertou em mim uma paixão pelo assunto e, desde então, procuro estudar o comportamento humano e religioso. Creio que minhas escolhas levaram-me ao caminho certo, pois, na graduação em psicologia, pude estudar o comportamento humano e, na pós-graduação, aprofundar meus conhecimentos sobre religiosidade.

Pensando na trajetória que me conduziu até a realização desta tese, lembro da frustração que senti ao ingressar na faculdade de psicologia e perceber que pouca, ou quase nenhuma importância foi dada ao tema *religiosidade/ espiritualidade*. Decepção

maior foi me dar conta de que isso não acontecia apenas na universidade em que estudei, mas, na maioria das grades curriculares dos cursos de psicologia no Brasil. Por esse motivo, quando me formei, logo procurei alternativas para estudar esse assunto na pós-graduação.

Durante a elaboração de minha dissertação de mestrado, tive o primeiro contato acadêmico com o tema. Naquela primeira pesquisa, propus-me a entender, fenomenologicamente, em que sentido a experiência religiosa de católicos poderia trazer crescimento pessoal. O resultado encontrado foi uma relação entre a experiência religiosa e o crescimento pessoal dos participantes, (entendido aqui como desenvolvimento psicológico). Essa relação ocorreu num sentido de mudança de vida e foi descrita, pelos participantes, como mudanças subjetivas e singulares. Nesse sentido, concluí que as experiências religiosas estudadas trouxeram como consequência mudanças no comportamento cotidiano dos participantes, os quais relataram sentir uma melhora na qualidade de vida.

Tais resultados suscitaram-me algumas indagações sobre a atuação prática da psicologia, como ciência, no que se refere a questões ligadas à religiosidade. Benkö (1981), em seus estudos, afirma que “Deus não é objeto de investigação estritamente científica, porém, toda vivência religiosa envolve um ser humano e, como experiência humana, pode ser objeto de investigação científica” (p.14). Diante de tal afirmação, poderia a psicologia contribuir de maneira prática e efetiva em assuntos de cunho religioso, visando à promoção do desenvolvimento pessoal? Poderia ainda a psicologia colaborar para a formação de sacerdotes, visando a oferecer a eles uma formação mais ampliada na qual os aspectos psicológicos fossem trabalhados respeitando outras esferas do humano como é o caso da espiritualidade?



Foi nesse contexto de indagação que nasceu a idéia de pesquisar sobre a formação sacerdotal e a real contribuição da psicologia para essa área. Para isso, resolvi estudar a experiência de Grupos de Crescimento Psicológico no processo formativo de seminaristas católicos numa fase específica da preparação: durante o período propedêutico. Isso, porque, nessa etapa, os vocacionados ainda estão em processo de discernimento em relação à vocação sacerdotal e possuem mais tempo (se comparados aos seminários de Filosofia e Teologia) para lidarem com essas questões.

Tendo uma resposta positiva por parte da Arquidiocese que permitiu a realização deste trabalho, comecei os encontros no segundo semestre do ano de 2006. Desde o primeiro grupo, já me preocupei em solicitar aos participantes a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido (anexo II) para que fosse garantida, aos participantes, a total liberdade em fazer parte deste estudo, bem como a finalidade exclusiva do trabalho para uso em pesquisa depois da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Além do Termo de Consentimento, também registrei em diários de campo minhas experiências nesses encontros, visando, com isso, a um aperfeiçoamento profissional.

Minha primeira experiência com os grupos foi muito positiva. Isso pode ser comprovado com os dados obtidos no questionário avaliativo (Anexo I) que foi respondido pelos participantes ao término dos encontros. A partir desses dados foi solicitada, por parte do padre formador, a continuidade do trabalho voluntário no ano de 2007. Aceitei prontamente esta solicitação, pois esses trabalhos estavam me servindo como treino para a realização dos encontros de Grupo de Crescimento. Também durante a realização desse treino, foi solicitada aos participantes a assinatura do termo de

consentimento livre e esclarecido e o preenchimento do questionário avaliativo ao final dos encontros.

Este estudo ressalta a importância de se trabalhar, durante o processo de formação, os aspectos psicológicos dos candidatos ao seminário. O que estou chamando aqui de aspectos psicológicos são os sentimentos que acompanham esta fase de entrada para o seminário e as dúvidas e inseguranças dos pré-seminaristas em relação à espiritualidade. Não tive a intenção, contudo, de lidar com o aspecto espiritual do processo formativo, uma vez que isso é feito pela equipe de formação.

Para esta pesquisa estou considerando como grupos de crescimento os encontros em grupo com os vocacionados (pré-seminaristas) do seminário propedêutico. A finalidade dos encontros foi a promoção do crescimento pessoal através do compartilhamento e reflexões de experiências, sentimentos e comportamentos vivenciados pelos participantes.

É importante destacar que o grupo de crescimento não teve a intenção de ser um grupo de psicoterapia, embora ele tenha trazido como consequência, resultados terapêuticos.

A escolha pelo trabalho em grupo no propedêutico justifica-se pela ideia de que esse tipo de atuação pode facilitar o acesso ao vivido de maneira espontânea e sem constrangimentos, pois pode contar com o apoio de outros que experienciaram sentimentos e/ou vivências semelhantes. Cabe ressaltar também que o trabalho em grupo é capaz de promover uma força interior e maior segurança para mudanças de comportamento que num atendimento individual nem sempre são alcançados. Além disso, é uma forma mais econômica de promover ajuda psicológica às pessoas que estão

num mesmo contexto de vida, o que é o caso dos propedeutas. Além disso, esta pesquisa foi uma das primeiras a estudar o trabalho com grupos de crescimento (antes dela, Martins, 2004 estudou esse mesmo grupo em clínica escola) e a partir do presente estudo, outras pesquisas poderão analisar a possibilidade de aplicação dessa modalidade de grupo em outras populações.

O desenvolvimento de pesquisas qualitativo-fenomenológicas (como é o caso deste estudo) contribui de maneira significativa para o conhecimento do humano. Este tipo de conhecimento não é concebido como um acúmulo quantitativo de informações, mas sim como uma compreensão cada vez mais abrangente dos significados envolvidos. Nesse sentido, este tipo de estudo entende o progresso científico como um aprofundamento, cada vez maior, da compreensão do ser humano em si.

Nesse contexto, se considerarmos como uma das finalidades da ciência a busca por conhecimentos que, de alguma maneira, facilitem a vida humana, devemos pensar que a prática psicológica pode requerer mais do que esclarecimentos de fundamentos ou medidas instrumentais e pedir, além disso, elucidações maiores de experiências vividas em contextos específicos, o que é o caso dos candidatos à vida sacerdotal. Além disso, devemos pensar que a profissão de psicólogo constitui-se num contexto de formação científica, e que o profissional trabalha, basicamente, dialogando com as pessoas. Diante disso, é importante que as pesquisas de ordem psicológica preocupem-se com um ouvir particular de pessoas concretas e não apenas com um ouvir coletivo e universal, que tem como pano de fundo a categorização e medição do humano.

# **OBJETIVOS**

## ❖ Objetivo da pesquisa

Descrever e compreender o processo de desenvolvimento psicológico e formativo de pré-seminaristas católicos com a prática do grupo de crescimento.

## ❖ Objetivo do Grupo de Crescimento

O objetivo dos encontros de Grupo de Crescimento foi promover desenvolvimento psicológico (entendido como crescimento pessoal) aos participantes através do diálogo e do aprofundamento reflexivo das vivências cotidianas.

# FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1) A FORMAÇÃO SACERDOTAL

### 1.1) O perfil do vocacionado brasileiro.

Numa pesquisa sobre formação presbiteral, algumas informações sobre o perfil do sacerdote é importante. Primeiramente, cabe esclarecer que a expressão *vocacionado* é usada no contexto da vida diocesana e religiosa para designar a pessoa que procura os serviços de pastoral vocacional a fim de fazer o discernimento para iniciar a formação no seminário ou na vida religiosa consagrada. Até ser ordenado padre ou fazer os votos perpétuos, o formando é considerado um *vocacionado*.

Sabe-se que, atualmente, o número de vocações ao presbiterado continua elevado no Brasil. Não somente em comparação com o início dos anos 70, mas, também, com os períodos mais favoráveis do começo dos anos 60 ou 80. Mesmo assim, o aumento das ordenações não conseguiu repor as perdas num passado recente, e o número de padres não acompanhou o crescimento demográfico (Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil [CNBB], 1995).

Segundo os dados do Censo Anual da Igreja Católica no Brasil (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais [CERIS], 2003), temos um contingente presbiteral de 16.634, sendo 9.793 integrantes do clero diocesano, e 6.841, do clero religioso. Em um estudo sobre a composição do contingente presbiteral no Brasil, Ruiz

(2002) indica que houve um aumento da participação dos padres do clero secular no período de 40 anos entre 1960 a 2000 em que passou de 41,5% do total para 54,1%.

A maioria das vocações sacerdotais é proveniente da zona rural. Esta compõe 56% dos presbíteros, seguida da zona centro-urbana que soma 31%. É pequeno o índice de presbíteros que nasceram na periferia urbana, somente 13%. Há um pequeno diferencial na localidade de nascimento entre o clero diocesano e o religioso. Neste último, 71% têm como origem a zona rural e 29% o centro-urbano. Entre o clero diocesano, 67% nasceram na zona rural, enquanto 33% no centro urbano. Observa-se, portanto, que parece haver uma tendência de crescimento de presbíteros diocesanos (CERIS, 2003; CNBB, 1995).

O clero brasileiro está concentrado em duas regiões brasileiras: sudeste (47%) e sul (25%). A presença do clero nas regiões nordeste (16%) e centro-oeste (9%) é relativamente pequena. A região norte é a que mais sente a ausência do clero, com apenas 3% do seu total. A presença do clero diocesano é maior do que o religioso na região sudeste (respectivamente 47% e 42%) e região nordeste (respectivamente 20% e 11%), em contrapartida, o religioso possui um maior contingente na região sul (30%) do que o diocesano (22%), o mesmo ocorre na região centro-oeste, onde o clero religioso possui 12%, e o diocesano, 8% (CERIS, 2003).

No que se refere à idade dos vocacionados, esta aumentou. Há menos crianças e adolescentes, mais jovens e adultos. Como consequência, muitos seminaristas trazem consigo uma bagagem de experiências de trabalho e também experiências afetivas e sexuais. Aliás, a geração atual (influenciada certamente pelo contexto da sociedade e dos costumes) tende a supervalorizar a afetividade e a sexualidade, sem alcançar,

contudo, uma correspondente maturidade e coerência de atitudes, muitas vezes, sem possuir nem mesmo uma clara identificação com a própria condição sexual. Segundo a CNBB (1995), a juventude parece menos utópica e radical, mais realista, mais consciente de seus limites, mas também menos generosa e disponível para a ousadia e a ação.

Esses dados corroboram com os estudos realizados pelo CERIS (2003). Segundo dados desta pesquisa, entre os anos de 1960 e 2000 houve um aumento de 21,5% no número de brasileiros que compõem a Igreja Católica Romana, sendo que, dos presbíteros diocesanos, 92% são brasileiros e, entre os religiosos, 73%. CERIS (2003), ao citar um texto apresentado por Antoniazzi (1998) durante o 7º Encontro Nacional de Presbíteros, relata que esse fato é notícia boa, preocupa, porém, a qualidade destes futuros sacerdotes cuja formação não corresponde às exigências da sociedade atual. Em comparação com um passado recente, constata-se um empobrecimento da dimensão intelectual e no equilíbrio humano-afetivo.

Esses dados, no entanto, devem ser analisados com cuidado, uma vez que, na realidade, a procedência das vocações, sob o perfil espiritual e pastoral, é variada. Existem ainda candidatos que procuram o seminário, decididos a abraçar a carreira sacerdotal por motivos sociais e humanos sem uma experiência eclesial ou pastoral mais profunda, às vezes, sem mesmo uma vivência mais autêntica da fé. Há candidatos que provêm de experiências eclesiais maduras e dinâmicas nas pastorais e movimentos e trazem um precioso embasamento espiritual e uma forte sintonia com o povo cristão católico e com os pastores da Igreja. De outro lado, surgem também vocacionados fruto de uma espiritualidade pouco amadurecida ou ligada a pastorais e movimentos que não estão bem inseridos nas igrejas locais (CNBB, 1995; Pereira, 2004).

A mesma diversidade pode ser notada, também, nas famílias dos vocacionados. Se, por um lado, as famílias cristãs solidamente constituídas e engajadas na vida eclesial oferecem geralmente bons candidatos, por outro, está aumentando o número dos vocacionados que procedem de famílias desestruturadas ou incompletas e que podem apresentar uma maior fragilidade emocional (CNBB, 1995).

Do ponto de vista intelectual, muitos candidatos apresentam deficiências graves devido à fragilidade dos estudos anteriores ao ingresso no seminário. Isso torna os estudos filosófico-teológicos penosos e difíceis, criando uma atitude desfavorável em face de qualquer esforço maior de aprofundamento e face às tarefas pastorais mais exigentes (Zilles, 2007). Predomina, entre os vocacionados, um nível intelectual médio, com raras exceções. Isso não deixa de colocar um sério problema para o futuro: a sociedade tende a se tornar mais exigente em termos de comunicação e informação; os candidatos ao presbiterado, ao contrário, não somente procedem dos setores menos privilegiados, mas tendem também a rejeitar o trabalho pastoral em setores mais exigentes no que se refere à capacidade intelectual, seja como formadores de opinião, cientistas ou professores universitários (CNBB, 1995; Zilles, 2007).

Na tentativa de compreender melhor o perfil do presbítero na Igreja do Brasil, a Comissão Nacional de Presbíteros (CNP) tem realizado várias pesquisas e muitas análises com objetivo de compreender melhor quem é o presbítero que hoje compõe a Igreja Católica no Brasil. Embora ainda não se tenha conseguido traçar um perfil exato do presbítero brasileiro, tais pesquisas têm auxiliado no que diz respeito a alguns temas centrais na vida dos sacerdotes: vivências e práticas religiosas; formação e condições de vida; aspectos da vida psico-afetiva, bem como a relação com os leigos e a igreja local (CERIS, 2003).



## 1.2) Etapas iniciais da formação sacerdotal católica.

A formação dos sacerdotes que irão compor a hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana (de rito latino) está baseada em alguns princípios e leis que são válidos para todas as nações. No entanto, devido à grande dificuldade de normas gerais para tão grande variedade de povos e regiões, a Santa Sé estabeleceu que cada nação poderá ter seu próprio plano de formação sacerdotal, desde que este seja baseado nos princípios e leis gerais estabelecidos pela Igreja, promulgado pela Conferência episcopal, revisto periodicamente e aprovado pela Santa Sé (Concílio Vaticano II [Decreto *Optatam Totius*], 1965).

Através do plano de formação, é possível acomodar as leis universais às condições particulares dos tempos e dos lugares de maneira que a formação corresponda sempre às necessidades daquelas regiões em que há de se exercer o sacerdócio. Nesse sentido, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, tendo em conta os documentos do magistério sobre a formação dos futuros sacerdotes (Concílio Vaticano II [Decreto *Optatam Totius*], 1965) e, especialmente, as orientações da Exortação Pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis* (Papa João Paulo II, 1992), empreendeu a importante tarefa de revisar e atualizar as Diretrizes Básicas da Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil e, na 32ª Assembleia Geral da CNBB em 1994, depois de acurada preparação e atenta discussão, foi aprovado, por unanimidade, o novo texto das Diretrizes Básicas da Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, o qual foi revisado e também aprovado (com pequenas modificações) pela Congregação para educação Católica em 10 de maio de 1995.

Para ingressar no seminário e ordenar-se padre, é preciso ter vocação ao sacerdócio. Essa é uma das condições para que a pessoa possa assumir o ministério presbiteral, mas não é a única. Segundo o papa João Paulo II (1992) na exortação *Pastores Dabo Vobis* ninguém pode dar a si mesmo o direito de escolher o ministério de presbítero com base unicamente em suas aspirações pessoais, pois a avaliação da autêntica vocação deve ser reconhecida pelo bispo, leva em consideração as aptidões objetivas do candidato, a livre determinação da vontade na opção vocacional e a motivação desta.

Caso a pessoa perceba que é um vocacionado e deseje ingressar para o seminário, o primeiro passo é procurar a pastoral vocacional. Esta tem como objetivos despertar a pessoa para a vocação humana, cristã e eclesial; discernir os sinais indicadores do chamado de Deus; cultivar os germes de vocação e acompanhar o processo de opção vocacional consciente e livre. Deve dar ênfase às vocações de especial consagração e, entre elas, particularmente, à vocação ao sacerdócio (CNBB, 1995).

Jovens e adolescentes que apresentam sinais de vocação e um desejo sincero de cultivá-la precisam de instituições adequadas para ajudá-los no reto discernimento e desenvolvimento das qualidades e aptidões humanas, cristãs e apostólicas, necessárias para a opção pelo ministério sacerdotal. Essas instituições, que irão acolher os vocacionados, devem ser adequadas a cada diocese, e cabe ao bispo determiná-las e organizá-las segundo as condições peculiares de cada lugar (CNBB, 1995).

Diversas são as instituições que acolhem os vocacionados:

- Seminário Menor: é uma comunidade voltada ao aprofundamento da vocação cristã e, especificamente, ao discernimento da vocação presbiteral, à formação inicial e aos estudos preparatórios ao Seminário Maior. (Santo Domingo: Conclusões da 4ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano de 1992, como citado em CNBB, 1995).
- Grupos Vocacionais: reúnem-se periodicamente e assistem adolescentes ou jovens que buscam o discernimento de sua vocação enquanto residem na própria família e continuam seus estudos, às vezes, já exercendo uma profissão ou trabalho remunerado. (Documento da 19ª Assembléia Geral da CNBB, 1981 n. 20 como citado em CNBB, 1995).
- Escolas e Colégios Católicos que, tendo o devido cuidado da dimensão vocacional no seu trabalho educativo, aceitem prestar um serviço especial e apoio concreto para adolescentes e jovens com aspiração ao ministério presbiteral, possibilitando acompanhamento mais intenso e oferecendo bolsas de estudos quando necessárias. (Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis, 1970 como citado em CNBB, 1995).

### 1.3) A etapa do propedêutico.

A Congregação para a Educação Católica em 15 de maio de 1992, a pedido dos Padres do Sínodo dos Bispos de 1990, enviou uma carta circular às Representações Pontifícias pedindo-lhes que recolhessem informações sobre as experiências realizadas no período que antecede ao seminário maior a fim de conhecer e suprir eventuais lacunas de ordem espiritual, cultural e humana, muitas vezes presentes nos jovens

quando entram no seminário maior (período no qual o vocacionado ingressa nas faculdades de Filosofia e posteriormente Teologia). Tendo as Representações Pontifícias aderido a tal solicitação, foi possível a elaboração de um documento informativo acerca do período pré-seminário nas igrejas católicas do mundo (Congregação para a Educação Católica [CEC], 1998).

Várias iniciativas registradas pelo inquérito, tendo em vista uma melhor realização do trabalho de formação nos seminários maiores, têm oferecido um curso introdutório aos seminaristas com referência explícita ou implícita ao parágrafo n.14 do decreto *Optatam totius* (Concílio Vaticano II [*Decreto Optatam Totius*], 1965).

Dado que as finalidades desse curso, estabelecidas no referido parágrafo variam desde o âmbito doutrinal ao espiritual e vocacional, logo começaram, na sua aplicação concreta, a apresentar delineamentos de vários tipos e com tonalidades diversas. Colocaram-se a esse respeito duas tendências: uma que tende a acentuar o papel que o curso introdutório deve ocupar no quadro das disciplinas filosóficas e teológicas e a valorizar os seus reflexos espirituais, e outra, orientada de preferência, a abrir o curso às exigências específicas dos aspirantes provenientes das profissões civis, das escolas de tipo técnico e de ambientes pouco religiosos. Houve, assim, já desde os primeiros tempos pós-conciliares, cursos introdutórios mais exigentes do ponto de vista acadêmico e outros mais atentos às necessidades de recuperação de várias dimensões formativas e, portanto, mais próximos dos que agora são chamados períodos propedêuticos (CEC, 1998).

A palavra *propedêutico* tem origem no grego: *propedeutikós* = pró, antes + Paideia instrução. Ela se refere ao que serve de introdução, que prepara ou habilita para um ensino mais completo (Dicionário Priberam on line, 2007).

O que distingue o período propedêutico do curso introdutório ou do tirocínio espiritual, previstos respectivamente nos números 14 e 12 do decreto *Optatum totius* (Vaticano II, 1965) é a finalidade e, sobretudo, o seu caráter prévio para o seminário maior. Esta etapa formativa foi desejada pela primeira vez oficialmente pela Congregação para a Educação Católica em 1980, com a carta circular sobre alguns aspectos mais urgentes da formação espiritual nos seminários. A finalidade declarada deste período de propedêutica era a de garantir a quem entrava no seminário uma profunda iniciação espiritual. Poderia obter-se assim, desde o início, um amadurecimento pessoal e espiritual, uma vez que, durante os anos de seminário, o trabalho intelectual, que ocupa a maior parte do tempo, não permite a oportunidade e a liberdade de espírito necessária para uma verdadeira iniciação espiritual (CEC, 1998).

Como é referido pela Conferência Episcopal, o período do Propedêutico tem como finalidade iniciar os jovens em todos os aspectos fundamentais da formação ao presbiterado; levar a um nível suficiente e homogêneo a sua preparação humana, cultural e religiosa; ajudá-los a aprofundar o discernimento vocacional, para que possam assumir as exigências da formação sacerdotal e da vida no seminário maior. De maneira geral, podemos dizer que o período do propedêutico varia de seis meses a dois anos. Em geral, opta-se por uma casa separada do seminário que permita certa autonomia de vida. Além disso, deve assinalar-se que alguns modelos caracterizam-se pela interioridade e pelo recolhimento, enquanto outros estão moderadamente abertos às atividades externas de diferentes tipos (CEC, 1998).

Os dados apontados pela Congregação para Educação Católica mostraram que o período pré-seminário faz-se diferente nos diversos países. Nesse sentido, podemos dizer que existem três tipos fundamentais de pré-seminários: os períodos propedêuticos autônomos, os períodos propedêuticos integrados no seminário maior ou menor e os períodos propedêuticos ligados à pastoral vocacional (CEC,1998).

A tabela abaixo mostra algumas diferenças existentes nos países (CEC, 1998):

PAIS	TIPO DE PROPÊDUTICO
Gâmbia, Libéria e Serra Leoa	Períodos Propedêuticos Autônomos
Angola e São Tomé	Períodos Propedêuticos Autônomos
Nigéria	Períodos Propedêuticos Autônomos
África do Sul	Períodos Propedêuticos Autônomos
Ruanda	Períodos Propedêuticos Autônomos
Chade	Períodos Propedêuticos Autônomos
Zimbábue	Períodos Propedêuticos Autônomos
Ilhas Filipinas	Períodos Propedêuticos Autônomos
Sri Lanka	Períodos Propedêuticos Autônomos
Tailândia	Períodos Propedêuticos Autônomos
Taiwan	Períodos Propedêuticos Autônomos
Médio oriente	Períodos Propedêuticos Autônomos
Argentina	Períodos Propedêuticos Autônomos
<b>Brasil</b>	<b>Períodos Propedêuticos Autônomos</b>
Bolívia	Períodos Propedêuticos Autônomos
Chile	Períodos Propedêuticos Autônomos
Costa Rica	Períodos Propedêuticos Autônomos
Equador	Períodos Propedêuticos Autônomos
Haiti	Períodos Propedêuticos Autônomos
Honduras e Nicarágua	Períodos Propedêuticos Autônomos
Panamá	Períodos Propedêuticos Autônomos
Paraguai	Períodos Propedêuticos Autônomos
Peru	Períodos Propedêuticos Autônomos
Republica dominicana	Períodos Propedêuticos Autônomos
Uruguai	Períodos Propedêuticos Autônomos
França (algumas regiões)	Períodos Propedêuticos Autônomos
Itália (algumas regiões)	Períodos Propedêuticos Autônomos
Holanda	Períodos Propedêuticos Autônomos
Países Baixos	Períodos Propedêuticos Autônomos
Republica Checa	Períodos Propedêuticos Autônomos
Espanha	Períodos Propedêuticos Autônomos
Suíça	Períodos Propedêuticos Autônomos

Hungria	Períodos Propedêuticos Autônomos
Bélgica	Propedêuticos Integrados seminário maior/ menor
Coréia	Propedêuticos Integrados seminário maior/ menor
França (algumas regiões)	Propedêuticos Integrados seminário maior/ menor
Canadá (francês)	Propedêuticos Integrados seminário maior/ menor
Nova Zelândia	Propedêuticos Integrados seminário maior/ menor
Itália (algumas regiões)	Propedêuticos Integrados seminário maior/ menor
Portugal	Propedêuticos Integrados seminário maior/ menor
Estados Unidos	Propedêuticos Integrados seminário maior/ menor
Austrália	Propedêuticos Integrados à Pastoral Vocacional
Antilhas	Propedêuticos Integrados à Pastoral Vocacional
Região do pacífico	Propedêuticos Integrados à Pastoral Vocacional
Inglaterra (País de Gales)	Propedêuticos Integrados à Pastoral Vocacional
Escócia	Propedêuticos Integrados à Pastoral Vocacional
Itália (algumas regiões)	Propedêuticos Integrados à Pastoral Vocacional
Portugal (algumas regiões)	Propedêuticos Integrados à Pastoral Vocacional

A mudança principal que pode ser observada nos diversos países é o deslocamento progressivo dos cursos introdutórios (que normalmente acontecem no primeiro semestre do curso de filosofia) para os cursos propedêuticos (anteriores à vida do seminário e aos estudos propriamente sacerdotais). Isso se deve ao fato de, por razões várias, ter-se acentuado a necessidade de intensificar a preparação dos aspirantes ao seminário maior não só do ponto de vista intelectual, mas também, do humano e espiritual. Neste processo de transformação, ressalta-se a incerteza da terminologia, o que torna difícil a determinação precisa dos vários modelos de formação. A este propósito é bom ter presente que tanto o curso introdutório quanto o período propedêutico têm as suas finalidades características e as suas razões de ser, pelo que não devem confundir-se ou excluir-se mutuamente. O curso introdutório (que acontece junto com a filosofia) constitui um fruto precioso do Concílio Vaticano II e deve continuar a conservar a sua validade e o seu perfil, mesmo quando for introduzido o período propedêutico (CEC, 1998).

Um ponto importante que tem necessidade de um aprofundamento ulterior e, em alguns casos, de uma autêntica avaliação, é o referente à relação do período propedêutico com a pastoral vocacional e com o seminário menor e maior. Acerca do primeiro aspecto, os candidatos, antes de serem admitidos no período propedêutico, devem ser selecionados e acompanhados durante um tempo conveniente por parte dos agentes de pastoral vocacional. Nesse sentido, o período propedêutico deve distinguir-se do serviço de acompanhamento das vocações (precedentes). Além disso, é bom que ele se distinga também do seminário menor, constituindo uma instituição intermédia entre este último e o seminário maior. Trata-se, com efeito, de completar a formação a nível secundário, mas não com uma alternativa de reposição ou substituição e sim como revisão (CEC, 1998).

Os períodos propedêuticos de carácter diocesano são, portanto, de grande utilidade e atualidade ainda que a sua instituição nem sempre seja fácil por causa da escassez de edifícios adequados, de formadores e de meios financeiros. A Congregação para a Educação Católica (1998) destaca que, no caso de países com tais dificuldades, é indispensável uma cooperação interdiocesana para criar propedêuticas regionais ou nacionais sob a responsabilidade dos bispos das respectivas regiões ou das Conferências Episcopais.

A situação atual, caracterizada por reflexões e investigações, torna necessária a troca de experiências entre os diversos responsáveis pela formação sacerdotal a fim de encontrar as melhores soluções para os problemas que ainda estão abertos, (CEC, 1998). Nesse sentido, acreditamos que pesquisas envolvendo o trabalho com grupos de crescimento psicológico podem auxiliar nas reflexões sobre a formação de seminaristas.



#### 1.4) O Seminário Maior.

Após a conclusão do propedêutico, a próxima etapa da formação sacerdotal diocesana é a entrada para o seminário maior. Esta fase tem duas etapas: primeiramente o Seminário de Filosofia e, posteriormente, o Seminário de Teologia.

Para ingressarem no seminário maior, os candidatos deverão apresentar qualidades bem determinadas, tais como: reta intenção, grau suficiente de maturidade humana, conhecimento bastante amplo da doutrina da fé, alguma introdução aos métodos de oração, costumes conforme a tradição cristã católica e experiência de vida eclesial. (Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis de 1992; Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi, 1976 como citando em CNBB, 1995). É importante que também apresentem um comportamento condizente com a opção assumida e demonstrem ter assimilado conteúdos e atitudes propostos na etapa do propedêutico. Estas disposições dos candidatos devem ser avaliadas pelo Conselho Diocesano de Formação sacerdotal que inclui o Bispo e a equipe de formadores.

O Seminário Maior representa o período conclusivo do processo de discernimento vocacional. Dele participam formandos e formadores que buscam, até o final, reconhecer a autenticidade da vocação apresentada. Além deles, também participam desse processo a comunidade paroquial, especialmente o pároco responsável, os presbitérios e a comunidade onde o formando realiza seus estágios de pastoral e exerce os ministérios. Ao final do processo, segundo a CNBB (1995), o formando deve acolher e assumir, serenamente, a conclusão do discernimento como manifestação da vontade de Deus.

## 2) A PSICOLOGIA A SERVIÇO DA FORMAÇÃO SACERDOTAL

### 2.1) Psicologia da Religião.

Segundo Valle (1998), a Psicologia da Religião estuda como a pessoa se posiciona em relação ao objeto religioso que lhe é proposto na cultura e na sociedade, seja para acolhê-lo ou para rejeitá-lo. Nesse sentido, podemos dizer que tal disciplina inclui não somente a psicologia da religião, mas também a psicologia da *não-religião*, da descrença ou do ateísmo. Segundo Ávila (2007) “o objeto da psicologia da religião é tanto a experiência religiosa do homem que se confessa crente como o fenômeno de incredulidade ou indiferença religiosa” (p.15).

A Psicologia da Religião nasceu em 1880 e esteve associada a autores como: Starbuck, Wundt, James, Leuba, Freud, Jung entre outros. Desde seu nascimento, esse é um campo que causa controvérsias de opiniões entre os autores, pois, enquanto é acusado por alguns de não religioso, outros (as exceções) consideram que deve ser desenvolvido a partir das instituições religiosas (Ávila, 2007).

A tarefa da Psicologia da Religião no âmbito das ciências humanas é estudar a origem e a natureza do sujeito religioso. Ela não procura definir o que é a conduta religiosa, mas sim *por que e como* alguns fenômenos religiosos se dão no interno da estrutura psicológica de um sujeito (Antunes, 2005). A Psicologia da Religião, portanto, não se preocupa com o teor filosófico ou teológico do religioso enquanto tal; indaga, isto sim, sobre a estrutura psicológica e a dinâmica que está por trás das formas de vivência e experiência religiosa. Assim como a sociologia e a antropologia da religião tomam como seu objeto próprio, respectivamente, a estrutura e a dinâmica social e

antropológica da religião, “a psicologia da religião vê como sua tarefa descrever e explicar psicologicamente a estrutura e a dinâmica do agir religioso do ser humano” (Valle, 1998, p.51).

Sobre a definição de religiosidade, Ávila (2007) ressalta que não existe, ainda, um conceito de religião que possa ser considerado universal e igualmente aplicável a todas as religiões concretas e nem o contrário disso, ou seja, as religiões são tão plurais e variadas que se torna impossível compreendê-las com um único conceito, mas, apesar disso, alguns autores propuseram-se a pensar sobre esse assunto.

Thouless (1961, p3-4), diz que “a religião é uma relação vivida e praticada com o ser ou os seres supramundanos nos quais se crê. A religião, conseqüentemente, é um comportamento e um sistema de crenças e sentimentos”. Ávila (2007) entende que, na definição de Thouless sobre a religiosidade, entram em jogo a totalidade do homem, seus distintos aspectos (afetivos, racionais e comportamentais) e sua dimensão de transcendência e de relação dialogal. Para Velasco, 1982 (como citado em Ávila, 2007), a religião é um fato humano complexo e específico; um conjunto de sistemas de crenças, de práticas, de símbolos, de estruturas sociais por meio dos quais o homem, nas diferentes épocas e culturas, vive sua relação com um mundo específico, ou seja, o do sagrado.

A formulação de Velasco complementa a definição de Thouless (1961), ao partir da fenomenologia, e contribui com a dimensão social e cultural. No entanto o fato de se partir de uma delimitação do fenômeno a ser estudado não significa que se deve esquecer sua função, pois, se da concepção substantiva de religião assumimos sua referência ao sagrado, à divindade e ao sentido último, a concepção funcional nos

mantém alerta para não esquecermos o aspecto de busca do mais importante, do absoluto, que se dá no homem religioso. Isso é o que leva Pargament (1997) a definir a religião como uma busca de sentido em relação ao sagrado, numa tentativa de relacionar as orientações funcionais e substantivas da psicologia da religião. Funcionalmente, a religião é uma busca de sentido, mas nem toda busca pode ser qualificada de religiosa. O que distingue a busca religiosa de outros tipos de busca é a referência ao sagrado. Essa é a substância da religião, o que a distingue de outros fenômenos humanos.

Atualmente, o fenômeno religioso continua sendo objeto de pesquisas em vários campos da ciência. Para Paiva (1989) “o fenômeno religioso é objeto legítimo e fecundo da investigação psicológica” (p.25). Esse autor, em 1986, fez um levantamento da literatura internacional sobre estudos psicológicos envolvendo religião e encontrou 2827 pesquisas sobre o tema. Assim também fez Amatuzzi (1998b), ao apresentar um levantamento para o período de 1991 a 1997, encontrando 2043 referências sobre o tema *religião*. Seguindo o mesmo estilo dos autores citados para coleta de dados estatísticos em base de dados *on line*, encontramos 1013 referências para a palavra *religião* entre os anos de 1998 a 2008. Para esse mesmo período, foram encontradas 1465 referências para a palavra *espiritualidade*, 160 referências para a frase: *Psicologia da Religião* e 2345 referências para a frase: *sacerdócio diocesano e psicologia*.

Apesar da grande quantidade de pesquisas encontradas nas bases de dados, Valle (1998) diz que os estudos envolvendo psicologia e religião ainda são poucos no Brasil e que a maioria das pesquisas está concentrada em periódicos internacionais. Sobre isso, Giovanetti (1999) ressalta que se examinarmos com atenção os currículos dos cursos de Psicologia, salvo algumas exceções, não encontraremos nenhuma disciplina em que se possa estudar, especificamente, essa dimensão da vida humana.

A pluralidade de teorias psicológicas, em geral, tem como consequência, na psicologia da religião, a falta de um paradigma global e único de pesquisa e compreensão do fenômeno. Isso se torna uma dificuldade no momento de apresentar conclusões, no entanto permite uma visão não reducionista de um fenômeno complexo. Essa afirmação, que se pode estender a todos os países, não impede que, em linhas gerais, comparando os psicólogos da religião norte-americanos com os europeus, possamos dizer que os primeiros orientam-se mais em direção a estudos experimentais, enquanto que os europeus inclinam-se mais pelos estudos fenomenológicos e dinâmicos (Ávila, 2007).

Ao se tomar como objeto de estudo uma dimensão profunda do homem como é o caso da experiência religiosa (a qual é observável, unicamente, a partir de suas manifestações expressivas como ritos, gestos e credos), é necessário entrar num processo de empatia com o homem que a vivencia, o que permite ao psicólogo que estuda esses fenômenos compreender o conteúdo simbólico do qual as expressões são portadoras, a fim de poder entender a vivência que tentam comunicar (Ávila, 2007).

Em um artigo intitulado: “Psicologia e religião: recursos para construção do conhecimento”, Ancona-Lopez (2002) faz uma reflexão sobre as dificuldades enfrentadas pela Psicologia da Religião no que se refere às pesquisas acadêmicas. Segundo a autora, o maior desafio metodológico da Psicologia da Religião é perseguir o conhecimento traçando formas de trabalho que respeitem a especificidade do saber psicológico e a singularidade das tradições religiosas, ou seja, buscar o equilíbrio entre as duas áreas e evitar aproximações reducionistas é o maior desafio do pesquisador. Além disso, Ávila (2007) fala sobre algumas compreensões redutivas da religião que aparecem nos debates que, neste momento, se estabelecem quando os psicólogos,

principalmente os norte-americanos, querem evitar o termo *religião* e substituí-lo por *espiritualidade*. Nessas discussões, quer se evitar o termo religião porque nele se acentua uma concepção reduzida aos aspectos institucionais, rituais, ideológicos e sociais. No lugar dele, utiliza-se o termo *espiritualidade* para indicar os aspectos mais pessoais, experienciais, criativos e realizadores do ser humano.

Nesse sentido, cremos que a Psicologia da Religião, que não se quer reducionista, precisa se afastar dos radicalismos e procurar modelos para a compreensão da dimensão religiosa que sejam compatíveis com as duas áreas. Não se trata de afirmar ou negar uma realidade transcendente, mas de reconhecer a especificidade das experiências consideradas transcendentais e estudá-las nas suas particularidades psicológicas.

Cabe ressaltar que reconhecer as aproximações entre as duas áreas não implica transferir conceitos e práticas de um campo disciplinar para outro, mas analisar criticamente as propostas nos dois âmbitos em diferentes níveis de profundidade e, assim, produzir conhecimento em Psicologia da Religião. Esse modo de trabalhar possibilita, ainda, integrar de modo sistematizado (mas não reducionista) conhecimentos científicos e as compreensões presentes nas tradições que nos rodeiam (Ancona-Lopez, 2002).

Apesar das dificuldades de se trabalharem e pesquisarem em psicologia, os temas ligados, à religião sabe-se que, nos últimos anos, a psicologia começou a abandonar as posições *a priori* negativas que, no passado, caracterizavam seu confronto com a religião e a teologia (Valle, 2005). Neste contexto, podemos dizer que a Psicologia da Religião é uma atividade acadêmica de ensino e pesquisa e que seu lugar na academia não é mais questionado, se atentarmos para os critérios habituais de

reconhecimento acadêmico: publicações, congressos, associações, redes de comunicação.

Como disciplina acadêmica, a Psicologia da Religião tem muito claro o que não é seu objeto de estudo: a religião em si, sua origem, essência e verdade. Quanto ao que é seu objeto, há várias formas de entendê-lo e de defini-lo. Uma forma geral é a de entendê-lo como o que é psicológico na religião e/ou espiritualidade (Paiva, 1999).

Segundo Ávila (2007), a primeira grande obra escrita sobre Psicologia da Religião é *Varietades da experiência religiosa* de William James, publicada em 1902. James foi um homem que teve grande conhecimento cultural. Emocionalmente, era uma pessoa inquieta e instável, tinha uma personalidade complexa, com tendências depressivas, o que se reflete em seus estudos. Sua vida acadêmica começa com um curso de química, o qual abandonou. Depois disso, ainda estudou biologia e medicina.

Por motivos de saúde, unidos aos surtos depressivos que duraram quase cinco anos, abandonou seus estudos e voltou à Europa. Este foi um período de crise pessoal profunda que se converteu em depressão aguda acompanhada de frequentes alucinações. Nessa época, interessou-se pela filosofia e psicologia. Estudou na Alemanha com Helmholtz e Wundt e, em 1878, começou a escrever sua obra *Princípios de Psicologia* publicada em 1890. Ao concluir seu livro, concentrou-se nos temas éticos e religiosos, especialmente no misticismo e na aplicação da psicologia à vida e à educação (Ávila, 2007).

Em *Varietades da experiência religiosa*, James tratava de justificar, e não simplesmente descrever, a experiência religiosa, defendendo suas pretensões, especialmente na última parte do livro; para isso, utilizou como método principal a

compilação de dados biográficos e autobiográficos que, para ele, revestiam-se de um enorme interesse. Por outro lado, dava pouco valor aos questionários, razão pela qual não apresenta em seu livro nenhum dado estatístico (James, 1986).

Para James, os sentimentos religiosos situam-se no homem por baixo de sua consciência clara, num nível subconsciente. Em algumas ocasiões, eles rompem bruscamente a zona da consciência, o que lhe permite explicar as manifestações bruscas de religiosidade, assim como seus motivos concretos. Nesse sentido, podemos concluir que, para James, a experiência religiosa é, antes de tudo, uma experiência que começa pelo afeto e que, posteriormente, origina as crenças. Há, portanto, em seu pensamento, uma redução da religião ao exclusivamente individual. Uma absolutização dos sentimentos e das emoções diante das crenças, dos comportamentos e, sobretudo, do aspecto social e institucional da religião, que não o interessava.

Além de James, T. Flournoy foi um dos destaques na escola de psicologia francesa. Flournoy compartilhava com James o interesse pela religião e estudou um semestre na Escola de Teologia de Genebra, mas abandonou a Teologia, porque lhe pareceu cheia de dificuldades desnecessárias. Seu interesse religioso manifestou-se, em vez disso, numa série de contribuições para a psicologia da religião. Assim como James, Flournoy também se valeu de documentos pessoais em suas pesquisas sobre a experiência religiosa. (Ávila, 2007).

Posterior a James, J.H. Leuba partia de uma teoria explicativa do fato religioso baseada nos princípios evolucionistas e da filosofia positivista, a qual denominava *biologicismo*. Segundo o autor, religião resulta da luta pela vida, e o homem vê a necessidade biológica de lutar contra os poderes que o ameaçam e busca refúgio nas



esferas superiores. Para satisfazer essa necessidade biológica, afirma a existência de outros seres e seu contato direto com eles. Na realidade, tudo isso não tem nenhum fundamento objetivo, uma vez que são puras invenções humanas. Leuba foi um dos primeiros psicólogos a sustentar energicamente que a experiência religiosa mística não justifica as crenças religiosas (Ávila, 2007).

## 2.2) O papel do psicólogo na formação sacerdotal

No final do século XX, os psicoterapeutas começaram a reconhecer que seu trabalho estava relacionado com o que se pode chamar de espiritualidade. Isso se justifica por várias razões: uma delas é que a dimensão espiritual faz parte da vida psíquica e da problemática existencial das pessoas, o que pode ser comprovado com dados empíricos fornecidos por algumas pesquisas. Massih (s/d) aponta para o fato de que aproximadamente 90% das pessoas que procuram ajuda psicológica se identificam com alguma religião, 86% acreditam em Deus, 70% consideram que há um Deus que responde às suas orações, 49% frequentam alguma igreja, e 47% consideram a fé uma coisa importante em sua vida.

Sabemos que as filiações religiosas estão cada vez mais diversificadas, portanto um exame cuidadoso das diversas formas de manifestações religiosas se faz importante, principalmente para o psicólogo clínico, que trabalha diretamente o psiquismo e, portanto, com uma das dimensões do humano. Muitos autores e pesquisadores de clara fama e grande prestígio profissional também passaram a afirmar que a religiosidade do cliente deve ser considerada como um dos fatores a serem trabalhados dentro da clínica psicológica. Essa constatação fez com que o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-IV, 1994) incluísse como

uma de suas categorias a rubrica *Problema religioso ou espiritual*. Essa categoria diagnóstica, diz o DSM-IV, é pertinente quando o foco da atenção clínica é um problema religioso ou espiritual, como experiências estressantes que envolvem perda ou questionamento da fé, problemas associados à conversão de uma nova fé, questionamento dos valores espirituais, relacionado ou não a uma igreja organizada ou instituição religiosa. Também Zangari (2003; 2005 e 2007) em suas pesquisas sobre experiências anômalas mostra a importância de estudos que relacionem, esclareçam e questionem aspectos psicológicos, religiosos e espirituais.

Diante das citadas evidências sobre a importância de se levar em consideração a questão da religiosidade no trabalho do psicólogo clínico, não podemos deixar de pensar na atuação prática desse profissional diante de temas que têm como pano de fundo ou queixa inicial a questão da religiosidade ou espiritualidade. David Wulff (1996) propõe que a dimensão espiritual, a qual emerge no tratamento e também na reflexão teórico-prática exigida por uma psicoterapia digna deste nome, seja examinada e avaliada por um esquema que comporta quatro possíveis variáveis. A cada uma delas correspondem distintas formas não só de encarar a relação entre a psicoterapia e a espiritualidade como também o modo de conceituar o tipo de relação que deve se estabelecer entre o terapeuta e o paciente que traz, como tema, questões de ordem espiritual.

Segundo Wulff, são quatro as atitudes básicas que um terapeuta pode adotar ante a questão apresentada pelo cliente. Cada uma delas corresponde um jeito determinado do cliente se relacionar com os aspectos espirituais suscitados ao longo da evolução do caso. O esquema sugerido por Wulff é bidimensional e pode ser reproduzido através de duas retas que se cruzam formando os quatro quadrantes clássicos das coordenadas de Descartes. Uma primeira atitude seria a negação literal: os profissionais que adotam

essa atitude reduzem a religião a um conjunto de afirmações irracionais a serem esclarecidas pela ciência e, conseqüentemente, a religiosidade dos sujeitos é desconsiderada e se expressa como um sintoma a ser ultrapassado. A segunda atitude é a afirmação literal: os conhecimentos científicos só são considerados se estiverem em total acordo com as crenças religiosas do terapeuta, o que gera, também, a rejeição pelas pessoas que adotam outras crenças ou outras religiões. Outra atitude seria a interpretação redutiva: esta considera a religião como um fenômeno ingênuo e busca perspectivas científicas consideradas mais competentes para interpretar os conteúdos religiosos. A atitude situada no quadrante quatro de Wulff é a interpretação restauradora: nesta, a tarefa é reorganizar os objetos da fé religiosa buscando restaurar a ligação com a realidade transcendente para a qual apontam.

Fowler (1962) e Allport (1970) também procuraram descrever a postura restauradora. Segundo eles, esta postura conduz à criação de uma comunhão respeitosa entre o paciente e o terapeuta, tornando este último alguém que cuida de maneira silenciosa, com atenção e paciência. É uma atitude que supõe um tipo de aceitação incondicional e que favorece a capacidade de enxergar além daquilo que olhos físicos conseguem ver. Seria a mesma sensibilidade que encontramos nos intuitivos, nos místicos e nos poetas. Essa atitude, segundo os autores, orienta para experiências profundas e não para aprendizagens superficiais que, em geral, são impostas de fora para dentro. Ela torna os dois, cliente e terapeuta, mais sensíveis ao sentido último das coisas. Para Ancona-Lopez (1999), “essa posição ( da afirmação restauradora ) exige que o cientista tenha clareza quanto à sua posição religiosa e esteja livre para afirmá-la e incluí-la, de forma adequada, em seu trabalho" (p.81).

Massih (s/d), em um texto publicado na internet, fala sobre o trabalho realizado no Instituto Terapeutico Acolher (ITA) cujo objetivo é o atendimento psicológico voltado para padres e religiosos. Nesse texto, a autora enfatiza a importância de se estabelecer um diálogo sobre o papel da psicologia como ciência que pode auxiliar na formação do sacerdote. Esta discussão se faz necessária se quisermos chegar a uma colaboração positiva entre psicologia e formação religiosa/ diocesana.

Ainda segundo a autora citada, alguns pontos são fundamentais para que o processo de formação seja eficiente. Segundo ela, integrar a espiritualidade com o crescimento humano e afetivo se faz extremamente necessário quando se pensa numa formação sacerdotal adequada. Nesse sentido, o trabalho de grupos de crescimento pode contribuir para um bom resultado no que se refere à questão afetivo-emocional.

Outro ponto importante destacado pela autora quanto à formação, é a possibilidade de os seminaristas discutirem e refletirem sobre seu desenvolvimento afetivo e psicosssexual em encontros de grupos mistos (feminino e masculino), assessorados por profissionais especializados. Essa proposta se aproxima muito do trabalho de grupos de crescimento realizado no propedêutico.

Apesar da importância do trabalho de profissionais especializados no processo de formação citado por Massih (s/d), o que ainda encontramos nos seminários é uma certa resistência por parte dos reitores em integrar tais trabalhos ao longo dos anos de formação. Por isso, uma discussão sobre as funções e limites dos profissionais no contexto da formação se faz necessária. Num primeiro momento, coloquemos em pauta a questão do aconselhamento psicológico e a espiritualidade. O que podemos discutir, dentro desta área, é alguns dos conceitos básicos da relação entre o aconselhamento

psicológico (ou psicoterapia) e a espiritualidade, mencionando algumas implicações para a relação terapeuta/ cliente.

Sobre isso, Farris (2005) explica que a relação de aconselhamento psicológico e espiritualidade não é a mesma coisa que aconselhamento pastoral. Este último, geralmente, é associado a igrejas protestantes, mas seu modelo é encontrado em diversas tradições religiosas. Já o aconselhamento psicológico não começa com a suposição da existência de um universo moral ou de um Deus e, nesse sentido, podemos dizer que o aconselhamento psicológico busca solucionar problemas, mudar comportamentos específicos, modificar a estrutura da personalidade e lidar com questões de autoconhecimento. Suas metas incluem a adaptação individual e social, a atualização e, de modo geral, a modificação do comportamento e atitudes. Tradicionalmente o aconselhamento psicológico tenta resolver os conflitos passados e presentes na vida do indivíduo.

As diferenciações acima se fazem necessárias para compreendermos qual a função do psicólogo e a do padre e/ou religioso no trabalho com seminaristas. Segundo Boff (2002 como citado em Giovanetti, 2005), uma compreensão saudável da espiritualidade só se constrói plenamente com base numa dimensão psicológica sadia e, nesse sentido, o trabalho com grupos de crescimento pode contribuir para um maior amadurecimento das questões psicológicas.

Segundo Valle (2005), cabe ao psicólogo compreender as experiências de seus clientes com os instrumentos teóricos e metodológicos de sua ciência. Ele o faz sabendo que uma abordagem verdadeira do religioso pede uma aproximação bem mais complexa e, no fundo, sempre insuficiente no que se refere ao objeto último da religião que é o

sagrado. Ao psicólogo da religião cabe sondar as motivações, os sentimentos, os desejos, as compreensões e as atitudes, expressos nos comportamentos religiosos. Em última análise, ele estuda como e por que o homem se religa ao sagrado, como sua realidade espiritual se representa e se expressa nos limites de um determinado espaço e tempo. Seu interesse e objetivo é o de compreender, dinamicamente, a experiência e o comportamento religioso da pessoa como uma vivência que influencia de modo único o seu desenvolvimento pessoal e sua vida. O inefável e o misterioso dessa experiência só podem ser considerados pelo psicólogo por meio da perspectiva daquilo que afeta e transforma a pessoa em seu ser e em sua vida de relação com Deus e consigo mesma pela mediação dos outros.

Diante das posições dos autores citados sobre as contribuições que a psicologia pode oferecer no campo da vida religiosa e/ou sacerdotal o que podemos pensar quanto ao tema desta pesquisa é que cabe ao psicólogo, como profissional da saúde, trabalhar as questões emocionais, afetivas e comportamentais que estão envolvidas no processo de formação de seminaristas e também no atendimento de leigos que trazem como queixa questões de cunho religioso.

O ser humano é um ser único, e olhar para ele tentando dividi-lo em partes seria o mesmo que tentar compreender as doenças psicossomáticas apenas do ponto de vista fisiológico ou somente do ponto de vista psicológico. Já sabemos que isso não funciona. Porém, quando procuramos um médico para cuidar da parte fisiológica e um terapeuta para cuidar da parte psicológica, a chance de se alcançar um resultado promissor é bastante alta.

O mesmo acontece quando pensamos nas questões de ordem psicológica e espiritual. Não cabe ao psicólogo trabalhar no sentido de dar respostas prontas ou mesmo discutir com seus clientes questões de cunho teológico. Isso é trabalho do orientador espiritual, assim como não cabe ao orientador espiritual fazer interpretações e/ou trabalhar com questões emocionais que tenham uma origem psicológica. Cabe destacar, no entanto, que é trabalho do psicólogo entrar em contato com as questões de cunho religioso e/ou espiritual de seus clientes, mas sempre no sentido de promover um diálogo que os auxilie em seu desenvolvimento pessoal.

Não estamos dizendo, contudo, que devemos separar as diversas dimensões que compõem o humano, pois, como já dissemos anteriormente, isso não é possível, mas podemos entender que, dentro do campo do humano, existem dimensões físicas, psicológicas e espirituais que, se trabalhadas harmonicamente dentro dessas três dimensões poderá gerar, como resultado, uma melhora na qualidade de vida do ser humano em todos os aspectos.

Nesse sentido, é função do psicólogo ajudar seu cliente, seja na clínica particular ou em alguma instituição como as religiosas, por exemplo, a trabalhar dentro daquilo que lhe cabe, mas nunca ignorando os demais aspectos que estão envolvidos na queixa trazida. De maneira resumida, podemos dizer que o bom profissional será aquele capaz de dar conta de sua área de trabalho sem desprezar ou ignorar a imensidão que é o ser humano.

### 2.3) Autores da psicologia humanista frente à religiosidade

Muitos autores, dentro da Psicologia Humanista, trabalharam e escreveram sobre a questão da religiosidade humana. Maslow (1964) falou sobre o tema religiosidade em seu livro: *Religião, valores e experiências culminantes*. O autor, que dedicou suas obras ao tema das motivações e necessidades humanas, chamou de *experiências culminantes* aquelas que remetem a uma plenitude de ser e que não são iguais a nenhum outro tipo de vivência. Essas experiências podem ser denominadas de espirituais no sentido mais amplo do termo, pois, embora sejam à base das experiências religiosas propriamente ditas (vivências e sentimentos religiosos, revelações, iluminações etc.) não são exclusivas delas, mas comuns à intuição artística, aos sentimentos altruístas entre outros.

Além de Maslow, também Allport estudou psicologia da religião e foi um dos grandes nomes nessa área. Embora suas obras não tenham se iniciado nesse tema (começou com o estudo da personalidade) foi com a sua *Teoria da Personalidade* que passou a escrever sobre religiosidade. Allport ressaltava que a diferença entre os homens não estava na estrutura de sua personalidade, mas sim, em sua dinâmica, seu direcionamento. Essa preocupação o levou a se interessar pelas motivações, que têm a função de serem os motores e diretores do comportamento e, depois disso, começou a se interessar pelo tema da religiosidade. Entre 1944 e 1950 pesquisou o significado da religião na organização da personalidade e mediu, em colaboração com outros autores, a incidência do sentimento religioso numa amostra de estudantes. Com o resultado publicou, em 1950, uma importante obra: *O indivíduo e sua religião* na qual descreveu o papel da religião subjetiva na estrutura da personalidade. Segundo o autor, a experiência religiosa não acontece da mesma maneira em todos os indivíduos, sendo



que, em alguns pode acontecer de forma mais madura e, em outros, de forma mais imatura, dependendo da maneira como cada um experimenta tal experiência.

Assim, a experiência religiosa madura torna-se um fator impulsor da personalidade, capaz de proporcionar unificação interior e compreensão da realidade circundante, o que imprime a existência um singular dinamismo que vai especificando-se em comportamentos cada vez mais articulados e coerentes (Allport, 1961). Em um estudo semelhante ao de Allport, Antunes (2005) estudou a experiência religiosa de católicos e seus resultados também apontaram para um maior crescimento psicológico em indivíduos que demonstram ter uma experiência religiosa madura. Além dos autores já citando, Amatuzzi (1998 a) em seu artigo *Experiência religiosa: busca de uma definição* procurou compreender o sentido da experiência religiosa na vida de leigos católicos e encontrou resultados parecidos com os já citados.

Além de Allport e Maslow, Fromm também trabalhou com tema da religiosidade. Este último, no entanto, procurou compreender o tema, dentro de uma perspectiva social. Por ter formação em sociologia, o autor ocupou-se em estudar a psicologia do homem contemporâneo na sociedade.

Em seu livro *Psicanálise da sociedade contemporânea*, Erich Fromm, (como citado em Ávila, 2007) preocupou-se com a qualidade de vida no horizonte da sociedade atual. Essa preocupação foi denominada, pelo autor, de psicanálise humanista.

Dentre suas principais obra, destaca-se: *O dogma de Cristo*, na qual analisou as circunstâncias sociais em que se originou o cristianismo. Para ele, é nas necessidades propriamente humanas e sociais que aparecem as ideologias e, como respostas, surgem

as religiões. Fromm (1984) utilizava o termo religião num sentido amplo, o qual engloba toda resposta última para o sentido da vida.

Outro autor humanista de renome na área da Psicologia de Religião é Erikson que herdou da psicanálise uma atitude crítica em relação ao fenômeno religioso, mas difere radicalmente da avaliação de Freud quanto ao significado da religiosidade humana. Para Erikson a fé religiosa até pode ser vulnerável a distorções patológicas (como dizia Freud), mas, por outro lado, quando vivenciada em sua forma positiva e ativa é vital para a obtenção do amadurecimento humano (Érikson, 1980). O mesmo autor dizia que, “embora o desenvolvimento humano requeira múltiplos apoios sociais, é principalmente a religião que trata da origem e das coisas passadas: a confiança básica e o sentimento de ordem do cosmos” (p.91). O interesse de Erikson estende-se para além da vida do homem comum e se concentra no estudo dos grandes homens religiosos, aqueles para os quais o desafio da integração última é uma crise permanente em suas vidas.

### 3) O GRUPO DE CRESCIMENTO (GC)

#### 3.1) As origens do grupo de crescimento

Antes de iniciar o relato sobre surgimento dos grupos de crescimento, é necessário esclarecer que essa designação tem várias acepções. Pode-se pensar na palavra crescimento, utilizada por psicoterapeutas, para expressar o progresso de seus clientes individuais e/ou grupais em qualquer tipo de intervenção. Um grupo terapêutico pretende

proporcionar crescimento, tanto individual quanto global. O termo se aplicaria, então, a diversas formas e modelos de intervenções grupais. Este seria o sentido mais genérico da expressão: qualquer grupo terapêutico é um grupo de crescimento.

Neste trabalho, porém, grupo de crescimento (GC) diz respeito a um tipo de grupo específico, que possui um embasamento teórico, um funcionamento baseado em sete passos e algumas orientações pré-estabelecidas para o coordenador.

O GC que aqui propomos surgiu na Clínica-Escola de Psicologia da PUC-Campinas a partir da proposta do professor Dr. Mauro Martins AmatuZZi e teve seu primeiro estudo acadêmico com a dissertação de mestrado de Martins (2004) que procurou compreender os efeitos dessa modalidade de grupo sobre seus participantes e sua possível adequação a uma clínica-escola.

### 3.2) Inspiração nas Abordagens Humanistas

Os GCs, de acordo com Martins (2004), inspiraram-se primeiramente no método de reuniões (ver-julgar-agir), utilizado em movimentos estudantis da segunda metade do séc.XX e também nos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa (no que se refere às atitudes do coordenador).

Segundo Rogers (1983) há três condições subjetivas por parte do facilitador de grupo que devem estar presentes a fim de criar um clima favorável ao crescimento, são elas:

1) Congruência (autenticidade): quanto mais o facilitador for ele mesmo (tendo acesso a sua experiência imediata) na relação com os membros do grupo, maior a probabilidade de os participantes se desenvolverem de modo construtivo.

2) Consideração positiva incondicional (aceitação): essa atitude tem duas dimensões: valorização da pessoa como tal e aceitação incondicional de tudo que ela queira dizer ou expressar na relação (o que não quer dizer aceitação de qualquer ato que a pessoa venha a fazer ou tenha feito no passado), ou seja, uma atitude positiva em relação ao que os clientes estão sendo naquele momento. Quando isso ocorre, também aumenta a probabilidade de que ocorra um movimento para a mudança

3) Compreensão empática (empatia): o facilitador captar com precisão os sentimentos e significados pessoais que os participantes expressam no grupo e deve devolver a eles aquilo que captou. No caso do GC, o facilitador poderá expressar o que ele está sentindo em relação ao grupo como um todo ou também com uma pessoa em especial.

### 3.3) Explicações sobre o Grupo de Crescimento

O grupo de crescimento (GC) é um tipo de grupo que pode ser caracterizado como psicoeducativo, ou seja, ensina àqueles que participam dele a olhar para seu cotidiano de forma especial. Tem um enfoque terapêutico, mas não deve ser confundido com grupos de psicoterapia como os que encontramos em diversos contextos. Essa diferenciação se dá principalmente pelo fato de que os grupos terapêuticos partem da necessidade de cada participante em resolver algum problema psicológico individual e particular, enquanto os grupos de crescimento partem de uma necessidade de aprender a olhar a vida com uma atenção diferenciada e elaborar isso na interação do grupo. O

início do grupo se dá por meio de uma pergunta disparadora: “o que tocou você durante a semana?” ou “qual fato vivenciado por você durante esta semana foi mais marcante ou significativo?” (Martins & AmatuZZi, 2005).

Em sua pesquisa com grupos de crescimento, Martins (2004) utilizou Versões de Sentido (VSs) as quais podem ser definidas como “a fala expressiva da experiência imediata de seu autor em face de um encontro recém-terminado” (AmatuZZi, 2001b, p.74). As versões de sentido são relatos livres que não têm a pretensão de ser um registro objetivo do que aconteceu no encontro, mas sim, a expressão da reação sentida naquele momento. Nesta mesma pesquisa Martins (2004) concluiu através das VSs de seus participantes, que os encontros de Grupos de Crescimento foram importantes, porque proporcionaram aos membros a oportunidade de compartilharem sentimentos e vivências. Isso trouxe, além do alívio emocional, alguns esclarecimentos para questões pessoais que surgiram durante o grupo.

Ainda segundo Martins (2004), o Grupo de Crescimento procura fazer com que os participantes busquem o sentido de suas experiências cotidianas através de uma reflexão de tipo fenomenológico. Buscar o sentido de vivências reais é uma das formas de descrever o vivido, e a descrição é o modo utilizado pela fenomenologia para que se possa chegar ao fenômeno e torná-lo presente de forma reflexiva (AmatuZZi, 2001b).

Os estudos de Martins (2004) revelaram, ainda, que a busca de sentido dos participantes estava intimamente ligada a um olhar para a relação significativa de cada sujeito com o mundo e, através da escolha e do relato de um acontecimento que os tenha tocado pessoalmente, exerceu-se a partilha de significados comuns e se iniciou a formação de um senso comunitário de estar no mundo. Esse movimento gera na pessoa o

hábito de refletir em grupo, que, por sua vez, ajuda a pessoa a pensar em seus problemas de forma mais criativa.

### 3.4) Os sete passos

Os sete passos constituem uma formulação didática do movimento grupal que pode ajudar os coordenadores a nortear o andamento das discussões (Martins, 2004). Os GCs realizados nesta pesquisa não seguiram rigorosamente os sete passos propostos por AmatuZZi (2001b) mas neles se basearam para o trabalho.

1) SENTAR: é um ato que demonstra uma parada no cotidiano, interrompe-se a “correria”, o fluxo automático das atividades. Ao se dispor a sentar, o cliente passa a uma postura de reflexão. No caso do grupo, sentar-se em cadeiras confortáveis e em disposição circular para que todos possam se olhar frente a frente. Este primeiro passo segue um princípio comum a todas as abordagens psicológicas, o de cuidar do ambiente físico e social para que se estabeleça um clima favorável para o encontro do grupo.

2) CONTAR: é o ato de narrar fatos significativos que tenham ocorrido nas últimas semanas. Os participantes contam ao grupo algo que os tenha tocado de modo especial.

3) ESCOLHER: de todos os fatos relatados, escolhe-se aquele que faz mais sentido aos membros do grupo a fim de que seja aprofundado na sequência. No caso de mais de um tema ter chamado a atenção do grupo, pode-se escolher dois.

4) SINTONIZAR: nesse momento, todos os membros do grupo contam alguma experiência pessoal que tenha o mesmo sentido daquela escolhida e relatada anteriormente. Este quarto passo tem relação com a empatia. (AmatuZZi, Eccheverria, Brisola e Giovelli, 1996).

5) **ANALISAR:** é o momento de discernir no fato escolhido quais as pessoas envolvidas, seus sentimentos e atitudes, conflitos e interesses em jogo, expressões de conflitos sociais, valores e anti-valores, isto é, aspectos positivos e negativos. Trata-se de olhar para o fato de forma mais ampliada. Nesse momento, podem-se utilizar como material de apoio teorias psicológicas, letras de músicas e textos reflexivos. Esse passo está ligado às práticas psicológicas, mas não é sistematizado como uma etapa diferenciada ou específica.

6) **AGIR:** esse passo é vivenciado quando cada membro relata para o grupo o que está levando consigo da reunião que acabou de acontecer, ou seja, a conclusão que a pessoa tirou. Nos grupos comunitários (que não é o caso desta pesquisa), é nesse passo que se parte para o planejamento de alguma ação do grupo no meio externo (Barreto, 2005). Nos grupos de crescimento em contexto clínico, esse passo se dá quando cada participante indica qual a lição que está tirando da reunião.

7) **DESPEDIR:** nesse momento, dão-se os avisos necessários, fazem-se as combinações para o próximo encontro e é também o momento de dar uma atenção especial a algum membro do grupo. Cabe ao coordenador perceber se algum participante necessita de cuidados especiais e oferecê-los quando necessário. Em alguns casos, há a necessidade de encaminhamentos para outras instâncias de ajuda como centros de saúde, vara da infância e juventude entre outras.

### 3.5) O facilitador do grupo

Na literatura, alguns autores discorrem sobre as diversas formas de coordenação de grupos existentes, levando em consideração as abordagens teóricas utilizadas pelos

coordenadores. Andaló (2001) diz que o coordenador que segue uma linha de atuação psicanalítica é visto pelo grupo como um modelo de estabilidade, que demonstra calma, consistência, força de ego e objetividade, já Macedo (1998), ao falar sobre as abordagens humanistas (que é o caso deste estudo), ressalta que o facilitador deve acompanhar o ritmo do grupo e não impor nada a ele, ou seja, deve trabalhar dentro daquilo que o próprio grupo apresenta como material de trabalho para não comprometer as experiências originadas no grupo.

Nesse sentido, vimos que o termo *facilitador* diferente de uma abordagem para a outra. Enquanto na psicanálise os facilitadores são diretivos e conduzem o grupo intensamente, baseados na ideia de que os grupos já detêm características e capacidades, necessitando apenas serem reveladas pelo facilitador, nas abordagens humanistas, os facilitadores trabalham o grupo dentro de seu próprio movimento.

Levando em consideração a vivência de alguns líderes de Grupos de Crescimento, pode-se sistematizar em três suas funções básicas (Martins, 2004):

- 1) Função de facilitador: compreender e elucidar os sentimentos dos participantes do grupo promovendo, assim, uma melhor comunicação entre eles;
- 2) Função de coordenador: propor que o grupo siga os sete passos, controlar o tempo cronológico da reunião e cuidar para que cada pessoa seja respeitada ao falar;
- 3) Função de mediador: captar o tema emergente no grupo e em determinados momentos propô-lo à discussão promovendo seu desenvolvimento ou reflexão.

Nos GCs descritos por Martins (2004), o coordenador atua como uma espécie de tutor dos sete passos do GC e, como tal, tem a função de perceber se os passos ocorrem ou não e, caso eles não estejam ocorrendo de forma espontânea, propor as passagens. O



coordenador acaba fazendo isso de forma sutil, pois ele não explica aos participantes que existem passos a serem cumpridos, mas, respeitando o andamento do grupo, vai sugerindo com calma e tranquilidade as passagens úteis ao desenvolvimento produtivo do grupo.

### 3.6) Grupo de crescimento e desenvolvimento psicológico

Psicologicamente falando, no jogo grupal, é necessário considerar ao menos dois níveis: o primeiro é o das pessoas; no grupo cada um é um, nele os indivíduos se unem ou se contrapõem entre si, enredando-se em questões que quase sempre escondem motivações e interesses dos quais os participantes não têm, em geral, inteira percepção. Um segundo nível é o propriamente grupal, que pode estar paradoxalmente dissociado do primeiro e, no entanto, influenciando sobre ele. Os grupos humanos, quaisquer que sejam seus objetivos e valores proclamados, podem sentir-se ameaçados em sua identidade e coesão interna e perceber, por isso, uma pressão no sentido de desenvolverem estratégias que os mantenham unidos e em funcionamento (Valle, Massih e Morais, 2004).

Valle *et al* (2004) ressaltam que conhecer as possibilidades e limites da convivência em grupos não significa uma garantia para o amadurecimento das relações das pessoas com as instituições religiosas que as sustentam. No entanto o trabalho grupal pode colaborar no sentido de tornar mais transparentes e realistas os objetivos que a vida religiosa propõe.

O grupo humano, para ser lugar de crescimento, precisa desenvolver um clima de solidariedade, de respeito mútuo, de afirmação emocional, comportamental e axiológica que possa facilitar o surgimento de laços afetivos e significados comuns. Nos grupos de

religiosos, segundo Valle *et al* (2004), o que se observa é que eles se alinham entre os dispositivos sociais e culturais mais aptos para legitimar e prolongar modos infantis de definição da autoimagem e da imagem do outro. Somente grupos psicologicamente adultos sabem reagir adultamente às situações de crise, daí a necessidade de se trabalhar, psicologicamente, os grupos religiosos.

Os mesmos autores relatam que em uma pesquisa realizada pelo CERIS (2003), sobre o que mudar na vida religiosa/diocesana, há uma constatação interessante no que se refere à vida em grupo ou comunidade. Segundo os resultados dessa pesquisa não há um clima amigável no seio das comunidades religiosas, e os pontos indicados pelos religiosos como necessitados de urgentes mudanças são os que tocam a vida comunitária e/ou grupal. Constatação análoga também foi feita por uma ampla pesquisa realizada com religiosos jovens. Também eles clamam por ambientes religiosos acolhedores e dialogantes. Essas mudanças desejadas pelos religiosos talvez sejam possíveis através dos trabalhos grupais que proporcionem maior abertura para os relacionamentos interpessoais, como é o caso dos GCs.

### 3.7) Crescimento Psicológico – Carl Rogers

As forças positivas em direção à saúde e ao crescimento são naturais e inerentes ao organismo. Baseado em sua própria experiência clínica, Carl Rogers concluiu que os indivíduos têm a capacidade de experienciar e de se tornarem conscientes de seus desajustamentos. Isto é, a pessoa pode vivenciar as incoerências entre seu autoconceito e suas experiências reais. Esta capacidade que reside em nós é associada a uma tendência subjacente à modificação do autoconceito, no sentido de estar realmente de acordo com a

realidade. Rogers postula, portanto, um movimento natural para a resolução do conflito. Vê o ajustamento não como um estado estático, mas como um processo no qual novas aprendizagens e novas experiências são cuidadosamente assimiladas (Rogers, 1984).

O autor estava convencido de que estas tendências em direção à saúde são facilitadas por qualquer relação interpessoal na qual um dos membros esteja livre o bastante da incongruência para estar em contato com seu próprio centro de autocorreção. A maior tarefa da terapia seria, portanto, estabelecer tal relacionamento genuíno. Aceitar-se a si mesmo é um pré-requisito para uma aceitação mais fácil e genuína dos outros, em compensação, ser aceito por outro conduz a uma vontade, cada vez maior, de aceitar-se a si próprio. Este ciclo de autocorreção e autoincentivo é a forma principal pela qual se minimizam os obstáculos ao crescimento psicológico (Rogers, 1984).

### 3.8) Maturidade e formação sacerdotal

Valle *et al* (2004) trazem importantes contribuições no que se refere à questão da maturidade psicológica e espiritual no contexto da vida religiosa. Segundo os autores, foi somente depois do Concílio do Vaticano II que se começou a aceitar a utilidade e necessidade da participação de psicólogos e outros profissionais no processo de formação religiosa. Em 1995, os bispos do Brasil anunciaram o seguinte princípio: “A maturação psico-afetiva global é uma construção progressiva, em que a *ação de Deus* e a liberdade humana se integram. Os formadores a acompanham diligentemente, em um clima de abertura e confiança mútua, valendo-se oportunamente da colaboração de pedagogos, psicólogos e outros especialistas de comprovada idoneidade, competência e orientação cristã” (CNBB, 1995 p.66). Além desse, também o documento “Orientações para utilização

das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio” escrito pela Congregação para Educação Católica em 2008 fala sobre a importância do trabalho de profissionais na formação de sacerdotes.

Em psicologia, maturidade e integração são duas palavras estreitamente associadas, não existe maturidade sem integração e vice-versa. Só é considerada uma pessoa integrada (sadia psicologicamente) aquela que amadureceu nos vários aspectos que compõem o todo da vida biológica, emocional, afetiva, cognitiva e espiritual. Essa distinção entre maturidade e integração precisa ser bem compreendida para que possamos entender os diversos aspectos que compõem a formação da vida religiosa, uma vez que, até os dias de hoje, não se tem o hábito de distinguir entre maturação e integração dentro da vida diocesana e religiosa consagrada (Valle *et al*, 2004). Esses autores, referindo-se a Winnicott destacam que o ser humano resulta de um desdobramento temporal que tende por si mesmo a conduzi-lo ao amadurecimento. Segundo Valle et al (2004), é na integração com o ambiente em que se vive que uma pessoa desenvolve, ou não, suas dimensões afetiva-emocional, intelectual, social, política e religiosa.

Vários psicólogos de renome tentaram definir a maturidade humana. De maneira sintética, podemos dizer que a maioria deles pensa maturidade nos seguintes pontos: a personalidade madura é a que reconhece ativa e realisticamente o ambiente físico, social, cultural e humano em que se vive; demonstra certa unidade pessoal que decorre de um autoconceito capaz de perceber com propriedade o mundo e, nele, a si mesmo. A maturidade supõe, portanto, que a pessoa goze de autonomia.

Valle *et al* (2004), baseando-se no pensamento de Allport (1970), partem do princípio de que o ser humano, ao longo do lento e contraditório processo de seu

amadurecimento pessoal, precisa passar de uma atitude de captação narcisista do que o cerca a uma postura de reconhecimento e abertura ao outro. O nível de maturidade psíquica nem sempre corresponde ao da maturidade na resposta vocacional de fé e vice-versa. O mais frequente é a existência de malogros e desacertos em um dos dois níveis e, não raro, nos dois. É aí que surge o problema psicológico da realização pessoal do vocacionado como ser humano.

Em geral, as motivações iniciais responsáveis pelo primeiro desejo vocacional são imaturas e insuficientes para sustentar uma opção que deve durar toda uma vida. Mas o candidato ao sacerdócio que evolui psicológica e espiritualmente descobre, com a ajuda dos formadores e do grupo de profissionais envolvidos na formação, maneiras de personalizar os valores vocacionais, integrando-os em sua vida e deles se apropriando.

## MÉTODO

*“Uma psicologia humana passa, muitas vezes, por uma abordagem fenomenológica, seja no sentido mais puro de um olhar para a consciência e os significados do sujeito entrevistado, seja no sentido em que esse olhar é determinado pelas indagações que habitam o pesquisador”.*  
(Amatuzzi, 2001b p. 53).

### 1) O caminho utilizado para a realização deste estudo.

Segundo Pinto (2004), toda pesquisa científica implica uma teoria como base e um método (ou caminho) como procedimento. Assim, a teoria e o método são os dois pilares da pesquisa científica que irão possibilitar a investigação do conjunto de problemas relativos ao foco de estudo.

Cabe esclarecer que o caminho percorrido na construção do conhecimento da presente pesquisa tem características fenomenológicas e também dialéticas. Isso, porque a forma como este estudo foi conduzido (criação de um espaço de reflexões no interior de uma instituição religiosa para que os participantes pudessem falar livremente sobre suas experiências e, a partir daí, acessar os significados vividos por eles) aproxima-se da intenção fenomenológica de pesquisa (na medida em que esta busca um acesso ao vivido, sua expressão e possível ressignificação) e também da dialética porque levou em conta o contexto dialógico no qual se desenvolveu o estudo e permitiu uma abertura para níveis mais abrangentes de significado. Esta intenção fenomenológica foi o que se

pretendeu na realização do trabalho com grupos de crescimento no seminário propedêutico e, depois, na reflexão desse trabalho nos moldes de uma pesquisa acadêmica. Em outras palavras, a intenção fenomenológica guiou tanto a realização do trabalho prático de grupo de crescimento (foi possível chegar aos sentimentos vividos e aprofundar os seus significados) como a análise de resultado realizada depois (explicitar os significados dessa experiência de grupo de crescimento para o próprio desenvolvimento psicológico e formativo dos futuros sacerdotes).

Segundo AmatuZZi (2003), as pesquisas de inspiração fenomenológicas são basicamente pesquisas de natureza (e não de extensão), porque visam a compreender o que é determinado fenômeno e como acontece a sua vivência. Nesse sentido, tanto o trabalho de GC como a análise desta pesquisa não podem ser consideradas atividades quantitativas, mas sim, qualitativas, porque o que se pretendeu não foi fazer um levantamento e mensuração dos problemas envolvidos, mas, realizar uma descrição qualitativa desses problemas a fim de se propor uma discussão de seus possíveis significados.

O mesmo autor explica ainda que as pesquisas qualitativas de inspiração fenomenológicas (que foi o caso do presente estudo) visam a uma compreensão a partir do clareamento da situação a ser pesquisada e que este tipo de estudo pode ter diferentes finalidades. Quando se pretende construir uma compreensão de algo a partir da experiência comum acessada pela reflexão do pesquisador como ser humano, temos a pesquisa fenomenológica no sentido filosófico do termo. Mas também é possível construir uma compreensão de algo fundamentando-se numa análise sistemática de dados e, com isso, tem-se a pesquisa fenomenológica no sentido mais empírico ou

científico do termo. Para esse tipo de estudo, AmatuZZi (2003) utiliza o nome de pesquisa fenomenológica empírica. Cabe destacar que os dois enfoques citados não são os únicos possíveis dentro das pesquisas qualitativas, pois, além deles, o mesmo autor ainda cita as pesquisas fenomenológicas de tendência dialética e explica que esse tipo de estudo visa à construção de um conhecimento comum ao grupo, baseando-se no diálogo exploratório entre os participantes de tal modo que, no final do trabalho, o grupo saia com experiência diferente da que começou. Na análise desse percurso, quando a tendência é dialética, são levados em conta horizontes mais amplos de sentido (como o histórico-cultural, por exemplo).

Sobre as pesquisas de tendência dialética, AmatuZZi (1996) ilustra seu pensamento da seguinte forma: “as pesquisas fenomenológicas de tendência dialética procuram elucidar teoricamente uma prática situada de forma a interferir na tomada de posição das pessoas envolvidas” (p.09). Isso quer dizer que, neste tipo de pesquisa, ocorre uma maior participação da subjetividade do pesquisador, leva-se em conta o contexto dialógico no qual se desenvolve a pesquisa, permite-se uma abertura para níveis mais abrangentes de significado relacionados com o contexto social, histórico ou cultural. Podemos afirmar que o presente estudo aproximou-se também dessa intenção, pois o trabalho de grupo de crescimento (com intenção a fenomenológica de buscar os significados vividos e com isso facilitar sua ressignificação ou o surgimento de novos significados) gerou novas possibilidades de se pensar a continuação do trabalho de formação sacerdotal. A pesquisa fenomenológica de tendência dialética busca os significados de forma com que eles possam gerar novos significados e com isso proporcionar reflexões que podem, ou não, gerar mudanças (no caso deste estudo, novas maneiras de se pensar a formação de pré-seminaristas).



Amatuzzi (2003) diferencia a pesquisa fenomenológica de tendência empírica da pesquisa fenomenológica de tendência dialética, dizendo que a primeira fica nos conteúdos expressos e seus significados vividos (não pretende fazer evoluir alguma coisa, apenas teorizar a respeito de um determinado fenômeno que se expressa). Já a segunda tendência instaura uma situação dialógica que permite a evolução dos significados como um processo histórico e dialético.

Diante da diferenciação proposta por Amatuzzi (1996 e 2003), para explicar as pesquisas fenomenológicas de tendência empírica e dialética, podemos dizer que este estudo aproxima-se mais das pesquisas fenomenológicas de tendência dialética, porque, ao contrário da tendência empírica, ela não procurou captar o estático, mas sim, introduzir um movimento de ressignificações através de uma postura dialógica.

### 1.1) O acesso ao vivido

Na pesquisa psicológica de inspiração fenomenológica, o relato é tomado em sua intencionalidade própria e constitutiva, isto é, não é tomado pelo que revela, mas sim, pelo que é. A preocupação do pesquisador é sempre no sentido de buscar aquilo que o participante realmente quis dizer, ou seja, a essência da fala da pessoa. Assim, o pesquisador aceita o desafio da palavra dirigida e a diz novamente no contexto de uma determinada problemática. O que o pesquisador busca no relato é a experiência intencional, vivida, para construir uma compreensão que responda às suas indagações (Amatuzzi, 2003). Foi o caso deste estudo, que procurou compreender, a partir das vivências de grupo, qual o sentido do trabalho de GC para o desenvolvimento pessoal e formativo de pré-seminaristas.

Nesse sentido podemos afirmar duas coisas em relação à pesquisa fenomenológica: a primeira é que esta é a pesquisa do vivido e a segunda é que o vivido pode não ter sido acessado anteriormente pelo sujeito participante, isso porque ele não é, necessariamente, conhecido de antemão. Segundo Amatuzzi (2001,b) é no ato da relação pessoal, quando surge a oportunidade de dizê-lo, que, normalmente ele é acessado. Para o mesmo autor, o vivido é uma reação humana imediata àquilo que acontece antes mesmo que se tenha refletido ou elaborado conceitos; “é diante de uma indagação que o vivido se manifesta” no plano do discurso (p.53).

Partindo da afirmação a cima (de que a pesquisa fenomenológica é a pesquisa do vivido) pode-se presumir que para a sua realização deve existir um trabalho: o esforço que faz a dupla (pesquisador e participante) de ir além das estruturas já dadas, de ir além dos modos habituais de pensar e buscar uma conexão mais fluente com a experiência, ou seja, deixar de lado essas estruturas habituais do pensamento para permitir o surgimento de outras a partir do vivido. Tal esforço é chamado de redução fenomenológica e, na prática, consiste em deixar com que surja um modo de pensar o vivido que não se apoie em modelos prévios (Amatuzzi, 2001b).

### 1.2) As pesquisas qualitativas

As pesquisas de inspiração fenomenológica estão contidas dentro das chamadas pesquisas qualitativas. Assim, uma análise fenomenológica é, necessariamente, qualitativa. Segundo González Rey (2002), as pesquisas de tipo qualitativo visam a “uma análise acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica que representa a subjetividade humana” (p.73).

Pinto (2004) destaca que a metodologia qualitativa de pesquisa em psicologia clínica “considera a ciência como uma construção da subjetividade humana” (p.03). Nesse sentido, a autora explica que esta forma de fazer ciência apresenta uma epistemologia específica na qual a investigação é construída dentro do fenômeno estudado. Isto também descreve a presente pesquisa com grupos de crescimento psicológico na formação sacerdotal.

Complementando o que diz Pinto (2004), González-Rey (2002) ressalta que as construções qualitativas convertem-se em recursos indispensáveis para se entrar numa zona de sentido oculta pela aparência, como também é o caso do presente estudo que revelou os significados ocultos nas vivências dos pré-seminaristas com o intuito de utilizar tais significados como orientação para o prosseguimento do processo formativo.

Assim, podemos observar que a pesquisa qualitativa tem diferentes repercussões na metodologia, diferenciando-se da maneira tradicional de realizar pesquisa nas ciências naturais. Nela destaca-se o lugar ativo do pesquisador e do sujeito pesquisado como produtores de pensamento e não a neutralidade do pesquisador (como no caso das ciências naturais).

Na presente pesquisa com pré-seminaristas a preocupação com o processo foi maior do que com o produto (Dencker, 2001) e o interesse da pesquisadora foi verificar como o problema se manifesta no cotidiano, mais especificamente, em como as experiências cotidianas foram vivenciadas pelos participantes do grupo.

Em relação à atuação do pesquisador nos estudos qualitativos, podemos dizer que existem diversas formas de participação, mas, para este estudo, a que mais interessou foi a de tipo observação participante, pois a pesquisadora desempenhou o papel de facilitadora, tornando-se, assim, participante do grupo. Neste tipo de pesquisa, o pesquisador não é mero espectador e se coloca na posição de membro do grupo para se tornar um deles e assim se aproximar do fenômeno (Richardson, 1999).

Quanto à generalização nas pesquisas qualitativas, esta tem caráter processual, dinâmico e se define pela qualidade da construção teórica, visando ao conhecimento dos aspectos do assunto estudado. A preocupação é conceitual e não estatística. A generalização é definida por Gonzalez Rey (2002) pela abrangência e pelo poder gerador na produção de novas ideias. O autor ressalta que, ao considerar a generalização como qualidade da construção teórica, os critérios de sua definição deixam de ser correlacionais, de repetição ou de padronização. Por isso a individualidade é fonte legítima para a produção de generalizações.

## 2) Participantes

Segundo Martínez (1994) a escolha dos participantes de uma pesquisa depende da natureza do conhecimento que se deseja alcançar, ou seja, dos objetivos do estudo. Segundo esse autor, para se conhecer a “estrutura ou sistema dinâmico (...), ou seja, a rede de relações que configura um todo organizado, como é o caso da maioria das estruturas psíquicas” (p. 127) é necessário escolher casos típicos ou representativos.

Este estudo foi baseado na análise de três grupos com números variados de participantes, sendo que, em alguns casos, o grupo iniciou-se com um número de

peças e terminou com outra, isso porque alguns dos participantes desligaram-se do seminário.

Os três grupos estudados, que chamarei de CG1, CG2 e CG3, foram compostos por pré-seminaristas que cursaram o Seminário Propedêutico de Campinas durante o segundo semestre do ano de 2006 (GC1), todo o ano de 2007 (GC2) e o ano de 2008 (CG3). Todos os participantes tinham mais de 18 anos e foram voluntários nesta pesquisa.

O GC1 iniciou-se com sete participantes e terminou com seis; o CG2 começou com cinco e terminou com quatro participantes, e o GC3 iniciou-se com sete e terminou com cinco.

#### 2.1) Critério de inclusão dos participantes para cada grupo

Todos os pré-seminaristas que cursaram o propedêutico durante os anos de 2006, 2007 e 2008 puderam participar da pesquisa. Foi feita uma divulgação do trabalho no propedêutico e, através de uma reunião inicial, foi apresentada a proposta do trabalho aos participantes que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido depois de aceitarem o convite.

#### 2.2) Critério de exclusão dos participantes para cada grupo

Seriam excluídos apenas os participantes que não desejassem fazer parte da pesquisa, mas isso não ocorreu em nenhum dos grupos.

### 3) Instrumentos

A respeito dos procedimentos metodológicos, as pesquisas qualitativas de

campo exploram, particularmente, as técnicas de observação e entrevistas devido à propriedade com que esses instrumentos penetram na complexidade de um problema (Richardson, 1999).

Para este estudo foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa:

- Diários de campo dos três anos de pesquisa nos quais foram descritos, resumidamente, todos os encontros dos GCs.
- Versões de sentido (VS) escritas pela pesquisadora e participantes do CG3 (nos grupos anteriores – GC1 e GC2 - não foi solicitado aos participantes que escrevessem VS).
- Questionário de avaliação sobre o trabalho que foi desenvolvido pela pesquisadora e respondido por todos os participantes que permaneceram nos grupos até o encerramento dos mesmos (Anexo I).

Segundo AmatuZZi (2001b), Versão de Sentido (VS) “é uma fala expressiva da experiência imediata de seu autor em face de um encontro recém-terminado” (P.74). É um relato livre que não tem a pretensão de ser um registro objetivo do que aconteceu no encontro, mas sim, a expressão da reação sentida naquele momento que pode ser escrita ou falada. Em um processo terapêutico, a VS pode ser a expressão do significado do encontro, ou seja, aquilo que mais fez sentido para o cliente ou para o terapeuta.

Alguns autores como Prebianchi e AmatuZZi (2000), já utilizaram VSs em pesquisas de supervisão clínica, e relatam que: “O trabalho com séries de VS pode levar ao conhecimento do sentido de processos e, portanto, espera-se que o uso das VSs como método aplicado a grupos de supervisão dê a conhecer alguns aspectos do processo de transformação do aluno em terapeuta e da relação supervisor-supervisando” (P.57).

Para Alves (1997), as VSs constituem-se em um instrumento portador de uma fala significativa que contém os sentimentos ainda existentes no cliente, diferentemente de uma gravação ou um questionário a ser interpretado por terceiros.

Amatuzzi (1995), em um estudo sobre a descrição de processos pessoais, utilizou-se de VSs para demonstrar as possibilidades do uso desse instrumento na descrição de um processo terapêutico. As VSs foram escritas pelo psicólogo após o término de cada sessão com seu cliente. A partir dessa experiência o autor concluiu que as VSs poderiam ser um instrumento econômico na medida em que, com muito menos quantidade de dados, pode-se obter uma visão do conjunto que respeita o essencial do que se quer considerar. Além disso, a VS também é um instrumento que permite uma pesquisa mais participante, pois as análises são feitas em cima da experiência relatada e não sobre um registro mecânico externo.

Para este estudo, as informações dos diários de campo foram utilizadas como o instrumento de pesquisa, e as VSs como um complemento para a análise de dados.

#### 4) Procedimentos

Conforme carta de autorização do Seminário Propedêutico São José, (Anexo IV) enviada ao Comitê de Ética da PUC, foi autorizada, pela Arquidiocese de Campinas, a realização dos grupos de crescimento com os pré-seminaristas do propedêutico bem como a utilização dos dados coletados para fins de pesquisa. Foi escolhida essa etapa da formação diocesana, porque nela os vocacionados ainda estão em processo de discernimento em relação à vocação sacerdotal e possuem mais tempo, se comparados aos seminários de Filosofia e Teologia, para lidarem com essas questões.

Para a formação dos grupos, foi agendado um horário com os vocacionados a fim de esclarecer o trabalho e averiguar o número de participantes que desejavam, voluntariamente, fazer parte dele. Tendo fechado o número de participantes, foi solicitada assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo III).

O trabalho foi realizado numa sala reservada do propedêutico. A pedido dos participantes o horário de realização dos grupos não coincidiu com o horário de presença do padre formador na casa, garantindo assim maior privacidade e liberdade por parte dos participantes. Os encontros foram realizados quinzenalmente durante os meses de agosto a novembro de 2006 (GC1), março a novembro de 2007 (GC2) e março a novembro de 2008 (GC3).

A realização dos grupos foi inspirada no *método dos 7 passos* proposto por AmatuZZi e descritos por Martins (2004), conforme citado na fundamentação teórica.

Cabe destacar que, durante os anos de 2006 e 2007, os trabalhos de GCs foram realizados pela pesquisadora como uma forma de colaboração voluntária para a Arquidiocese de Campinas. Por necessidade de aperfeiçoamento pessoal, foi escrito um diário de campo referente a esses grupos. Na ocasião pedimos para que os participantes assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no qual eles autorizaram a utilização das informações fornecidas durante os encontros (Anexo II) para fins de pesquisa, caso o projeto viesse a ser aprovado pelo Comitê de Ética (Anexo V). Desta forma, as informações do GC1 e GC2 puderam ser usadas juntamente com as do GC3, como uma comparação na realização das análises.

## 5) Análise dos dados



Os diários de campo, as VSs e os questionários de avaliação do trabalho foram analisados qualitativamente. Sendo assim, ambos seguiram um processo indutivo, ou seja, não houve preocupação em buscar evidências que comprovassem hipóteses teóricas, mas sim, em encontrar os significados vivenciais que existiam em cada encontro. Dessa forma, o desenvolvimento do estudo foi afinando-se (no início, houve focos de interesse mais amplos e, no final, foram se tornando mais diretos e específicos) (Dencker, 2001).

Amatuzzi (1996) fala sobre as etapas da pesquisa fenomenológica em psicologia e, segundo ele, nesse tipo de pesquisa, a análise pode seguir alguns passos, mas a participação da subjetividade do pesquisador é maior, pois “ele responde aos dados” (p.09). Tecnicamente trabalha-se com parênteses, nos quais se colocam todas as ocorrências vivenciais, interpretações, explicações, associações – que não coincidem com o simples dizer o que se mostra. Também há uma abertura maior para as considerações de níveis mais abrangentes ou coletivos de significados.

Com base nos aspectos apontados por Amatuzzi (1996) em relação à análise das pesquisas qualitativas, os seguintes passos orientaram a análise deste estudo:

- 1) Redação de uma narrativa descritiva do processo de cada grupo baseada nas informações dos diários de campo, versões de sentido e questionário de avaliação. A esse processo dei o nome de *Relato do GC1, GC2 e GC3* (Anexos VI, VII e VIII);
- 2) Busca dos elementos essenciais do vivido em cada relato de grupo e separação dos assuntos em subtítulos dentro de um texto que denominamos *síntese-específica do GC1, GC2 e CG3*;

3) Compreensão do sentido do trabalho de Grupo de Crescimento para o desenvolvimento psicológico dos pré-seminaristas, a partir das sínteses específicas de cada grupos, e a contribuição deste trabalho para o processo de formação sacerdotal dos mesmos. Isso foi feito através dos temas que apareceram em dois ou três grupos, e o nome dado para esse texto foi *Síntese Geral*.

Depois de elaborar a síntese geral, procuramos descrever e interpretar o conjunto de elementos coletados numa compreensão unificada em diálogo com alguns autores e documentos da Igreja Católica num texto chamado *discussão*. Esta se baseou nos temas que mais se destacaram nos três grupos pesquisados ou que mais chamaram a atenção por sua importância dentro do contexto da formação sacerdotal.

Ao final da pesquisa, no texto: *conclusões e considerações finais* alguns pontos considerados importantes para o processo de formação sacerdotal foram retomados, especialmente, sobre o período propedêutico. Também apontamos para o leitor possíveis lacunas em relação ao trabalho, além de abirmos espaço para novas pesquisas que pretendam estudar a formação de seminaristas.

## **SÍNTESE DO GC1**

O GC1 ocorreu durante o segundo semestre do ano de 2006. Iniciou-se com sete participantes, mas terminou com seis, porque um dos vocacionados desligou-se do seminário.

- **Identidade construída a partir das experiências vividas na comunidade católica.**

Para os participantes do GC1, foi difícil pensar na própria identidade sem relacioná-la com a religião. Isso porque toda a história de vida deles foi baseada nas experiências que tiveram nas comunidades católicas às quais pertenciam antes de entrarem para o seminário. O compartilhamento dessas experiências no grupo possibilitou aos participantes repensarem suas experiências de vida no trabalho, nos estudos, com os amigos e a família, por elas mesmas e não necessariamente em função das vivências na igreja. As reflexões sobre esse tema proporcionaram novas possibilidades de escolhas para sua vida que não se limitavam ao sacerdócio, ou seja, a escolha pelo seminário poderia ser uma opção de vida, mas não a única.

- **Sentimentos em relação à escolha pela vida sacerdotal.**

Os participantes relataram alguns sentimentos sobre a vida no propedêutico. Dentre eles tiveram destaque: a sensação de incompreensão por parte da família e

amigos em relação à escolha deles pela vida sacerdotal; dificuldades em viver em comunidade (adaptação à vida em grupo com pessoa de cultura e hábitos diferentes) e insegurança em relação ao futuro (será que vou ser um bom padre? A minha vocação é verdadeira?). As discussões sobre esse tema e o compartilhamento de sentimentos em comum proporcionaram aos participantes uma sensação de acolhimento mútuo, ou seja, através dos relatos dos colegas foi possível encontrar o apoio necessário para continuar vivendo a escolha que fizeram.

- **Expectativas da comunidade.**

Para os participantes, foi difícil lidar com as expectativas da comunidade paroquial. Sentimentos de pressão e angústia por não se sentirem preparados para lidar com os problemas dos fieis foram relatados durante os encontros. Para eles, atender a essas expectativas e conseguir estar dentro do perfil de um bom seminarista passou a ser um desafio que eles estavam dispostos a enfrentar, pois isso simbolizava, para eles, uma vitória dentro da formação sacerdotal.

As reflexões sobre os desafios de cada etapa da formação, os limites de atuação de um seminarista e as responsabilidades que cabem a eles foram produzindo nos participantes uma nova visão em relação à participação na comunidade. O que antes significava uma vitória passou a ter um sentido de irresponsabilidades, ou seja, antes das reflexões, atender às expectativas dos fieis era um desafio a ser vencido a qualquer custo, mas, depois, passou a ser pensado como imprudência, uma vez que eles, de fato, não estavam preparados para essa função.

- **Sentimentos de constante avaliação.**

Os participantes relataram sentirem-se constantemente avaliados e julgados não somente pela equipe de formação, mas também pela comunidade paroquial. Descreveram sentimentos de comparação entre eles e outros seminaristas que já passaram pelo propedêutico, o que levava a bloqueios de comportamento e a um desempenho de papéis dentro daquilo que era esperado para um bom seminarista.

Os participantes procuraram, ao menos dentro do GC, agir de maneira contrária à realidade que encontraram no seminário, ou seja, procuraram não se avaliar e nem julgar uns aos outros, o que proporcionou um ambiente de espontaneidade para falar e expressar abertamente qualquer tipo de sentimento.

- **O perfil do bom seminarista.**

Nos documentos da Igreja Católica, são encontradas algumas características que apontam para o que é uma *real vocação* à vida secular, no entanto essas características não servem como critério para a seleção de candidatos ao seminário, uma vez que não se trata de um processo de seleção empresarial. Dessa forma, os participantes têm apenas uma ideia sobre qual deve ser o comportamento ideal dentro do seminário e procuram viver dentro dessa ideia. As discussões revelaram que os participantes sentem medo de não atender ao perfil do bom seminarista e, como consequência, serem excluídos do seminário. Tal sentimento leva à incorporação de papéis difíceis de serem interpretados, pois, para eles, é quase impossível atender a esse perfil.

As reflexões do grupo levaram os participantes a pensarem nas consequências e dificuldades de se viver uma vida de interpretações. Foi possível, depois de algumas conversas sobre esse tema, uma discussão sobre alguns sentimentos contraditórios (quem eles realmente são e os papéis que precisam desempenhar). A preocupação constante é a de atender ao perfil do bom seminarista.

- **Insatisfação com os estudos.**

Os participantes não gostavam de utilizar o tempo livre para atividades acadêmicas. Embora o fizessem, não era algo realizado espontaneamente, mas sim pela obrigação de obter boas notas. O desejo dos participantes era continuar no seminário para realizar os trabalhos de pastoral e não para estudar. Foi discutido o que significava, para eles, a escolha pela vida sacerdotal e se chegou à conclusão de que eles queriam ser sacerdotes, mas não filósofos e teólogos. Depois de algumas conversas e troca de informações com seminaristas dos cursos de filosofia e teologia, os participantes, apesar de não gostarem da ideia, perceberam que a escolha pelo seminário incluía uma vida de estudos.

- **Trabalho de pastoral.**

O trabalho de pastoral tem um significado importante na vida dos participantes, pois este serve como um treino para as atividades que um dia realizarão como sacerdotes. Apesar dessa importância, o tempo para tal atividade é sentido, pelos vocacionados, como insuficiente, o que provoca sentimentos de frustração.

As discussões proporcionaram ao grupo uma reflexão mais profunda sobre o significado do trabalho de pastoral para a formação sacerdotal. Através delas, os participantes perceberam que, apesar da importância de tal trabalho, é necessário realizar outras atividades que também fazem parte do processo de formação, mesmo que estas últimas não sejam tão prazerosas quanto a pastoral.

Apesar da reflexão sobre esse assunto, as demais atividades, como os estudos e a vida comunitária, não tinham um significado tão importante na vida dos participantes quanto os trabalhos de pastoral. Houve uma ampliação da percepção dos participantes em relação ao significado que eles estavam atribuindo para os trabalhos de pastoral, mas isso não foi suficiente para dar novos significados a eles.

- **Novas percepções do GC1.**

Os participantes do GC1, quando iniciaram o trabalho, tinham uma ideia sobre a vida sacerdotal e também sobre a própria vida deles, baseada unicamente nas experiências vividas por eles nas comunidades católicas e, portanto, sentidas a partir da prática da religião, as quais não eram, necessariamente, discutidas ou pensadas conscientemente por eles. Dessa forma, os participantes chegaram ao propedêutico com algumas expectativas em relação à vida de seminarista, que não coincidiram com a realidade que lá encontraram. Isso, porque o processo de formação de um sacerdote católico não é baseado, unicamente, em atividades práticas da igreja como eles costumavam fazer.

O grupo proporcionou aos participantes uma reflexão sobre essas expectativas iniciais, e o resultado disso foi que os participantes passaram a diferenciar o que significa viver a experiência religiosa como leigo e o que significa viver essa mesma experiência como seminarista. Perceberam que poderiam pensar em suas histórias de vida não somente dentro do prisma religioso, mas também a partir de outras experiências (família, amigos, escola, trabalho). Ao sentirem que essas outras experiências também faziam parte da identidade deles, novas escolhas, em relação ao futuro, puderam ser levadas em consideração. Assim, a opção pelo sacerdócio poderia ser uma escolha de vida, mas não a única.

Também perceberam que, para viver a experiência religiosa como seminaristas precisariam realizar algumas atividades como os estudos, ter vida comunitária, relacionamento com a comunidade paroquial, fatos que antes não faziam parte da realidade vivida por eles. Aceitar essas condições e compreender que a escolha pelo sacerdócio não é a mesma coisa que viver a experiência religiosa leiga foi o desafio do GC1. Através do compartilhamento de sentimentos e vivências, o grupo atribuiu novos significados no que se refere à conscientização da escolha pela vida secular, ou seja, passou a aceitar mais tranquilamente que escolher o sacerdócio significa, também, escolher um estilo de vida diferente daquele anteriormente conhecido pelos elementos do grupo e que fazer a escolha pelo seminário é uma opção entre várias outras que eles também poderiam fazer para sua vida.



## **SÍNTESE DO GC2**

O GC2 ocorreu no ano de 2007, iniciou com cinco participantes, mas teve desistência de um.

- **Afetividade e sexualidade na vida sacerdotal.**

Inicialmente, os participantes tiveram dificuldades em falar sobre o assunto, procuraram não se expor e pareciam julgar os comentários dos colegas. Apesar disso, o clima de liberdade foi mudando, e o que contribuiu para essa mudança foi um acordo de sigilo feito por eles cuja finalidade era proporcionar maior segurança para se falar sobre o tema. Sentimentos mais íntimos tais como: atração por garotas da paróquia, dificuldades em lidar com a própria sexualidade, sentimentos de culpa e dúvida em relação à castidade e assuntos polêmicos como pedofilia e homossexualidade, além de questionamentos como, por exemplo, se os sacerdotes realmente conseguem viver a castidade, como fazer para não se apaixonar por alguém, o que fazer caso não resista à tentação passaram a ser discutidos abertamente. A prática do grupo levou a um ambiente de maior confiança entre os participantes, criando, assim, um espaço mais aberto, diferente de outros espaços na vida do seminário propedêutico.

- **Projetos de Vida.**

Dentro do tema Projetos de Vida foram discutidas questões tais como: descoberta da vocação, experiências vividas na comunidade católica, incentivos para entrada no seminário, dúvidas sobre a vocação sacerdotal, problemas de infância, sonhos para o futuro como sacerdote e ideais de vida e trabalho. Através das histórias de vida relatadas, os participantes tiveram a oportunidade de repensar suas próprias histórias e, com isso, novos significados foram emergindo dentro do grupo, o que provocou mudanças nos comportamentos dos participantes como maior tolerância entre eles no que se refere às experiências passadas.

- **Dificuldades em relação aos estudos.**

As dificuldades encontradas por alguns participantes em relação aos estudos não estavam somente relacionadas com o medo de não ser aprovado no vestibular e conseqüentemente, de não continuar no seminário, mas também, com o receio de decepcionar o formador que os acompanhara durante todo o ano e as famílias que estavam esperando por um bom resultado acadêmico. Para eles, ter um bom desempenho nos estudos significava tranquilidade em relação à família e a certeza de continuar no seminário.

Ao compartilharem sentimentos comuns, os participantes encontraram, uns nos outros, o apoio de que precisavam para lidar com o problema. Uma das alternativas encontradas pelo grupo foi procurar ajuda entre eles mesmos, ou seja, aqueles que tinham menos dificuldades se colocaram à disposição para ajudar os que tinham mais

dificuldades nas aulas. A reflexão sobre o tema mobilizou o grupo e despertou nos participantes, sentimentos de empatia e solidariedade uns pelos outros.

- **Proximidade do vestibular.**

Apesar das reflexões terem ajudado durante um tempo, com a aproximação do vestibular e, conseqüentemente, aumento do ritmo de estudos, as relações interpessoais entre os vocacionados ficaram mais tensas. Isso, porque aqueles que antes se comprometeram a ajudar os que tinham mais dificuldades estavam, agora, preocupados com o próprio desempenho na prova. Além disso, também foram relatados sentimentos de exclusão em relação ao grupo por alguns participantes, uma vez que, nesse momento, cada um deveria cuidar de si.

- **Vida Comunitária.**

Para alguns participantes, viver em comunidade era sinônimo de dividir responsabilidades e, nesse sentido, estavam aborrecidos por não terem mais a ajuda do colega em relação aos estudos. Depois de algum tempo de reflexão, houve uma mudança em relação a isso, pois aqueles que antes entendiam a vida comunitária como dividir responsabilidade, passaram a entendê-la dentro de outro prisma (como sinônimo de compartilhar objetivos e estilo de vida comum e não como divisão de responsabilidades por questões pessoais) e, assim, aquilo que antes eles tiveram dificuldade em aceitar, posteriormente pôde ser aceito com mais tranquilidade.

- **Sentimentos de constante avaliação.**

Os sentimentos em relação à vida dentro do seminário foram muitas vezes abordados pelos participantes. Todos mencionaram que, além de se sentirem constantemente avaliados pela equipe de formação, também se sentiam avaliados e julgados pelos próprios colegas. As discussões sobre esse assunto foram baseadas nas percepções dos participantes em relação à maneira como o grupo reagia diante de situações nas quais um dos membros não se enquadrava dentro do perfil do bom seminarista. Embora o tema tenha sido amplamente discutido no grupo, as reflexões não foram suficientes para provocar nos participantes mudanças de comportamento e, ao final do trabalho, eles continuaram se sentindo avaliados uns pelos outros.

- **O estereótipo do sacerdote.**

Foram discutidos temas que envolvem a percepção que os leigos têm em relação aos sacerdotes e a imagem que os próprios sacerdotes passam para os leigos. Os participantes demonstram preocupação e certo incômodo com a relação que alguns leigos fazem entre homossexualidade e vida sacerdotal. Destacaram as consequências negativas dessas imagens para as futuras vocações e a relação entre a diminuição do número de vocacionados com os escândalos que envolvem sacerdotes católicos.

Durante as reflexões, o grupo procurou compreender os motivos que levam a uma imagem negativa do sacerdote para os leigos e depois avaliaram a responsabilidade do seminarista para com esse problema (o seminarista será um dia o sacerdote que

poderá mudar essa imagem). Os participantes pareciam mais conscientes de suas responsabilidades ao se tornarem representantes da Igreja Católica e, nesse sentido, houve uma mudança de compreensão em relação ao tema, ou seja, o que antes era sentido como incômodo passou a ser questionado dentro de um contexto maior (âmbito social) no qual eles estão inseridos e têm responsabilidades.

- **Disputa de poder.**

As reflexões sobre o estereótipo do sacerdote estimularam os participantes a pensarem sobre as divisões que existem dentro da própria Igreja Católica. Foram mencionados os diversos movimentos católicos e a disputa pelo poder dentro das paróquias. As discussões sobre esse assunto tiveram picos de discórdias entre os participantes, sendo que alguns conseguiram falar sobre o tema de forma mais crítica e reflexiva, focaram as consequências negativas da disputa pelo poder para os fieis e para o futuro da Igreja, e outros ficaram presos a argumentos ingênuos e pouco críticos, procuravam defender o movimento de que participavam, sem levar em conta questões como as mencionadas acima. Embora as reflexões tenham proporcionado um espaço para cada um colocar sua opinião sobre o tema, não houve evolução do grupo em relação a esse assunto.

- **Novas percepções do GC2**

Depois de algum tempo trabalhando com temas pré-selecionados e projetos de vida, os participantes sugeriram que voltássemos a realizar o grupo de crescimento

dentro da proposta inicial. O movimento do grupo de voltar a falar sobre o vivido da semana (e não mais trabalhar com temas pré-selecionados) mostra que os participantes sentiram-se mais seguros para compartilhar questões de caráter subjetivo, ou seja, dentro de um ambiente acolhedor, os participantes sentiram-se tranquilos para falar sobre assuntos que antes preferiam discutir dentro de temas prontos. Também houve mudança no que se refere à maior liberdade para se tratar de assuntos íntimos como sexualidade e afetividade que antes não eram discutidos.

Em relação à maneira como eles entendiam a vida comunitária pode-se observar um crescimento. Primeiro um movimento no sentido de compreender o que significa viver em comunidade e depois uma maior conscientização sobre a não obrigatoriedade em atender às necessidades dos colegas, como por exemplo, a ajuda nos estudos.

O trabalho de GC proporcionou aos participantes uma oportunidade de pensarem juntos sobre problemas que envolvem uma vida conjunta, ou seja, através das reflexões em grupo foi possível encontrar um caminho para a reconstrução de significados que antes eram pensados apenas individualmente.

## **SÍNTESE DO GC3**

O GC3 ocorreu durante o ano de 2008. Iniciou-se com sete participantes e terminou com cinco.

- **Insegurança em relação ao trabalho de GC.**

A princípio, os participantes ficaram desconfiados das reais intenções do trabalho de GC no seminário. Sentiram-se inseguros em ter uma psicóloga dentro da casa, porque imaginavam que este trabalho pudesse invadir a privacidade deles. O clima era de superficialidade em relação aos sentimentos (não falavam de questões íntimas), ficando apenas na descrição de fatos comuns que aconteciam entre eles. Esse clima mudou, quando um dos vocacionados resolveu conversar com o grupo sobre suas dificuldades com os estudos. Isso provocou nos demais participantes sentimentos de empatia e afinidade suficientes para quebrar as barreiras de insegurança inicialmente sentida por eles. Depois dessa iniciativa, houve maior abertura para se discutirem questões de caráter íntimo e, com isso, o clima que antes era de superficialidade passou a ser de confiança.

- **Sentimentos em relação aos estudos e vestibular.**

Foram relatados sentimentos de angústia e tensão ao falarem sobre os estudos no propedêutico e o vestibular. Sentiam-se preocupados com a avaliação da equipe de formação, pois temiam não serem aprovados pelos professores e, conseqüentemente, não poderiam prestar o vestibular.

O grupo procurou ouvir as queixas de cada um dos participantes, e as discussões giraram em torno das dificuldades relatadas. Uma das soluções propostas pelo grupo foi que os participantes que tinham melhores notas poderiam ajudar aqueles com mais dificuldades. Falaram sobre a importância dos estudos para a formação, mas destacaram outras características, tais como empatia, paciência e acolhimento, que são tão importantes quanto o intelecto para o trabalho do sacerdote. Depois disso, houve uma mudança em relação à autoestima daqueles com problemas de estudos, os quais passaram a ter uma autoimagem mais ampliada e não somente dentro do aspecto intelectual.

- **Explicações para as dificuldades nos estudos.**

Apesar de as reflexões sobre as dificuldades com os estudos terem ajudado os participantes em relação à autoestima, muitos continuaram sentindo-se angustiados por não conseguirem alcançar bons resultados nas provas. No entanto o discurso do grupo mudou no que se refere às explicações para tais dificuldades. Segundo eles, o problema estava na precariedade da educação básica que receberam e também na didática de



ensino dos professores. Além disso, achavam que utilizar o tempo livre para estudar não fazia sentido, já que poderiam utilizá-lo para as atividades de pastoral.

As discussões sobre o tema provocaram reflexões sobre a necessidade do grupo em encontrar explicações para as dificuldades nos estudos. Após as discussões, o grupo passou a repensar nas responsabilidades de cada um para com suas limitações, ou melhor, antes os participantes estavam preocupados em encontrar justificativas para suas dificuldades, mas, depois, passaram a olhar para elas como um desafio a ser vencido.

- **Participação dos seminaristas nas atividades diocesanas.**

Os participantes encontraram dificuldades em receber a ajuda de custo que normalmente é oferecida a eles pela paróquia para auxílio com transporte e alimentação. O movimento do grupo durante as discussões foi pensar em alternativas práticas como falar com o pároco, conversar com o formador ou utilizar o próprio dinheiro para a solução do problema, mas, apesar das soluções apontadas pelo grupo, ficou claro que a dificuldade dos participantes era em relação ao medo de serem mal interpretados pelo pároco, ou seja, não estavam dispostos a correr o risco de uma avaliação negativa. Através das discussões e do apoio do grupo, o receio em expor o problema deixou de ser uma barreira e, assim os participantes optaram por falar com o formador.

Além do trabalho de pastoral, a semana vocacional também foi tema de discussões. Segundo eles, esta é uma atividade prazerosa que tem um significado especial, porque permite maior contato com outros jovens que se identificam com o

mesmo propósito de vida deles, ou seja, o sacerdócio. Apesar de não terem uma participação ativa nas atividades como gostariam, sentiram-se felizes por contribuírem com o trabalho mesmo que seja somente através da mão de obra.

- **O perfil do bom seminarista.**

Para o grupo, a ausência do formador em algumas atividades diárias permitia que houvesse uma constante avaliação dos comportamentos pelos próprios seminaristas, ou seja, todos tomavam conta de todos. Isso gerou uma discussão sobre os papéis que são interpretados dentro da casa para que eles estejam dentro do perfil de um bom seminarista. A sensação de avaliação e julgamento não permitia a espontaneidade de ações e pensamentos, o que levava a uma falsa realidade sobre o desenvolvimento de cada um. Apesar de perceberem as consequências desse problema, não houve mudanças do grupo quanto a esse tema, ou seja, eles continuaram sendo avaliadores uns dos outros.

- **Desligamento de dois participantes do seminário.**

O desligamento de dois participantes do seminário gerou nos demais sentimentos de insegurança. Isso, porque não foi dada nenhuma explicação a eles sobre o motivo que levou os dois participantes a serem desligados. Dessa forma, o tema foi discutido dentro de um clima bastante tenso, pois a reação do grupo foi, num primeiro momento, o de tentar encontrar motivos que justificassem a saída desses participantes, mas, como eles não tinham a menor ideia sobre o motivo, ficaram apenas no plano da

imaginação, o que gerava ainda mais ansiedade, pois o caminho adotado por eles foi o de justificar a saída através da não adequação dos participantes ao perfil do bom seminarista. Além disso, também colocaram em dúvida a questão da vocação pessoal para o sacerdócio, imaginando que um dia eles poderiam perceber que fizeram a escolha errada e não saberiam que rumo dar à própria vida caso isso acontecesse.

As reflexões sobre o assunto, apesar de tensas, evoluíram no sentido de se pensar sobre os riscos que qualquer escolha traz para a vida do ser humano. Apesar da ansiedade, os participantes passaram a considerar que dentro ou fora do seminário, fazer escolhas significa também assumir os riscos que essa escolha traz. Tomar consciência disso foi o crescimento que eles tiveram em relação ao tema.

- **Homossexualidade.**

Os participantes discutiram o tema da homossexualidade em etapas crescentes no que se refere ao aprofundamento reflexivo do assunto. Numa primeira etapa, abordaram o aspecto polêmico desse assunto no âmbito social, depois passaram a utilizar argumentos católicos para condenar esse tipo de comportamento sexual e, por fim, passaram a questionar seus próprios valores e pensamento quando consideraram o tema dentro de uma perspectiva cristã (no que se refere a atitudes de julgamento e discriminação). Além disso, também questionaram alguns textos católicos sobre a condenação do comportamento homossexual pela Igreja e as novas leis em debate no Brasil, que poderão tornar a homofobia um crime.

Essa ampliação de pensamentos deixou alguns participantes confusos, mas, apesar disso, demonstraram uma evolução no que se refere à reflexão sobre o assunto. Embora não tenham terminado a discussão com idéias prontas (e não era essa a intenção do trabalho), eles passaram a pensar sobre o tema de forma mais reflexiva.

- **Novas percepções do GC3**

O grupo de crescimento proporcionou aos participantes um espaço para reflexão e re-significação de pensamentos diferente do encontrado no seminário. Isso pode ser visto através da diferença de participação deles ao longo do ano. Primeiramente havia no grupo um clima de insegurança e desconfiança com relação ao objetivo do trabalho e, por isso, a participação deles era apenas superficial (descrição de fatos comuns que aconteciam entre eles). Depois de algumas reflexões e tentativas de aprofundamento dos temas, o clima, que antes era de superficialidade, passou a ser de intimidade e confiança.

Também houve mudanças na percepção dos participantes no que se refere às relações interpessoais. Os participantes que antes se preocupavam em discutir apenas questões de ordem comuns a eles, passaram a acolher e ajudar uns aos outros dentro de suas particularidades (como nos estudos, por exemplo) e não apenas nos problemas comunitários. Além disso, pôde-se notar uma mudança em relação à conversa sobre assuntos polêmicos como homossexualidade, que antes era compreendido apenas dentro do enfoque religioso católico e depois passou a ser avaliado numa perspectiva social, jurídica e cristã.

## **SÍNTESE GERAL**

A compreensão do processo de desenvolvimento psicológico e formativo de pré-seminaristas católicos através da prática de grupos de crescimento (objetivo desta pesquisa) aconteceu através da consideração dos temas abordados por eles durante os três anos de trabalho com grupos de crescimento. Em outras palavras: a fim de elaborar uma síntese que aponte para o desenvolvimento pessoal dos participantes, fez-se necessária uma análise sobre os temas discutidos, pois mudanças na forma como os participantes passaram a sentir a experiência de vida no seminário propedêutico aconteceram a propósito de alguns desses temas.

Alguns assuntos tais como: vida comunitária, necessidade de atender expectativas externas, sentimentos em relação às avaliações, o perfil do seminarista, insatisfação com os estudos e as atividades práticas dos seminaristas foram temas comuns que surgiram nos três grupos. Outros assuntos, que também estavam relacionados com os temas citados, foram discutidos especificamente em alguns grupos. Cabe destacar que, embora algumas discussões não tenham resultado em mudanças imediatas na vida dos participantes, todas proporcionaram reflexões importantes que auxiliaram (ou que poderão auxiliar) no desenvolvimento psicológico e formativo desses pré-seminaristas.

- **A experiência de viver em comunidade.**

O GC possibilitou aos participantes reflexões que levaram a mudanças em relação à forma prática de eles vivenciarem a vida comunitária. Embora o tema tenha sido discutido em todos os grupos, para cada um deles foi trabalhado dentro de um enfoque específico.

Para o GC1, o tema da vida comunitária surgiu a partir das reflexões sobre os sentimentos em relação à escolha pela vida sacerdotal. Foram relatadas as dificuldades que eles sentiram ao saírem da casa das famílias para se adaptarem a uma “nova família”, o seminário, com modos de vida diferentes daqueles que eles estavam acostumados a ter, dentre os quais o viver em comunidade. As discussões sobre esse tema e o compartilhamento de sentimentos em comum proporcionaram aos participantes uma sensação de acolhimento mútuo, o que gerou melhora nas relações entre eles. Com os relatos dos colegas foi possível encontrar o apoio necessário para continuar vivendo a escolha que fizeram mesmo num ambiente diferente do que eles estavam habituados a viver.

Para o GC2, e também em certa parte para o GC3, falar sobre o tema teve um sentido diferente, isso porque os dois últimos grupos focalizaram as responsabilidades compartilhadas numa vida comunitária e não a escolha pelo seminário (como no GC1). No GC2, em especial, podem-se notar algumas mudanças em relação à compreensão do tema pelos participantes depois do trabalho com GC. Antes, eles entendiam a vida comunitária como dividir responsabilidades, mas, depois, passaram a compreendê-la como compartilhar objetivos e ideais de vida que são comuns a todos. Além disso, a discussão dos projetos de vida de cada participante, que incluía contar sua história e

pensar no futuro enquanto sacerdote, possibilitou uma grande identificação entre os participantes, a qual foi importante para que se aumentasse a intimidade no grupo e assim, seus participantes pudessem repensar suas próprias histórias a partir das relatadas pelos colegas. Com isso, novos significados foram atribuídos à vida comunitária e, como consequência, houve mudanças nos comportamentos dentro do seminário, como maior tolerância entre os participantes no que se refere às experiências passadas e melhora no convívio entre eles.

Já no GC3, o tema vida comunitária levou à discussão sobre os objetivos do trabalho com grupo de crescimento. O que no começo era visto com desconfiança e insegurança (uma forma de controle sobre as relações comunitárias), passou a ser sentido de outra forma, agora maior intimidade (abertura para falar de assuntos íntimos) e cumplicidade (compartilhamento de sentimentos comuns) entre os participantes.

- **Necessidade de atender expectativas externas.**

Todos os grupos mencionaram sentimentos de angústia por se sentirem na obrigação de atender as expectativas que foram depositadas sobre eles. Embora apenas o GC1 tenha escolhido o tema em si para discussão, ele apareceu dentro de outros temas nos outros dois grupos.

Para os participantes do GC1, atender as necessidades da comunidade paroquial, tais como: aconselhamento, pedidos de oração, visitas a pacientes terminais, era algo muito importante, sendo assim, eles se sentiam na obrigação de realizar tais tarefas mesmo quando não se sentiam preparados para isso. O trabalho de grupo de crescimento

favoreceu reflexões sobre essas práticas, e o resultado foi uma mudança de atitude dos participantes, os quais passaram a questionar a necessidade de atender as expectativas da comunidade.

O GC2 e também o GC3 revelaram sentimentos parecidos (angústia em relação às expectativas) no que se refere às famílias e ao formador. Para ambos os grupos, ter um bom desempenho acadêmico e, conseqüentemente, ser aprovado no vestibular não tinha apenas um significado prático, mas também emocional, uma vez que, ingressar no seminário de Filosofia não representava apenas um pré-requisito para a formação sacerdotal, mas também a chance de provar para si mesmo, para a família e o formador a capacidade de cada um em superar suas dificuldades. O trabalho de grupo proporcionou aos participantes o compartilhamento desses sentimentos e, com isso, eles puderam encontrar, uns nos outros, o apoio de que precisavam para continuar superando suas dificuldades, mas não porque precisavam corresponder às expectativas externas e sim, porque desejavam continuar o processo de formação, pois o que mudou foi o significado atribuído e não o fato em si.

É certo que, para iniciar e permanecer dentro do processo de formação sacerdotal, é necessário que os pré-seminaristas atendam ao que podemos chamar de perfil de seminarista. Embora não exista uma regra clara e definida sobre como deve ser esse perfil (o que temos hoje são alguns documentos da Igreja Católica que apontam para algumas características que identificam possíveis vocações), os participantes sabem que há um modelo de comportamento a ser seguido e que eles são constantemente avaliados em relação a isso.



As discussões no GC1 revelaram que os participantes sentem medo de não atenderem a esse perfil e, como consequência disso, serem excluídos do seminário. O GC2 e GC3 demonstram preocupações semelhantes ao GC1, mas com enfoques diferentes, sendo que, para os dois últimos grupos, o desafio era provar aos colegas e não a equipe de formação que eles estavam dentro do perfil do bom seminarista.

As reflexões dos três grupos levaram os participantes a pensarem nas consequências e dificuldades de se viver uma vida de constante busca por um perfil ideal. Foi possível, depois de algumas conversas sobre esse tema, uma discussão sobre alguns sentimentos contraditórios (quem eles realmente são e os papéis que precisam desempenhar para serem considerados bons seminaristas). Os participantes continuaram preocupados com essa questão, porém, passaram a pensar sobre ela levando em consideração as consequências de tudo isso para a vida deles. Nesse aspecto, podemos dizer que o crescimento do grupo não se deu em relação à forma como eles passaram a sentir o problema, mas na ampliação de consciência em relação ao assunto.

- **A sensação de se sentir constantemente avaliado.**

A sensação de se sentir constantemente avaliado foi um dos temas que mais aproximou os participantes dos três grupos no que se refere à similaridade das emoções relatadas. Isso porque, independentemente da maneira como eles sentiram essas avaliações, todos demonstraram as mesmas dificuldades, por exemplo, agir segundo um padrão determinado de comportamento e não espontaneamente.

O GC1 sentiu-se avaliado tanto pela equipe de formação como pela comunidade paroquial, a qual, segundo eles, tinha o hábito de compará-los com outros seminaristas, além de vigiar os comportamentos deles fora do contexto de seminário, nos dias de folga, por exemplo. O GC2 também relatou sentir-se avaliado pela equipe de formação, mas, além disso, também havia uma constante observação dos comportamentos entre os próprios participantes. Já o GC3 discutiu somente sobre a avaliação da equipe de formação no que se refere aos estudos e à participação deles na vida comunitária.

O trabalho de grupo auxiliou na percepção desses sentimentos e na discussão sobre a necessidade de se encontrarem mecanismos para lidar com tal problema, uma vez que, dentro de um processo formativo, é natural que eles sejam avaliados. Os mecanismos utilizados pelos grupos foram diferentes. OGC1 procurou, ao menos dentro do grupo de crescimento, criar um clima no qual ninguém se sentisse avaliado ou julgado para que assim pudessem se expressar mais livremente. O GC2, ao discutir o tema *afetividade e sexualidade*, do seminarista também procurou agir de forma acolhedora e não avaliativa, a qual proporcionou um ambiente seguro para se falar de questões íntimas.

O GC3 passou por uma evolução em relação à aceitação do trabalho de grupo de crescimento no seminário. Isso, porque, inicialmente, os participantes sentiram-se inseguros sobre aos objetivos do trabalho, pois imaginaram que essa seria mais uma forma de serem avaliados, mas, através da escuta empática e do acolhimento dos sentimentos presentes entre os próprios participantes e por parte da psicóloga, o significado atribuídos por eles em relação ao GC mudou e, como consequência, houve maior abertura e segurança para se discutirem assuntos que antes não eram expostos como, por exemplo, as limitações em relação aos estudos.

- **Preocupação com imagem do clero na sociedade.**

Foi discutida no GC2 a preocupação dos seminaristas em relação à imagem do clero para a sociedade. Os participantes falaram sobre o assunto relacionando-o com outros subtemas tais como: vida moderna e escolha pelo sacerdócio, celibato e homossexualidade, escândalos sexuais envolvendo padres e a diminuição do número de novos vocacionados e as responsabilidades do seminarista em relação ao assunto. Segundo eles, essas questões contribuíram para uma imagem negativa do clero na sociedade. Depois das reflexões, pôde-se notar uma evolução em relação à maneira como os participantes passaram a pensar o tema. Primeiro criticaram a imagem que alguns leigos fazem em relação ao sacerdote, depois passaram a se questionar sobre as próprias atitudes como seminaristas e sobre as responsabilidades que o *rótulo de seminarista* traz e, por último, discutiram sobre as mudanças necessárias para uma nova construção da imagem do clero católico na sociedade.

A evolução na forma de pensamento do GC2 sobre o assunto revela um crescimento importante e necessário para o processo de formação dos futuros seminaristas, uma vez que eles passaram de uma forma passiva de pensamentos (queixas) para outra mais ativa (novas alternativas e possibilidades de resolução do problema), o que é fundamental para a construção de uma forma de pensamento mais crítico sobre qualquer assunto.

- **Reconhecimento de divergências pastorais na Igreja.**

Outras preocupações dos seminaristas foram os diversos movimentos católicos e a divergência pastoral entre leigos e sacerdotes dentro da Igreja. O GC2 passou por momentos de discórdia em relação a esse assunto, sendo que alguns participantes abordaram o tema de forma mais crítica e reflexiva, com enfoque nas consequências negativas que a disputa de poder entre as lideranças leigas pode causar para o futuro da igreja; já outros ficaram restringiram-se a argumentos ingênuos e pouco consistentes, defenderam os movimentos aos quais pertencem, e não souberam dizer por quê. Embora as discussões tenham proporcionado um espaço que não é encontrado fora do GC para debates como esse, os participantes não conseguiram pensar sobre o assunto além daquilo que já era conhecido por eles. Isso, porque muitos ainda não tinham maturidade suficiente para um olhar mais maduro, reflexivo e autoavaliativo sobre o assunto. No entanto podemos dizer que houve um crescimento no sentido de eles encontrarem formas de discutir um assunto divergente entre eles de maneira bastante espontânea, ou melhor, mesmo que eles não entrassem em acordo sobre o tema em questão, eram capazes de expor sem medo de avaliações aquilo que estavam pensando e sentindo.

- **A posição dos seminaristas em relação à homossexualidade.**

O GC3 demonstrou preocupação com um tema que não foi discutido em nenhum dos outros grupos: a posição do seminarista em relação à homossexualidade. Os participantes, em primeiro lugar abordaram o aspecto polêmico desse assunto no âmbito social, depois passaram a utilizar argumentos católicos para condenar esse tipo de comportamento sexual e, por fim, passaram a questionar seus próprios valores e

pensamentos quando consideraram o tema dentro de uma perspectiva cristã (no que se refere a atitudes de julgamento e discriminação). Além disso, também questionaram alguns textos católicos sobre a condenação do comportamento homossexual pela Igreja e as novas leis em debate no Brasil que poderão tornar a homofobia (discriminação, agressão e/ou preconceito contra homossexuais) um crime. O crescimento do grupo sobre esse tema se deu na maneira como os participantes passaram a pensar sobre ele depois das discussões, ou melhor, passaram de uma forma de pensamento pouco reflexivo (pré-concebido) para outra mais abrangente, que levou em conta aspectos sociais, jurídicos e religioso. Apesar de as discussões não terem sido conclusivas (e não era essa a intenção do trabalho) foram capazes de proporcionar aos participantes uma visão mais ampliada e reflexiva sobre um assunto polêmico como esse. Essa ampliação de percepção poderá ajudar os participantes no futuro caso voltem a discutir sobre o assunto dentro de outros contextos.

- **As dificuldades dos participantes em relação aos estudos.**

As dificuldades com os estudos foram tema de discussão em todos os grupos, no entanto em cada um o tema apareceu dentro um prisma. Para o GC2, o assunto foi pensado no sentido de encontrar soluções práticas para as dificuldades relatadas e, nesse sentido, os seminaristas com maiores notas ofereceram ajuda àqueles com mais dificuldades. Além disso, o grupo procurou trabalhar a questão da autoestima enfatizando a importância de outras características subjetivas que não somente a intelectual (como a empatia, compaixão, solidariedade, paciência, caridade) para a

formação do sacerdote. Esse movimento do grupo trouxe maior abrangência na consideração do que compõe a vida de um seminarista.

O GC3 também optou por uma ajuda mútua a fim de resolver a questão dos estudos, mas, com a proximidade do vestibular, essa solução deixou de existir, pois, naquele momento, alguns seminaristas decidiram que deveria ser cada um responsável por si. Essa mudança gerou outros conflitos no grupo e, com isso, alguns participantes sentiram a necessidade de explicar as dificuldades em relação aos estudos a partir de fatores externos a eles (didática inadequada dos professores e falta de educação básica), ou seja, a partir de situações que os isentavam de responsabilidade. As discussões do grupo foram no sentido de promover reflexões que os ajudassem a repensar suas limitações não como um problema que necessita de justificativas, mas como um desafio a ser superado.

Os participantes do GC1, depois de algumas conversas sobre as dificuldades com os estudos, passaram a repensar as escolhas que estavam fazendo para suas vidas. As reflexões os ajudaram a perceber que a vocação em relação ao sacerdócio estava muito relacionado com as atividades de pastoral e pouco com as atividades acadêmicas. Essa percepção os levou a uma reflexão sobre suas escolhas, pois, ficou evidente que os participantes queriam ordenar-se padre para exercer atividades de liderança nas paróquias, mas não estavam dispostos (no momento da discussão) a serem filósofos e teólogos (exercer atividade intelectual). O grupo procurou conversar sobre esses sentimentos e também sobre as dificuldades encontradas nos estudos, sendo que, no final da discussão, constataram que, ao fazerem a escolha pela vida sacerdotal, também estavam escolhendo a vida de filósofos e teólogos. Portanto houve mudança na maneira como os participantes passaram a compreender o que significa ser um padre católico.

Além disso, ao discutirem sobre as diversas possibilidades de escolhas que poderiam fazer para sua vida, perceberam que muitas não estavam relacionadas ao sacerdócio. Antes da discussão, os participantes sentiam a vocação religiosa/diocesana como única forma de dar continuidade às experiências vividas por eles nas comunidades católicas às quais pertenciam, mas ao debaterem sobre esse assunto, passaram a repensar a construção de sua identidade, que antes era baseada apenas em experiências conhecidas e não em novas possibilidades de escolhas.

O GC3 também discutiu a questão das escolhas, porém com base no desligamento de dois participantes do seminário. Esse assunto revelou que a falta de informações sobre os motivos que levaram ao desligamento dos seminaristas gerou muita ansiedade e insegurança naqueles que permaneceram. Depois das conversas sobre isso, os participantes perceberam que tais sentimentos estavam relacionados não com a saída dos colegas, mas sim, com os riscos (acertos e/ou erros) envolvidos nas escolhas que eles fazem para a vida.

O trabalho de GC proporcionou aos participantes uma reflexão mais profunda sobre o significado de se fazerem escolhas, não apenas dentro do seminário, mas também em qualquer outro contexto da vida. Depois das reflexões, os participantes passaram a entender que os sentimentos que, a princípio, relacionaram-se com o desligamento dos colegas, na verdade, estavam relacionados com o medo de fazerem escolhas e aceitarem os riscos que estas trazem.

## DISCUSSÃO

- **A vocação sacerdotal.**

A palavra vocação deriva do latim *vocare* que significa chamar. É a tradução do termo *vocatio* que quer dizer chamado, apelo, convite (Azevedo, 1954). A Igreja Católica seleciona seus presbíteros com base nesse conceito de vocação e, assim, parte do princípio de que o futuro sacerdote deve ser aquele chamado por Deus para servir a Igreja. As pessoas que se dizem convidadas a exercerem o sacerdócio costumam ser denominadas de *vocacionadas* e passam por um processo de seleção antes de ingressarem no seminário. Esse processo recebe o nome de *discernimento vocacional* e tem como finalidade garantir a autenticidade das vocações sacerdotais.

Ao promover esse discernimento e toda a formação para o ministério, a Igreja é movida por uma dupla atenção: salvaguardar o bem da sua própria missão e, ao mesmo tempo, o dos candidatos. O papa João Paulo II (1992) na exortação apostólica pós-Sinodal *Pastores Dabo Vobis*, sobre a formação dos sacerdotes católicos, diz que: “toda vocação cristã vem de Deus, é dom divino. Todavia, ela nunca é oferecida fora ou independente da Igreja, mas pelo contrário, passa sempre por ela e mediante a ela[...]” (n.35b-c: AAS84, 714). “[...] o chamado interior do Espírito precisa ser reconhecido pelo bispo como um autêntico chamado” (n.35 d: AAS 84, 715). Embora a vocação seja algo sentido subjetivamente pelo candidato como um chamado de Deus, ela deve ser verificada e atestada pelo bispo, o qual deve reconhecer dotes e virtudes morais e teológicas suficientes, tais como: reta intenção dos candidatos, sua liberdade de vontade,



idoneidade espiritual, moral e intelectual, além de conveniente saúde física e psíquica para exercer os deveres de um padre, futuramente, e de um seminarista, no momento, que permitam ao vocacionado iniciar o processo de formação (CEC, 2008).

Além de ser empregada no contexto teológico, a palavra vocação também é empregada em outras áreas como na psicologia para designar, por exemplo, uma aptidão, habilidade ou dom para realizar funções. Sua utilização, neste caso, não tem o mesmo sentido de um chamado, mas sim, o de conotação de características psicológicas mais ou menos estáticas que podem ser detectadas por instrumentos técnicos: testes, questionários, escalas, visando a um bom ajuste profissional.

Fica claro, portanto, que, embora o processo de discernimento vocacional religioso passe por um tipo de seleção que visa a garantir sua autenticidade, esse processo não é o mesmo que acontece nas seleções profissionais, as quais costumam ser motivadas por razões utilitárias e práticas. Nesse sentido, a vocação religiosa/sacerdotal consiste num processo que passa por algumas etapas: a primeira delas é subjetiva e descrita como uma “escuta interior de um apelo que dá sentido e valor à vida do candidato e representa o encontro do homem com o seu autêntico caminho, fazendo-o centrar-se e realizar-se na dimensão mais profunda de sua existência” (Navarrete, s/d). A segunda etapa é o reconhecimento desse chamado pelas autoridades externas da Igreja o bispo e padres formadores, como sendo autêntico ou não com base em certos critérios tais como: “sinceridade de alma, maturidade afetiva, urbanidade, fidelidade à palavra dada; permanente sentido de justiça, de amizade, de justa liberdade e de responsabilidade, espírito de trabalho, vontade de cooperar com os demais, etc.” (CEC, 1985 citando *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*, p. 361). Há também, necessidade de demonstração de qualidades espirituais tais como: “amor a Deus e ao

próximo, desejo de fraternidade, capacidade de abnegação, docilidade, castidade comprovada, sentido de fé, solicitude apostólica e missionária”, além de faculdades intelectuais: “juízo reto e sensato, capacidade suficiente para realizar os estudos eclesiásticos, reta noção do sacerdócio e de suas condições etc.” Esses seriam alguns indicadores que permitem um julgamento adequado da presença de vocação para o sacerdócio (Benelli, 2007). No caso de aprovação por parte do bispo, o candidato passa para a terceira etapa do processo, que é a aceitação livre para exercer ou não o sacerdócio, o que quer dizer que a pessoa responde com liberdade, isto é, ela faz uma opção. Nesse sentido, o discernimento vocacional vai-se tornando mais claro à medida que a pessoa vai respondendo positivamente a todos esses critérios. Portanto trata-se de um, processo que acontece gradualmente.

Partindo do princípio de discernimento vocacional como processo gradual e multidimensional, fica evidente a necessidade de se oferecer um clima de liberdade suficiente aos candidatos para que eles mesmos possam perceber se estão atendendo aos critérios acima mencionados ou não. O trabalho com grupo de crescimento teve justamente essa intenção, ou seja, proporcionar um ambiente de maior liberdade para que os próprios pré-seminaristas pudessem pensar sobre suas escolhas em diálogo sincero com o bispo e os formadores.

Para os participantes do GC1, a descoberta da vocação esteve muito relacionada com as experiências religiosas vividas por eles nas comunidades católicas a que pertenceram antes de entrarem para o propedêutico. Assim, para eles, no grupo de crescimento, foi difícil pensar a própria vida sem relacioná-la com religião. Toda sua história foi construída a partir dessas experiências, o que quer dizer que a religião, mais do que um aspecto particular, representou deveres religiosos ao lado de outros deveres

da vida; ela foi e é sentida como algo muito ligado à maneira como eles viam a si mesmos, bem como a toda sua história pessoal. De acordo com o que afirma o Papa João Paulo II (1992) na exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis*, esses jovens perceberam sua vocação sacerdotal como algo surgido “dentro e somente através da Igreja”. Assim, tornar-se padre poderia ser entendido como algo natural na vida desses pré-seminaristas, entendendo-se natural, aqui, estar em continuidade com as atividades religiosas comunitárias com as quais eles estavam envolvidos e com as quais se identificavam. Isso pode explicar, em parte, a dificuldade sentida por eles de pensarem sua decisão vocacional a partir deles mesmos, como pessoas autônomas (terceira etapa).

Entrar em contato com todos esses aspectos que compõem a vocação foi importante para os participantes dos GCs, porque os ajudou a refletir sobre suas reais motivações para o sacerdócio. Além de outros possíveis instrumentos com os quais a psicologia pode auxiliar no processo de discernimento vocacional, o grupo de crescimento também se constituiu como uma possibilidade.

No que se refere à questão da atuação da psicologia e, em especial, ao trabalho do psicólogo, encontramos no documento escrito pela Congregação para Educação Católica (2008) *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio* algumas informações sobre a importância desse trabalho bem como sobre os limites de atuação no campo religioso. Sobre esse último aspecto, segundo o documento, não é função da psicologia pronunciar-se sobre o caráter propriamente religioso (ou sobrenatural) da vocação religiosa/diocesana, mas sim, sobre as condições psicológicas (emocionais e de comportamento) dos candidatos que se dizem chamados a exercerem o sacerdócio.

Sobre isso penso que a psicologia, como ciência que estuda o comportamento humano e como prática baseada nesse estudo, pode reconhecer se a pessoa está sentindo a vocação como um chamado que tem todo seu sentido no âmbito da fé ou se está equivocada em seus sentimentos e fazendo uma escolha motivada por outros fatores, como por exemplo, interesse de promoção social, ou fuga de conflitos internos. No que se refere a isso, a psicologia pode ajudar a pessoa, ou mesmo as autoridades religiosas a perceberem se o candidato realmente se sente chamado ou se está enganando a si mesmo e aos outros. Os mecanismos utilizados para essa ajuda podem variar bastante: a psicologia pode operacionalizar os critérios de discernimento (construir um perfil da função religiosa) e criar instrumentos (testes, inventários, questionários, entrevistas) para sua verificação e, com isso, avaliar objetivamente se tais critérios se fazem presentes ou ausentes nos candidatos. Ela pode também se basear em técnicas não avaliativas para ajudar na formação através de trabalhos em grupo e/ psicoterapia individual. Outro tipo de ajuda que a psicologia pode oferecer é proporcionar ao candidato um espaço acolhedor dentro do seminário para que ele possa, através dos trabalhos realizados, responsabilizar-se por sua escolha de vida. Assim, ele será capaz de perceber que a vocação é uma opção de vida e não uma convocação sem chances de renúncia. A psicoterapia ou o grupo de crescimento vão nessa direção: ajudar a pessoa a ser mais livre, a dar uma resposta que venha de dentro e não que lhe seja sutilmente imposta de fora.

- **Sentimentos gerados pelas avaliações no propedêutico.**

A Congregação para Educação Católica (1998) em seu documento informativo sobre o período do propedêutico, diz que a primeira fase da formação, que antecede ao seminário de filosofia, tem como finalidades: iniciar os jovens em todos os aspectos fundamentais da formação ao presbiterado; levar a um nível suficiente e homogêneo a sua preparação humana, cultural e religiosa; ajudá-lo a aprofundar o discernimento vocacional para que possa assumir as exigências da formação sacerdotal e vida no seminário maior. Diante do que diz o documento e com a intenção de garantir suficiente preparo aos futuros seminaristas, a equipe de formação responsável pelo propedêutico realiza avaliações intelectuais através das provas, de comportamentos através de conversas com os professores e funcionários, vida comunitária através da observação do grupo, entre outras, a fim de aprovarem ou não os candidatos para o seminário maior.

A Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis do Papa João Paulo II (1992) enumera uma série de virtudes humanas e de capacidades relacionais que se requerem do seminarista e futuro sacerdote para que este seja capaz de cumprir sua missão evangelizadora. “Elas vão desde o equilíbrio geral da personalidade até a capacidade de carregar o peso das responsabilidades pastorais, desde o conhecimento profundo da alma humana até ao sentido da justiça e da lealdade” (n.43: AAS 84, 1992, 731-733). Como podemos observar, os tópicos apontados como importantes para a *seleção* dos seminaristas são subjetivos e de difícil avaliação. Mesmos assim, é responsabilidade do padre reitor e da equipe de formação do propedêutico observar e depois decidir sobre o futuro dos candidatos no seminário.

Essa responsabilidade não é tarefa fácil para os formadores, os quais procuram, da melhor maneira possível, suprir as deficiências existentes no processo de formação através da ajuda de profissionais especializados, como é o caso do trabalho com grupos de crescimento, mas, apesar disso, as deficiências na formação continuam existindo. Isso, porque, embora se tenha aberto espaço para o trabalho profissional, não existe uma interação efetiva, multidisciplinar entre esse trabalho e a equipe de formação no que se refere à forma de avaliar os seminaristas. Geralmente as avaliações sobre vida comunitária, trabalho de pastoral, espiritualidade, comportamentos etc. são realizadas através de análises subjetivas e, portanto, através da percepção pessoal da equipe de formação, a qual ainda é a única dotada de amplos poderes e autonomia para observar, supervisionar e selecionar os candidatos considerados aptos a continuarem ou não no seminário (Benelli, 2008).

Nos encontros de grupo de crescimento, percebemos que o caminho adotado pelos formadores gerava muita ansiedade nos participantes, os quais se sentiam vigiados e avaliados sem critérios específicos, inclusive pelos próprios colegas que agiam como *auxiliares de formação*, observando e avaliando uns aos outros. Isso coincide com o que diz Benelli (2006): “Os seminaristas permanecem em contato com seus colegas e formadores, expostos a uma observação constante [...] A técnica de vigilância promove a interligação de todas as esferas da vida do seminarista no contexto institucional, monitorando-as e avaliando a “vocação autêntica” do candidato por meio da sua conduta. É o sistema de autoridade escalonada, na qual formadores, professores e colegas vigiam-se mutuamente” (p.165).

Os resultados apontados pelo autor acima revelam que os relatórios semestrais de avaliações do processo vocacional, que acontecem somente nos seminários de

Filosofia e Teologia, são percebidos pelos seminaristas como um instrumento de controle nas mãos dos formadores. Para confeccionar tal relatório, a equipe dirigente utiliza-se principalmente da observação da conduta visível do seminarista. Benelli (2006) relata que estão previstas entrevistas semestrais, além de encontros formais entre formadores e seminaristas, nos quais aqueles exigem transparência e abertura dos formandos. Embora no propedêutico não existam esses relatórios semestrais, há semelhanças em relação ao seminário maior no que se refere ao modo como os seminaristas são avaliados. A experiência dos GCs mostrou que é um tanto ilusório esperar uma transparência completa dos formandos, pois o que predomina entre os seminaristas é o esforço de se adequar a um molde e não tanto de entrar em contato com o que realmente se passa no interior de cada um.

Benelli (2008), falando dos seminários maiores, acrescenta: “Os seminaristas sabem muito bem dentro de quais parâmetros devem permanecer: é preciso não tocar em temas fundamentais e nevrálgicos, há temas tabu que são cuidadosamente evitados, para não provocar a equipe de formadores e assim evitar sua ira e possíveis represálias. [...] Temas tais como as relações de poder entre padres formadores e seminaristas, celibato, formas de organização político-pedagógicas da instituição seminário estão tacitamente proscritos da pauta e seria considerado inadequado aludir a eles. [...] Na Igreja quem tem cabeça obedece, quem tem mitra, manda’, comentam os estudantes de teologia” (p. 206).

A análise de Benelli (2006 e 2008) para os seminários maiores pode ser estendida, ao menos em parte, para o seminário propedêutico. O que pôde ser observado no estudo feito no propedêutico, principalmente nos contatos pessoais com a equipe de formação, foi que os formadores têm padrões gerais, mas, ao mesmo tempo, vagos, para

decidirem se um determinado seminarista deve ficar no seminário ou se deve ser dispensado. Para a equipe, é difícil realizar esse trabalho, pois, provavelmente, eles não sabem muito bem como construir, na prática, uma pedagogia formadora que seja baseada mais no desenvolvimento pessoal responsável, do que na adequação externa a padrões. A partir disso, é possível compreender o que se observou nos grupos de crescimento, ou seja, seminaristas com comportamentos artificiais e inautênticos, dificuldades para um relacionamento aberto e sem camuflagens, ansiedade, retraimento, baixa autoestima, competição e isolamento na casa. Tudo isso pareceu ser uma consequência das dificuldades de conciliar as tarefas de avaliação, que são próprias aos formadores, com as de facilitação do desenvolvimento pessoal, que facilmente podem acabar ficando em segundo plano. Nesse sentido, o grupo de crescimento com certeza representou um espaço favorável a uma progressiva abertura dos seminaristas para eles mesmos e, ao mesmo tempo, levantou temas importantes a serem refletidos com os responsáveis pelo sistema formador.

Autores como Goffman (1974) e Foucault (1999) procuram analisar e descrever o papel das instituições e as influências que elas exercem sobre subjetividade das pessoas que delas fazem parte. Foucault (1999), em seu livro *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* faz uma análise histórica do desenvolvimento das práticas punitivas e disciplinares nas prisões ao longo dos séculos. Sua obra nos ajuda a compreender como o esquema de vigilância contínua atua na prevenção de comportamentos indesejados. Apesar de o autor ter-se referido à instituição presidiária em sua obra, podemos fazer um paralelo desta com o seminário propedêutico, pois, dadas as suas proporções e diferenças, ambos seguem o esquema de vigilância, objetivando garantir o controle sobre os indivíduos.



Para Goffman (1974) qualquer pessoa que vive dentro de uma instituição, seja por vontade própria, como no caso dos seminários ou por questões legais e de saúde, como no caso de presídios e hospícios, passa por processos de modificação subjetiva. Ao ingressar nas instituições, inicia-se um processo de mortificação do eu inicial do sujeito pelas concessões de adaptação às novas regras institucionais. Assim, o indivíduo fica dividido entre aquilo que ele realmente é (modo de ser e pensar, valores, projetos de vida) e aquilo que a instituição produz em relação aquilo ele deveria ser (não só pela equipe dirigente como por toda a sociedade).

Ainda segundo Goffman (1974) toda instituição tem tendências de *fechamento*, sendo que algumas são mais fechadas do que outras. Seu fechamento ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que, muitas vezes, estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas, pântanos. Num grau máximo de restrição, podemos dizer que se encontram as *Instituições Totais* as quais, para o autor, podem ser definidas como: "um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada" (p.11). As instituições totais não permitem qualquer contato entre o internado e o mundo exterior, porque o objetivo é excluí-lo completamente do mundo originário, a fim de que o internado absorva totalmente as regras internas, evitando-se comparações, prejudiciais ao seu processo de aprendizagem.

O autor analisa ainda a questão do tempo vivido no interior da instituição e conclui que as atividades programadas, milimetricamente, têm a função não só de disciplinar os sujeitos, mas também de inibir o desenvolvimento pessoal.

A tese defendida por Goffman (1974), embora radical, não deixa de ser sugestiva em relação aos seminários. Contudo, apesar de haver nestes uma tendência a modelar os comportamentos dos candidatos para que se adaptem aos padrões exigidos pela instituição, a intenção do propedêutico não é inibir o desenvolvimento pessoal e nem isolar os vocacionados do convívio social; ao contrário disso, o que presenciamos foram varias tentativas por parte da equipe de formação de promover atividades que pudessem auxiliar no crescimento pessoal, como foi o caso da realização de grupos de crescimento psicológico, e uma grande abertura para que os candidatos pudessem ter contato com o mundo fora da casa, como é o caso dos trabalhos de pastoral e os estudos acadêmicos de filosofia e teologia, que acontecem nas universidades fora do seminário depois do período propedêutico. No entanto isso não significa que o seminário proponha uma formação totalmente inserida no contexto social externo à instituição.

A realização do trabalho de GC levou os participantes a pensarem nas consequências e dificuldades de se viver uma vida de constante busca por um perfil ideal. Foi possível, depois de algumas conversas sobre esse tema, uma discussão sobre alguns sentimentos opostos, ou talvez ambíguos, em relação ao que eles são, por um lado, e os papéis que precisam desempenhar para serem considerados bons seminaristas, por outro lado. Apesar disso, os participantes continuaram preocupados com essa questão, só que agora, passaram a pensar sobre ela levando em consideração as consequências de tudo isso para a vida deles. Nesse aspecto, podemos dizer que o crescimento do grupo não se deu em relação à forma como eles passaram a sentir o problema, mas na ampliação de consciência em relação ao assunto, ou seja, os participantes continuaram preocupados em atender às expectativas dos formadores e

também com o conflito entre o que eles são e o que se espera deles, mas, apesar disso, passaram a respeitar, falar e tomar consciência de seus próprios sentimentos.

- **Objetivos do período Propedêutico.**

Segundo a CEC (1998), o período propedêutico faz parte do processo de formação do seminarista e se caracteriza por ser um tempo de estudo e experimentação da vida comunitária anterior ao seminário de filosofia. É um período de discernimento vocacional e de iniciação espiritual e pastoral, ou seja, uma fase de discernimento da vocação e preparo do candidato para entrada no seminário maior.

Para que esse processo aconteça de forma saudável é importante que os candidatos experimentem a vida de seminarista antes de ingressarem no seminário maior, pois é no contexto desta vida que o discernimento poderá ocorrer de modo mais realista em relação ao que poderá ser a vida de um padre em uma diocese. Para isso, um ambiente de liberdade seria fundamental. Tal ambiente não deve ser confundido com uma vida autônoma em relação à comunidade seminário, mas sim com uma forma de liberdade que permita maior expressão de sentimentos e pensamentos e que, quando vivenciada em sua totalidade, faça com que o próprio indivíduo perceba as consequências de suas ações e se responsabilize por suas escolhas.

Rogers (1984), ao falar sobre crescimento pessoal (desenvolvimento psicológico), diz que aceitar-se a si mesmo (conhecer os próprios limites, fazer escolhas conscientes) é um pré-requisito para uma aceitação, mais fácil e genuína dos outros; e, ao mesmo tempo, para uma aceitação por parte do outro e essas duas coisas, por sua

vez, reforçam uma maior aceitação de si próprio. Baseado nos estudos de From, Erickson, Fowler e Piaget, também Amatuzzi (2000) fala sobre as etapas do desenvolvimento psicológico. Para este último autor, uma pessoa que consegue passar pelas diversas etapas da vida (ele enumera nove etapas) de forma a vivenciar os desafios que são próprios a cada idade, pode tomar consciência e expressar plenamente os sentimentos nelas envolvidos, é alguém que está em pleno desenvolvimento pessoal. Nesse sentido, um ambiente que proporcione liberdade de expressão e diálogo é fundamental para que os candidatos tenham um bom desenvolvimento psicológico e assim possam discernir conscientemente sobre a escolha pelo sacerdócio.

O GC conseguiu, em alguns encontros, proporcionar esse ciclo de aceitação proposto por Rogers (1984) e, assim, conseguimos gerar um ambiente de maior liberdade, diferentemente do que eles estavam acostumados a ter em outras atividades do seminário. O resultado foi uma maior participação dos sujeitos que se sentiram mais a vontade para falar sobre assuntos íntimos como afetividade e sexualidade, por exemplo, e, com isso, tiveram a oportunidade de entrar em contato com sua subjetividade e pensar a respeito. Sobre isso, Saffiotti (2006) enfatiza que quando se realizam atividades educativas com os formandos (seminaristas), é importante reforçar as reflexões e discussões em grupo sobre as experiências vividas dentro do seminário e que, tudo isso, deve acontecer dentro de um ambiente de confiança e segurança para que os formandos possam se expor e revelar seus sentimentos sem temores e julgamentos. A mesma autora defende e reforça a ideia de que o trabalho da psicologia dentro dos seminários se faz necessário e pode auxiliar no processo de formação.

As reflexões que aconteceram nos GCs despertaram nos participantes a importância do exercício de autorreflexão para um real discernimento da vocação.

Nesse sentido, podemos dizer que a extensão do trabalho com grupos de crescimento para outras etapas do processo de formação poderia contribuir para a ampliação de consciência dos seminaristas, os quais seriam capazes de se autoavaliarem e, assim, perceberem por si mesmos as reais motivações que os levam ao sacerdócio. Nesse caso, as avaliações que hoje são realizadas de forma externa (através da equipe de formação), passariam a ser realizadas, também, pelos próprios seminaristas, os quais, através de suas próprias percepções e experiências poderiam discernir sobre a continuidade do processo ou não. Isso não quer dizer que o trabalho do reitor e da equipe de formação seja desnecessário, mas sim, que ele poderia ser complementado com a ajuda dos próprios candidatos, os quais teriam condições de participar ativamente das avaliações e contribuir para que as mesmas sejam realizadas de forma mais completa. Isso implicaria uma mudança de percepção em relação à maneira como os seminaristas são vistos hoje, pois, eles deixariam de ser visto como agentes passivos no processo de formação em que precisam ser avaliados e *decifrados* antes de receberem a ordenação e passariam a ser vistos como ativos, capazes de decidirem sobre suas escolhas, necessitando apenas de uma ajuda para melhor compreensão de suas motivações e adequação delas ao que a igreja propõe como missão.

Nesse sentido, o objetivo do propedêutico não deveria ser apenas uma preparação humana, cristã e intelectual, mas também um momento de discernimento vocacional intenso e preparo psicológico para ingresso no seminário.

- **A pressão das expectativas externas a partir do novo papel de seminarista.**

A decisão de ingressar para a vida diocesana passa por algumas etapas. A primeira delas é a percepção da *vocação* e a última é o recebimento do sacramento da Ordem. Durante todo esse processo, o formando deixa de ser *o fulano* e passa a ser visto como *o seminarista fulano*. Essa mudança de papel social costuma gerar confusão na compreensão que o próprio candidato tem de si mesmo. Para os participantes do GC, ser seminarista não significava apenas estar no processo de formação sacerdotal, mas também uma nova forma de atuação que o “rótulo” de seminarista inclui. Carregar esse “rótulo” trouxe para os participantes sentimentos incoerentes, pois, ao mesmo tempo em que se sentiam angustiados pelas cobranças para que sejam bons seminaristas, também se sentiam orgulhosos e realizados quando eram capazes de corresponder a tais cobranças adequadamente. O fato de sentirem-se cobrados gerava neles sentimentos de angústia e de realização.

Nas discussões de GC, essas pressões e cobranças foram chamadas de *expectativas externas em relação aos seminaristas*. Na etapa do propedêutico, quem normalmente cria expectativas em relação a eles são as famílias, que esperam por um bom desempenho em todos os sentidos, e a comunidade da paróquia, que anseia por um seminarista que seja *quase um padre*. Mas também, existe a expectativa da equipe de formação a qual espera por resultados satisfatórios dos candidatos que selecionaram para ingressar no propedêutico. Todas essas fontes exercem uma pressão bastante grande sobre o candidato e o fazem a partir da sua simples condição de seminarista.

No meio de todas essas cobranças, sentidas direta ou indiretamente, estão as expectativas que os próprios candidatos têm em relação a eles mesmos. Percebe-se que

não é uma simples torcida para que o candidato alcance sua realização pessoal e profissional, como poderia acontecer caso ele estivesse prestando vestibular para qualquer outra profissão, mas sim uma transformação subjetiva no significado que aquele candidato passa a ter para a família, comunidade, formadores e para ele próprio. É como se, ao entrar para o seminário, eles adquirissem outra imagem social e tivessem que agir de acordo com isso. O problema, no entanto, é que essa nova imagem exige uma responsabilidade de ação e atitudes que, muitas vezes, eles não se sentem preparados para assumir. No entanto, mesmo percebendo essa dificuldade, muitos seminaristas acabam tendo que assumir tais responsabilidades, mesmo sem preparo, com a intenção de atender as expectativas que são depositadas sobre eles, mesmo porque, para alguns, não atender as expectativas significa um atestado de incapacidade para o sacerdócio.

Diante disso, os candidatos sentem que ser seminarista não é a mesma coisa que simplesmente estar se preparando para um dia ser padre; é mais do que isso, envolve responsabilidades e expectativas difíceis de administrar, porque eles não são vistos como estudantes, diferentemente do que acontece com os demais universitários, os quais são aceitos socialmente como aprendizes e, portanto, sem condições de atuarem sozinhos, isto é sem ajuda de um profissional experiente. Já os seminaristas, desde o início da formação, são cobrados a terem uma postura, muitas vezes, incompatível com seu amadurecimento pessoal.

Em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos – IHU, Rossi (2008), que foi coordenadora da pesquisa Internacional Stress Management Association, revela alguns dados importantes que podem estar relacionados com os aspectos citados acima. Segundo a pesquisadora, o sacerdócio está entre os trabalhos que mais causam estresse e

desgaste emocional, ou seja, padres e freiras brasileiros estão entre os trabalhadores mais estressados. Na pesquisa, foram ouvidos 1.600 profissionais das cinco regiões brasileiras. Os resultados mostraram que os religiosos/sacerdotes sofrem pressões semelhantes, e até maiores, do que outras categorias reconhecidamente propensas ao stresse, como executivos, policiais, atendentes de *telemarketing* e motoristas de ônibus. Uma das causas apontadas para essa realidade é o fato de que o religioso/sacerdote não tem jornada de trabalho estabelecida e deve estar constantemente à disposição dos paroquianos, além disso, outra fonte de tensão é a expectativa dos fiéis, que esperam dos sacerdotes um comportamento exemplar e, muitas vezes, fora daquilo que ele, são capazes de oferecer. "Eles são constantemente observados e avaliados", afirma Rossi (2008).

Diante de tudo isso, pode-se afirmar que, durante o período propedêutico e também no seminário de filosofia e teologia, os seminaristas precisam ser mais instruídos e preparados para lidarem com as pressões emocionais que irão enfrentar ao longo do ministério sacerdotal. O Grupo de Crescimento Psicológico pode trazer uma contribuição nesse sentido, na medida em que ele funciona como um espaço coletivo em que essas pressões podem ser verbalizadas, conscientizadas e refletidas.

- **O desafio dos estudos e as dificuldades que deles decorrem.**

Um dos objetivos da etapa do propedêutico é preparar os candidatos, em termos intelectuais, para ingresso no seminário de filosofia. Essa preparação, no entanto, não é vista pela Igreja como uma forma de suprir possíveis defasagens escolares anteriores, mas sim, como uma revisão das disciplinas já aprendidas no Ensino Médio (CEC,



1998). Dessa forma, supõe-se que os pré-seminaristas selecionados para estarem no propedêutico possuam conhecimentos básicos de segundo grau suficientes para prestarem o vestibular e, assim, as aulas oferecidas no propedêutico seriam apenas uma revisão dos conteúdos já aprendidos na escola.

Essa suposição, no entanto, não condiz com a realidade encontrada nesta pesquisa e nem com os dados de outros estudos que também avaliaram as condições intelectuais dos candidatos à vida religiosa/diocesana. (Pereira, 2004; Zilles, 2007; CERIS, 2008).

Sabe-se que grande parte dos seminaristas provém de famílias carentes, geralmente desestruturadas e sem condições de oferecerem uma educação básica de qualidade (CNBB, 1995). Além disso, alguns candidatos possuem limitações intelectuais causadas pela falta de estímulos ao raciocínio, à lógica, ao hábito de leitura, à compreensão de textos durante a infância, o que, dificilmente, pode ser recuperado na idade adulta. A consequência disso é que o período do propedêutico, que deveria oferecer apenas uma revisão dos conhecimentos, acaba sendo a única fonte de aprendizado de qualidade dos pré-seminaristas. Isso gera uma série de problemas que vão desde as dificuldades acadêmicas em serem aprovados no vestibular até desordens emocionais como depressão, baixa autoestima e isolamento.

No trabalho de GC, as dificuldades nos estudos foram tema de discussão nos três grupos. Em cada um, houve um enfoque diferente, mas, em todos, apareceram como fonte geradora de ansiedade, tensão, medo e baixa autoestima na maioria dos participantes. O problema com os estudos costuma aparecer quando os candidatos percebem que não são capazes de cumprir com a jornada de estudos e trabalhos

comunitários exigidos no propedêutico e, diante disso, passam a ser cobrados, tanto pela equipe de formação quanto pelas famílias por melhores resultados os quais, nem sempre, são alcançados. Tudo isso, somado ao comportamento dos próprios candidatos que se comparam em relação às notas, gera problemas de convivência comunitária.

A fim de encontrarem uma solução para o problema dos estudos e conseqüente melhora no convívio comunitário, cada grupo propôs uma forma de compreensão e atuação sobre o assunto. O GC2 procurou encontrar soluções práticas e, nesse sentido, os participantes com maiores notas ofereceram ajuda àqueles com mais dificuldades. Além disso, o grupo procurou trabalhar a questão da autoestima enfatizando a importância de outras características subjetivas que não somente a intelectual, como a empatia, compaixão, solidariedade, paciência, caridade, para a formação do sacerdote. O resultado foi uma abrangência na consideração do que compõe a vida de um seminarista. O GC3 também optou por uma ajuda mútua a fim de resolver a questão dos estudos, mas, com a proximidade do vestibular, essa solução deixou de existir, pois, naquele momento, alguns seminaristas decidiram que cada um deveria ser responsável por si.

Essa mudança gerou outros conflitos no grupo e, com isso, alguns participantes sentiram a necessidade de explicar as dificuldades em relação aos estudos a partir de fatores externos a eles: didática inadequada dos professores, defasagem na educação básica, falta de oportunidades para estudar, trabalho infantil, ou seja, de situações que os isentavam de responsabilidade. As discussões do grupo foram no sentido de promover reflexões que os ajudassem a repensar suas limitações não como um problema a ser justificado, mas sim, como um desafio a ser superado.

Os participantes do GC1, depois de algumas conversas passaram a repensar as escolhas que estavam fazendo para sua vida. As reflexões os ajudaram a perceber que seu desejo em relação ao sacerdócio estava, de fato, muito mais relacionado com as atividades de pastoral do que com as atividades acadêmicas. Essa percepção os levou a uma reflexão sobre suas escolhas, pois ficou evidente que os participantes queriam ordenar-se padre (no sentido de exercer atividades de liderança nas paróquias), mas não estavam dispostos (no momento da discussão) a serem estudiosos da filosofia e da teologia, isto é, a exercerem esta atividade intelectual. Os estudos de Benelli (2008) também apontam para essa realidade ao demonstrarem que os seminaristas não aplicam os conhecimentos adquiridos na Universidade, em filosofia e em teologia, na vida prática. Isso acontece, segundo o autor, porque a maioria dos seminaristas não vê relação entre a vida acadêmica e a pastoral.

A forma como os pré-seminaristas procuraram resolver o problema dos estudos revela a falta de discernimento sobre o que significa ser um padre diocesano e a real importância dos estudos para a formação sacerdotal. Aqui percebemos que a realidade vivida no seminário transforma as ingênuas motivações iniciais de exercer atividades de liderança, nas paróquias como faziam nas comunidades a que pertenciam, em difíceis obstáculos a serem superados, pois os participantes passam a entender que a vocação para o sacerdócio exige muito mais do que disposição para exercer atividades pastorais e, assim, aquilo que antes era sentido como uma resposta positiva ao chamado de Deus passa a ser compreendido como um desafio a ser superado. Em outras palavras, antes de entrar para o seminário, os participantes imaginavam que a atividade mais importante na vida de um seminarista era realizar os trabalhos de pastoral, mas, depois que

ingressaram no propedêutico, viram que não era bem assim, pois, durante a formação, o maior desafio são os estudos e não a pastoral como eles imaginavam.

Benelli (2006), em seus estudos sobre a construção da subjetividade num seminário de filosofia aponta para essa questão e conclui que a complexidade e profundidade dos estudos de filosofia podem ser sentidos, pelos seminaristas, como devastadores de sua autêntica experiência de fé a qual, antes, era percebida subjetivamente através das atividades comunitárias, era algo mais sentido do que pensado, mas, depois do curso de filosofia, essa percepção deixa de ser algo apenas sentido e passa a ser questionado pela razão, o que costuma gerar dúvidas sobre o sentido da própria fé.

Voltando à realidade acadêmica dentro do propedêutico, podemos dizer que, diante das dificuldades intelectuais dos candidatos, o que observamos é uma busca de isenção de responsabilidades tanto por parte dos seminaristas quanto da equipe de formação. De um lado, temos os seminaristas que buscam justificar suas dificuldades por fatores externos a eles, o fato de não terem recebido uma educação básica de qualidade, de os professores não atenderem as necessidades que eles apresentam, entre outras e, de outro lado, temos a equipe de formadores que, embora tente suprir as carências acadêmicas dos vocacionados, justifica o baixo desempenho dos mesmos pela falta de iniciativa para superarem as dificuldades e também pelo despreparo intelectual com que entram para a diocese.

Nenhuma das justificativas citadas está incorreta, mas a verdade é que justificar as dificuldades acadêmicas dos seminaristas não irá resolver o problema em si, isso serve apenas para aliviar o peso das responsabilidades. O que se faz necessário é uma

discussão sobre a necessidade de maiores esclarecimentos e conscientização dos vocacionados sobre a importância dos estudos na formação do presbítero diocesano. Isso deveria acontecer durante o processo de discernimento vocacional, no qual são realizados encontros, palestras e entrevistas com formadores. É importante que os futuros seminaristas tenham maturidade suficiente para discernir sobre o que significa a chamada *vocação sacerdotal* em termos de vida prática e escolha pessoal, bem como sobre as características e exigências que tal escolha irá trazer para a vida de cada um. Além disso, é desejável que a equipe de formação esteja preparada para auxiliar os candidatos nesse processo, pois, dessa forma, alguns problemas hoje encontrados em diversos seminários brasileiros poderiam ser evitados, como são os casos de desistências por falta de preparo acadêmico e falsas motivações vocacionais (Benelli, 2006).

- **Necessidade e desafios da vida comunitária no seminário.**

Os resultados estatísticos da pesquisa de Pereira (2004) revelam uma inconsistência entre aquilo que aparece como expectativa inicial dos candidatos à vida religiosa e aquilo que causa frustração depois de algum tempo de formação. Segundo tal pesquisa, a possibilidade de viver em comunidade é a força matriz que leva os candidatos a escolherem a vida consagrada, mas os problemas de relacionamento interpessoal, causados pela convivência diária são os maiores geradores de frustração.

Para os padres diocesanos, que são o foco desta pesquisa, viver em comunidade não aparece como a principal motivação para o sacerdócio, no entanto viver em comunidade, pelos menos durante o período de formação, é um pré-requisito para que o seminarista seja aprovado e receba o sacramento da Ordem. Os resultados do trabalho

com grupos de crescimento mostraram que viver em grupo nem sempre é algo agradável e fácil para os pré-seminaristas. Isso, porque, para se ter uma convivência diária saudável, é preciso desenvolver, entre outras coisas, comportamentos de empatia, paciência, tolerância, respeito, amizade e intimidade, atitudes nem sempre fáceis de ter com pessoas estranhas, de cultura e hábitos diferentes. Tudo isso exige dos formandos uma adaptação a novos contextos de vida que nem sempre eles estão preparados para assumir.

Nos grupos de crescimento, essas dificuldades apareceram sob três pontos de vista diferentes. No GC1, o tema surgiu a partir de reflexões sobre os sentimentos em relação à escolha pela vida sacerdotal. Os participantes sentiram-se acolhidos e compreendidos ao perceberem que existiam semelhanças nas escolhas relatadas no grupo. Para o GC2, e também em certa parte para o GC3, falar sobre o tema teve um sentido diferente, isso porque os dois últimos grupos focalizaram as responsabilidades compartilhadas numa vida comunitária e não a escolha pelo seminário, como no GC1. No GC2, em especial, podem-se notar algumas mudanças em relação à compreensão do tema pelos participantes depois do trabalho com GC. Antes, eles entendiam a vida comunitária como dividir responsabilidades, mas, depois, passaram a compreendê-la como compartilhar objetivos e ideais de vida que são comuns a todos. Além disso, a discussão dos projetos de vida de cada participante, que incluía contar sua história e pensar no futuro como sacerdote, possibilitou uma grande identificação entre os participantes, a qual foi importante para que se aumentasse a intimidade no grupo e, assim, seus elementos pudessem repensar suas próprias histórias a partir das relatadas pelos colegas. Com isso, novos significados foram atribuídos à vida comunitária e, como consequência, houve mudanças nos comportamentos dentro do seminário, por

exemplo, maior tolerância entre os participantes no que se refere às experiências passadas e melhora no convívio entre eles.

A pesquisa de Pereira (2004) apresentou muitas semelhanças em relação a este trabalho. Uma delas foi a utilização dos relatos de histórias de vida dos sujeitos para compreender sua origem, família, inserção na vida consagrada, principalmente no que se refere aos aspectos da formação. A essa técnica o autor deu o nome de “técnica de história oral”, e nós, o nome de *projetos de vida*. Pereira (2004) explica que: “não buscamos a história oral que apenas grava lembranças do passado, mas aquela que escuta reflexões e análises dos protagonistas comprometidos com atividades religiosas e de seu processo formativo”. Ressalta ainda que: “A memória não é simplesmente um depósito de dados. Ela está integrada com o presente, com atitudes, compreensões, críticas, criações e sempre dinamicamente reformulando opiniões e novas visões sócio-político-culturais” (p.20). Diante disso, podemos pensar que os novos significados atribuídos através das histórias contadas pelos colegas auxiliaram os participantes a repensarem suas escolhas e projetos de vida, o que certamente contribuiu para o seu desenvolvimento psicológico e formativo.

- **Ser formador: a difícil tarefa de preparar os futuros presbíteros da Igreja.**

Este e outros estudos apontam para as falhas encontradas no processo de formação dos membros da Igreja Católica. Exemplo disso são as pesquisas de Benelli (2006, 2007, 2008), Pinto e Martin (2007), Costa (2007), Zilles (2007) e Pereira (2004). Apesar de concordarmos com os autores citados no que se refere à importância de adaptação dos seminários às necessidades atuais de formação, também devemos

destacar as diversas ações e movimentos da Igreja no sentido de melhorar a formação dos padres e religiosos católicos.

Os documentos eclesiais *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis* do Papa João Paulo II (1992) e o *Decreto Conciliar Optatum Totius* do Concílio Vaticano II (1965), além dos diversos documentos escritos pela CNBB e Congregação para Educação Católica sobre como devem ser e funcionar os seminários católicos, são exemplos da preocupação que a Santa Sé tem em relação à formação de seus sacerdotes.

Há pouco tempo, no ano de 2008, foi publicado o documento *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, escrito pela Congregação para Educação Católica. A finalidade desse documento foi auxiliar os formadores e seminaristas quanto ao correto discernimento da vocação sacerdotal. Para isso, o Papa Bento XVI incentiva a participação de profissionais ligados à área das ciências psicológicas no processo de discernimento vocacional e/ou durante o processo de formação, assim, esse profissionais devem auxiliar formadores e bispos quanto à idoneidade dos candidatos e a autenticidade da vocação (CEC, 2008).

A abertura para atuação de profissionais leigos de ambos os sexos no processo de formação, além da maior participação dos seminaristas em atividades fora dos seminários, revela uma evolução importante, se compararmos o processo de formação atual com o anterior ao Concílio do Vaticano II. Sobre essas mudanças, Meschiatti (2007) diz que uma compreensão adequada sobre o Concílio Vaticano II é fundamental para se compreender o processo de formação sacerdotal atual, bem como o perfil dos presbíteros século XXI.



Sabe-se que o Vaticano II propiciou, na Igreja, o surgimento de um período de abertura a novas experiências em diversos campos: liturgia, trabalhos com a juventude, diversos tipos de pastorais, atuações sociais e políticas. Com o processo de formação, não foi diferente e, nesse sentido, as dioceses viram-se obrigadas a fazer uma reformulação em todo seminário. Esse processo não foi simples e, no início, as maiores dificuldades eram em relação aos padres mais antigos que não aceitavam as mudanças propostas a partir do Concílio, cuja expressão mais significativa estava na liturgia, bem como na adaptação do corpo todo da Igreja às mudanças. Além disso, houve o crescimento de um clima de permissividade, de novas experiências que se faziam em todos os lugares em nome da renovação proposta (Meschiatti, 2007).

Uma grande e importante mudança dessa época foi a inserção dos seminaristas nas Universidades para estudar filosofia e teologia junto aos leigos e não mais em regime de internato. Essa mudança refletiu a preocupação da Igreja em formar um novo tipo de presbítero que estivesse desvincilhado do aspecto meramente cultural de celebração dos sacramentos e mais apto e preparado para as responsabilidades na tarefa evangelizadora da Igreja. Estes novos presbíteros poderiam gerar uma visão missionária do ministério ordenado para estar inserido no mundo da Universidade e, assim, evitar a segregação e o distanciamento da vida social. Meschiatti (2007) diz que havia muita resistência por parte dos reitores em relação à nova proposta formativa, pois o clero formado no seminário tridentino (anterior ao Concílio Vaticano II, seguindo as normas do concílio de Trento) tinha muita dificuldade em aceitar um estilo mais aberto de formação, no qual os seminaristas tinham maior liberdade de ir e vir, estudar, envolver-se com os problemas dos alunos e da Universidade, além de relacionarem-se livremente com alunos de ambos os sexos.

Diante da realidade vivida antes e alguns anos após o Concílio do Vaticano II, podemos observar que o processo de formação nos seminários foi-se alterando, caminhando para progressiva abertura até chegar aos dias atuais, onde encontramos formadores mais preocupados com a qualidade da formação dos seminaristas e também mais conscientes de suas limitações em relação a assuntos que não são de seu conhecimento. Um exemplo disso é a abertura do propedêutico para a realização do trabalho com grupos de crescimento que foi realizado por uma psicóloga leiga, com consentimento do bispo e do padre reitor.

Outro exemplo de abertura no processo de formação, embora não bem aceito pela Igreja, foi a proposta do Padre José Comblin em criar um programa de formação sacerdotal alternativo, o que chamou de “Teologia da Enxada”. Comblin foi professor no Seminário regional do Nordeste, em Camaragibe, e professor no Instituto de Teologia de Recife, durante o período de 1965 a 1968. No início dos anos 70, passou a orientar uma experiência de formação de seminaristas que buscavam um estudo mais comprometido com a realidade e adequado ao exercício do ministério no mundo rural. O programa teve como objetivo formar sacerdotes e missionários populares a fim de evangelizarem a população rural com uma metodologia adequada e que levasse em consideração a cultura camponesa. A proposta de Pe.Comblin esteve fortemente relacionada com a Teologia da Libertação e, por isso, encontrou grande resistência por parte da Santa Sé em relação ao seu desenvolvimento. Na Igreja Católica, a Congregação para a Doutrina da Fé (1987), no material intitulado *Instrução sobre alguns aspectos da teologia da libertação*, aponta para os dois documentos oficiais que falam sobre esta teologia: *Libertatis Nuntius* (1984) e *Libertatis conscientia* (1986) citados por Congregação para doutrina da fé (1987). Neles, a Igreja, apesar de defender

a importância do seu compromisso radical para com os pobres, considerou esse tipo de movimento como heterodoxo. Isso, principalmente, porque a Igreja acha que a disposição da teologia da libertação em aceitar postulados do marxismo ou de outras ideologias políticas não é compatível com a doutrina católica, especialmente ao afirmar que "só seria possível alcançar a redenção cristã com um compromisso político". Nesses documentos, a Igreja salienta o risco da instrumentalização política da fé (Libânio, 1987).

Com a ascensão do pensamento tradicionalista na Igreja Católica, a Teologia da Libertação foi paulatinamente sendo excluída, porém mantém-se ainda viva nos movimentos sociais existentes dentro da Igreja, especialmente naqueles que estão comprometidos com uma análise crítica da realidade. Sabe-se que a força de suas idéias difundiu-se pelo clero e que grande parte dos sacerdotes latino-americanos estão ligados, em maior ou menor grau, aos ideais, por alguns considerados heterodoxos, dessa escola teológica (Libânio, 1987).

Acreditamos que todas as mudanças e propostas iniciadas no Concílio do Vaticano II, que até hoje são trabalhadas nas dioceses e congregações religiosas, representam um importante empenho da Igreja Católica em melhorar a qualidade de seus presbíteros e, conseqüentemente, em proporcionar líderes religiosos mais aptos a exercerem suas funções sacerdotais.

## CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar este trabalho, gostaria de apresentar a conclusão sobre alguns pontos importantes para o processo de formação sacerdotal, especialmente sobre o período propedêutico que é a base para uma formação de qualidade.

Além disso, gostaria de apontar algumas limitações em relação a esta pesquisa e sugerir novos trabalhos que tenham a intenção de melhorar, cada vez mais, a formação dos presbíteros católicos brasileiros. Deixo também algumas sugestões de mudanças em relação ao propedêutico para que sejam discutidas e, talvez, aplicadas por todos aqueles que, de alguma forma, contribuem para a formação de seminaristas. Por último quero apresentar um pequeno relato sobre como foi para mim, enquanto pesquisadora, realizar este estudo.

- Sobre o processo de discernimento vocacional

Esta pesquisa levou à conclusão de que a vocação sacerdotal deve ser pensada dentro de dois enfoques diferentes, porém complementares. O primeiro enfoque se dá no campo da fé e nele define-se a vocação como um chamado de Deus. Enquanto objeto, esse chamado não pode ser compreendido pelas ciências, mas, enquanto uma ação humana, pode. Essa ação, resposta humana em relação ao chamado de Deus, é o segundo enfoque ao qual nos referimos e, nesse campo, a psicologia, como uma ciência intramundana, pode auxiliar as pessoas a discernirem sobre as motivações que as levam a escolher uma vocação, ou a aceitar tal chamado. Assim, concluímos que os dois

campos citados, fé e psicologia, são complementares em relação à vocação sacerdotal, uma vez que o chamado é um ato de fé, ou melhor, é compreendido como tal com base no interior da fé, e a resposta a esse chamado é um ato humano.

Verificamos, assim, que o processo de discernimento vocacional é um ato do sujeito que procura respostas pessoais a um sentimento subjetivo. Em outras palavras, podemos dizer que, para a psicologia, a vocação sacerdotal é uma resposta humana a algo sentido como um chamado de Deus. Porém sentir-se chamado e dar uma resposta positiva a esse chamado não basta para que o candidato inicie o processo de formação sacerdotal, pois, para que isso aconteça, a vocação deve ser confirmada pelo bispo, isto é, precisa ser confirmada pela igreja visível a fim de ter validade perante a comunidade católica. Nesse sentido, concluímos que o processo de discernimento vocacional é algo complexo e não se dá imediatamente, pois consiste justamente em compreender com clareza de onde vem e qual a autenticidade daquilo que a pessoa sente como um chamado de Deus. É importante que esse processo ocorra em etapas e com tranquilidade para que o sujeito responda com liberdade e maturidade a esse chamado. Portanto podemos dizer que a aceitação livre para o chamado de Deus é a última etapa do processo de discernimento vocacional.

Diante da conclusão de discernimento vocacional como processo gradual e multidimensional, fica evidente a importância de se oferecer um clima de liberdade suficiente aos candidatos para que, assim, possam, juntamente com o bispo e a equipe de formadores, discernir sobre a autenticidade da vocação. O trabalho com grupo de crescimento teve justamente essa intenção, ou seja a de proporcionar um ambiente de maior liberdade para que os próprios pré-seminaristas pudessem pensar sobre suas escolhas em diálogo sincero com o bispo e os formadores.

- Sobre o sistema de avaliações no Seminário Propedêutico

Através das discussões nos GCs, vimos que o processo de formação dos seminaristas inclui uma série de avaliações que começam nos encontros vocacionais, antes de ingressarem no propedêutico, e só terminam quando o formando recebe o sacramento da Ordem. São avaliadas diversas áreas da vida dos seminaristas: comportamentos, capacidade intelectual, relacionamentos interpessoais, desenvolvimento da religiosidade e espiritualidade etc.

No seminário Propedêutico, quem realiza essas avaliações é a equipe de formação (professores, padre reitor, funcionários e o bispo), baseada no que dizem os documentos da Santa Sé sobre o processo de formação. No entanto concluímos que a forma como a equipe de formadores coloca em prática essas avaliações, geralmente baseadas em análises subjetivas sobre quem deve ou não continuar na formação, causa sentimentos de ansiedade e muita angústia nos candidatos, pois não existe um critério claro e objetivo sobre como eles estão sendo avaliados.

Observamos também que o trabalho de avaliar os candidatos não é tarefa fácil para os formadores, os quais, apesar de bem intencionados, não conseguem encontrar um meio fácil de resolver o problema. Sobre isso, uma possível solução é a realização de reuniões mensais nas quais toda a equipe de formação pudesse expor aos candidatos as observações que cada um faz sobre os diversos aspectos apontados pela Igreja como importantes para o período propedêutico. Assim, existiria um modelo de relatório mensal o qual seria preenchido pelos formadores e teria como finalidade orientar o candidato naquilo que ele tivesse maior dificuldade. Esses relatórios não seriam sentidos

pelos candidatos como algo ameaçador, pois, após a reunião, esses documentos seriam entregues aos participantes para que eles mesmos pudessem se auto-avaliar e entregar uma resposta sobre o documento para a equipe de formação. No final do ano, um único relatório preenchido pelo padre formador e também pelo candidato seria entregue ao bispo. Cabe destacar que, nesse relatório final, deve constar a opinião justificada do candidato em relação à continuação do processo formativo ou não. Existe, certamente, o risco de esse processo burocratizar-se, tornando-se meramente formal. Esse risco só pode ser contornado com uma prática de reuniões significativas em termos de envolvimento pessoal.

Outro ponto que precisa ser repensado no seminário propedêutico é forma como o trabalho de GC é visto pela equipe de formação, pois, apesar de ela solicitar a ajuda de profissionais especializados, como é o caso do trabalho com Grupos de Crescimento, o que ainda se observa são algumas dificuldades em relação à interação multidisciplinar entre esse trabalho e as demais atividades realizadas nessa etapa da formação. Assim, apesar dos bons resultados alcançados com os GCs, não conseguimos estabelecer relações entre esses e as atividades acadêmicas, por exemplo. Uma alternativa para esse problema é incluir o Grupo de Crescimento como uma atividade já prevista para o período propedêutico, ou seja, não como um trabalho à parte da formação, mas sim, como algo pertencente ao processo de discernimento vocacional e auxiliar nas avaliações finais dos propedeutas.

Dessa forma, os participantes teriam condições de, ao final do ano, fazerem um balanço sobre seus próprios comportamentos, desempenho acadêmico, vida religiosa/espiritual e relacionamentos interpessoais baseados em todas as reflexões que fizeram ao longo do ano com os relatórios mensais e também nos GCs. Assim, no final

do período propedêutico, os candidatos terão feito um discernimento vocacional pessoal que os ajudará a decidir, juntamente com a equipe de formadores, se eles devem ou não continuar o processo formativo.

- Sobre os objetivos do Seminário Propedêutico

Por este estudo, verificamos que os documentos oficiais da Igreja Católica são favoráveis à ocorrência de um período chamado Propedêutico, preliminar ao seminário maior. Essa fase tem por finalidade preparar os futuros seminaristas em relação à vida espiritual e religiosa, oferecer um mínimo de conhecimento sobre as bases teológicas e pastorais da Igreja, proporcionar uma revisão dos conteúdos aprendidos no Ensino Médio, além de iniciar os candidatos à vida comunitária.

Apesar de considerarmos todos esses aspectos importantes, cabe destacar que o processo de discernimento vocacional e crescimento pessoal dos pré-seminaristas não foi suficientemente trabalhado fora do GC. Concluimos que isso tenha acontecido, porque a maneira utilizada pela instituição para atender ao esperado na etapa propedêutica tal como: estabelecer normas rígidas de horários, vida de oração, vida comunitária, formas de estudos entre outras coisas, não contribui para o desenvolvimento pessoal e discernimento vocacional dos candidatos. Ao contrário disso, o que percebemos foram comportamentos padronizados, mais preocupados com a aprovação dos formadores do que com o discernimento vocacional e o crescimento pessoal. Cabe destacar que a crítica em relação a esse ponto não está na existência de normas, mas sim em considerar que o único apoio da formação sejam as normas.

Embora os formadores ainda não tenham encontrado um caminho para que essas dificuldades sejam solucionadas, o fato de o trabalho de GC ser aceito pela diocese e



também pelos formadores revela que existe uma preocupação e cuidado por parte dos superiores para que os seminaristas recebam, de alguma forma, uma assistência em relação ao desenvolvimento psicológico e vocacional.

- Sobre as expectativas externas em relação aos seminaristas

Durante esta pesquisa, percebermos que, ao iniciar o processo de formação, o candidato sofre muitas pressões e expectativas em relação ao novo papel social que irá desempenhar. Isso porque o seminarista e também o propedeuta não são vistos como aprendizes, mas como alguém já pronto para exercer atividades (pedidos de oração, orientação espiritual e pessoal, visita a pessoas em estado terminal de doença) para as quais nem sempre eles se sentem preparados. A consequência disso é que, mesmo percebendo essa dificuldade, muitos seminaristas acabam assumindo algumas responsabilidades, mesmo sem preparo, com a intenção de atender às expectativas que são depositadas sobre eles pois, para alguns, não atender a tais expectativas significa um atestado de incapacidade para o sacerdócio.

Percebemos, também, que carregar o rótulo de seminarista, nas condições descritas acima, é difícil para os candidatos e que o GC contribuiu na medida em que este funcionou como um espaço coletivo em que essas pressões puderam ser verbalizadas, conscientizadas e refletidas. Diante disso, concluímos que, durante o período propedêutico e também nos cursos de Filosofia e Teologia, os seminaristas precisariam ser mais instruídos e preparados para lidarem com as pressões emocionais que irão enfrentar ao longo do ministério sacerdotal. Isso pode acontecer através de Grupos de Crescimento com os formadores e psicólogos, nos quais o tema: “preparação para lidar com as expectativas” seja discutido de maneira a envolver os seminaristas no

assunto e proporcionar a eles condições emocionais para enfrentarem as dificuldades fora do seminário.

As pesquisas qualitativas interessadas em compreender os aspectos psicológicos envolvidos na experiência de candidatos ao sacerdócio, que se sentem pressionados pelo fato de carregarem o rótulo de seminarista, podem contribuir para uma melhor compreensão do assunto, além de fornecerem subsídios para que formadores e psicólogos possam ajudar os formandos nessa situação. Tais pesquisas podem ser realizadas através de entrevista e análise fenomenológica para se buscar o vivido do fenômeno.

- Sobre as dificuldades acadêmicas

Esta pesquisa nos permitiu concluir que a maior dificuldade encontrada pelos vocacionados na fase do propedêutico esteve relacionada com os estudos. Isso foi tema de discussões nos três grupos estudados e, em todos, apareceu como fonte geradora de ansiedade, tensão, medo e baixa autoestima na maioria dos participantes. Observamos que tais dificuldades costumam aparecer quando os candidatos percebem que não são capazes de cumprir com a jornada de estudos e trabalhos comunitários exigidos na Instituição e, diante disso, passam a ser cobrados, tanto pela equipe de formação quanto pelas famílias, por melhores resultados os quais, nem sempre, são alcançados. Tudo isso, somado ao comportamento dos próprios participantes, que, em geral, se comparam costumam compararem-se em relação às notas, gera problemas de convivência comunitária.

Nesse sentido, podemos dizer que as dificuldades acadêmicas não apenas causam problemas no âmbito intelectual, mas também, nos relacionamentos

interpessoais. Para lidar com tal situação, percebemos que há um movimento por parte dos pré-seminaristas e também da equipe de formação em encontrar respostas que justifiquem tais dificuldades e que os isentem da responsabilidade em relação à defasagem intelectual.

Sabemos que justificar as dificuldades dos vocacionados em nada ajuda a resolvê-las e que a possibilidade de um seminarista abandonar o processo de formação por causa delas durante os cursos de filosofia e teologia é bastante alta. Uma possível solução para essa questão pode ser um processo de seleção mais rígido que leve em conta as reais condições dos vocacionados em ingressar no curso de filosofia. Isso pode ser feito através da análise do histórico escolar dos candidatos e também através de uma prova na qual os candidatos deveriam, por exemplo, escrever um texto contando sua história de vida. Posteriormente, é corrigido e analisado a fim de garantir o mínimo de condições intelectuais para ingresso no Propedêutico.

- Sobre a vida comunitária no Seminário Propedêutico

Esta pesquisa concluiu que, diferente do encontrado em outros estudos sobre a formação de religiosos (Pereira, 2004), viver em comunidade, no sentido de uma moradia residencial fechada somente para seminaristas e formadores, não é o principal fator motivacional que leva uma pessoa a escolher o sacerdócio. Para os pré-seminaristas, viver num ambiente fechado, durante alguns dias da semana, junto a pessoas que eles não escolheram para conviver, nem sempre é algo agradável e fácil, pois, para se ter uma convivência diária saudável, é preciso desenvolver, entre outras coisas, comportamentos de empatia, paciência, tolerância, respeito, amizade e intimidade, atitudes nem sempre fáceis com pessoas estranhas, de cultura e hábitos

diferentes. Tudo isso exige dos formandos uma adaptação a novos contextos de vida que nem sempre eles estão preparados para assumir.

Concluimos, também, que a compreensão dos participantes sobre o que significa viver em comunidade foi- se modificando na medida em que as discussões sobre esse assunto aconteciam nos GCs. Isso porque antes do trabalho eles entendiam a vida comunitária como dividir responsabilidades, mas, depois, passaram a compreendê-la como compartilhar objetivos e ideais de vida que são comuns a todos.

Diante dos bons resultados alcançados nos GCs em relação a esse tema, sugiro que tal assunto seja discutido em outros contextos, como nas reuniões com os formadores, e que haja continuidade do trabalho com GCs e a realização de estudos específicos sobre a experiência de seminaristas que vivem em instituições fechadas como seminários, comparados com possíveis novas estratégias de formação sacerdotal que poderiam acontecer nas casas dos padres diocesanos, por exemplo, com um número reduzido de formandos.

- Sobre o processo de formação atual no Seminário Propedêutico

Concluimos, com esta pesquisa, que a formação dos pré-seminaristas, nos dias atuais, não ocorre da mesma maneira como há anos. Isso porque o Propedêutico, assim como outros seminários diocesanos, passou por algumas transformações significativas desde o Concílio Vaticano II e, entre essas mudanças, destaca-se a abertura da diocese para a realização do trabalho com GCs, feito por uma psicóloga leiga, e a permissão para estudos como este em relação à formação de padres.

Apesar dessas evoluções importantes, gostaria de ressaltar um aspecto que ainda precisa ser discutido, pesquisado e repensado pelas autoridades eclesiais: a forma como são preparados os futuros presbíteros. O que vemos hoje é uma formação que acontece em grandes instituições dentro das quais vigora uma hierarquia rígida, e delas os seminaristas partem para o mundo. Penso em como seria esse mesmo processo acontecendo em pequenas equipes, nas casas dos padres diocesanos, por exemplo, num trabalho pastoral integrado com as paróquias. Dessa forma, os seminaristas seriam visitados por formadores preparados para essa função, realizariam constantes reuniões de partilha de vida, análogas ao trabalho com Grupos de Crescimento.

Além disso, o trabalho de GCs pode trazer benefícios para os formadores, pois, caso eles tenham um espaço para refletirem e discutirem sobre suas próprias vivências, poderão, com isso, adquirir um maior preparo emocional para lidar com os formandos.

Não há dúvidas de que outras pesquisas semelhantes a esta, porém envolvendo Grupos de Crescimento com formadores, poderiam contribuir para uma melhor formação dos seminaristas bem como para a qualidade do trabalho de formadores. Nesse sentido, as chamadas *pesquisa intervenção* poderiam, além de oferecer benefícios diretos aos formadores, como resultados do trabalho com GC em si, fornecer subsídios para uma reflexão mais profunda sobre a formação dos presbíteros católicos.

São também motivos de reflexão as pesquisas qualitativas/fenomenológicas interessadas em compreender a experiência de trabalho de padres formadores no contexto do seminário e, ao refletirmos sobre esse assunto, surgem algumas indagações: estão esses formadores preparados, psicologicamente, para lidarem com toda carga emocional que a formação exige? Existe uma real liberdade para exporem suas

limitações frente a problemas de formação para os quais eles não se sentem capacitados a resolver? Além disso, existe entre os formadores um consenso sobre como deve acontecer o processo formativo de seminaristas? Ou o que existe hoje é uma escolha pessoal sobre como conduzir a formação?

A através de entrevista com formadores ou mesmo através de depoimentos escritos sobre como é a experiência de ser formador, pode-se realizar uma análise que favoreça as reflexões sobre as dificuldades encontradas pelos formadores em relação à vida no seminário. Esses trabalhos poderão abrir novos espaços para discussões sobre a possibilidade de uma formação menos padronizada e mais preocupada em preparar padres conscientes de suas escolhas.

- Sobre as limitações do trabalho de Grupo de Crescimento no Seminário Propedêutico

Em relação às limitações desta pesquisa cabe ressaltar que, embora a realização do trabalho com Grupos de Crescimento tenha proporcionado aos participantes um espaço de discussão e reflexão sobre as experiências vividas na etapa do Propedêutico, ele não teve a intenção de gerar uma reflexão crítica sobre o seminário enquanto uma Instituição formadora de sacerdotes católicos. Acreditamos que outros estudos críticos em relação à etapa do Propedêutico e à Instituição Seminário (como é o caso das pesquisas de Benelli, 2006, 2007 e 2008) são e importantes e necessários para se pensar no processo de formação dos seminaristas.

- Sobre a minha experiência pessoal em relação a este estudo.

Conforme explicado na apresentação desta tese, minha motivação para realizar esta pesquisa não teve apenas uma justificativa acadêmica e social, mas, principalmente, uma justificativa pessoal. Agora, ao final do trabalho, me recorro com carinho das minhas idéias e hipóteses que foram, no início, ingênuas e muitas vezes exageradas em relação ao resultado final de quatro anos de trabalho.

Assumo que cheguei a pensar que esta pesquisa poderia resolver inteiramente alguns dos vários problemas encontrados no processo de formação dos seminaristas, mas, agora, depois de todos esses anos de pesquisa e participação ativa no seminário, vejo que não pude resolver inteiramente os problemas, mas, com certeza, pude proporcionar um espaço para reflexão e discussão de assuntos importantes que antes não havia dentro do Propedêutico. Além disso, os resultados práticos do trabalho de Grupo de Crescimento e também a oportunidade de discutir tal trabalho com os padres formadores foram o ponto inicial para uma maior abertura da Instituição em relação à atuação de profissionais leigos no processo de formação dos pré-seminaristas, o que, sem dúvida, me trouxe muita satisfação tanto profissional quanto pessoal.

Em relação à elaboração da pesquisa dentro dos moldes acadêmicos posso afirmar que a intenção fenomenológica realmente se fez presente neste estudo. Considerando que a pesquisa fenomenológica busca acessar o vivido e produzir novos sentidos a partir dele, entendo que este tipo de pesquisa pode trazer benefícios que vão além da elaboração cognitiva do fenômeno estudado. Na pesquisa fenomenológica, o pesquisador deve atuar como facilitador do acesso ao vivido, o qual, muitas vezes, nunca foi acessado antes: é no ato da relação pessoal (durante o processo de pesquisa)

que surge a oportunidade de acessá-lo pela primeira vez. Neste momento, tanto o pesquisador quanto o participante, podem ser surpreendidos por essa descoberta. Uma vez que o vivido é acessado, há possibilidade de ressignificar as experiências, refletir sobre elas e dar um novo direcionamento ao viver ou a algum setor do viver. Considerando que a coleta de dados nessa pesquisa se dá através de uma relação dialógica e que os sentidos são construídos através desta relação, podemos dizer que a pesquisa fenomenológica tem um caráter mobilizador tanto para o participante quanto para o pesquisador. Isso porque ao final do trabalho, não somente os participantes se sentiram mobilizados, mas também eu (pesquisadora) atribuí novos significados em relação a minha maneira de pensar sobre alguns temas discutidos dentro do Grupo de Crescimento. Devo destacar que um assunto, em especial, que foi a questão do Discernimento Vocacional e o papel da psicologia nesse processo me mobilizou a ponto de me instigar a querer pesquisar mais sobre o tema, mas isso aconteceu não somente pela importância científica de maior conhecimento sobre o assunto, mas também, pela reflexão que este estudo gerou em mim sobre o que significa, para um vocacionado, a oportunidade de discernir sobre aquilo que ele sente com um chamado, mas que precisa ser trabalhado na autenticidade da resposta.

Ao finalizar esta tese sinto que uma parte das indagações que me acompanham desde a adolescência já não me deixa tão inquieta e que a mobilização gerada pelos resultados deste estudo me trazem novas hipóteses as quais resultarão em novas pesquisas que trarão novas inquietudes e que farão a roda da ciência girar graças à mobilização que é gerada no pesquisador.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Allport, G.W. (1961). *Psicologia de la personalidad*. Buenos Aires, Paidós.
- Allport, G.W. (1970). *The individual and his religion*. The Macmillan Company, New York, 10ª ed.
- Alves, V.L.P. (1997). *Atendimento de casais: descrevendo processos*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida, Faculdade de psicologia. Campinas-SP, Brasil.
- Amatuzzi, M.M (1995). Descrevendo processos pessoais. *Estudos de Psicologia Puc-Campinas*, 12 (1), 65-79.
- Amatuzzi, M.M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia PUC-Campinas*, 13(1): 5-10.
- Amatuzzi, M.M. (1997). A experiência religiosa: uma pesquisa em andamento. *A psicologia e o Senso Religioso: Anais do Seminário*. Ribeirão Preto-SP.
- Amatuzzi, M.M. (1998a). Experiência Religiosa: busca de uma definição. *Estudos de Psicologia PUC-Campinas*, 15 (1): 49-65.
- Amatuzzi, M.M. (1998b). A Experiência religiosa: estudando depoimentos. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 17 (1): 15-30.
- Amatuzzi, M.M. (1999). Abordagem fenomenológica no atendimento psicoterápico. *Psicologia em estudo*, 4 (1): 67-81.
- Amatuzzi, M.M. (2000). Desenvolvimento religioso: uma hipótese psicológica. *Estudos de Psicologia PUC-Campinas*. 17 (3): 43-66.
- Amatuzzi, M.M. (2001a). Esboço de teoria do desenvolvimento religioso. Em: Paiva, G.J. (org). *Entre a necessidade e Desejo: diálogos da Psicologia com a Religião*. pp. 25-51. São Paulo: Ed Loyola.
- Amatuzzi, M.M (2001b). *Por uma Psicologia Humana*. Campinas-SP Ed: Alínea.
- Amatuzzi, M.M. (2003). Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. Em: M.A.T. Bruns & A. F. Holanda (Orgs). *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ed Alínea.
- Amatuzzi, M.M; Eccheverria, D.F; Brisola, E.B & Giovelli, L.N. (1996). *Psicologia na Comunidade*. Campinas-SP: Ed. Alínea.

Ancona-Lopez.M. (1999). Religião e psicologia clínica: quatro atitudes básicas. Em: Massimi. M & Mahfoud.M. (org.) *Diante do mistério: Psicologia e senso religioso*. São Paulo: Ed Loyola.

Ancona-Lopes, M. (2002). Psicologia e Religião: recursos para construção do conhecimento. *Revista Estudos de Psicologia Puc-Campinas*, 19 (2): 78-85.

Andaló, C.S.A. (2001). O papel do coordenador de grupos. *Psicologia USP*, 12 (1), 135-152.

Antoniuzzi, A. (1998). Notas para a história dos presbíteros no Brasil. *REB- Revista Eclesiástica Brasileira*, 58 (231), 597-617, Petropolis-RJ. Ed: Vozes.

Antunes, T.A. (2005). *Experiência religiosa católica e desenvolvimento pessoal: um estudo fenomenológico*. Dissertação Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, Brasil.

Ávila, A. (2007). *Para conhecer a Psicologia da Religião*. Trad. Nunes, M.J.R & Gambi, T. Original de 2003. São Paulo-SP: Edições Loyola.

Azevedo, F. (1954). *Pequeno Dicionário Latim-Português*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Barreto, A.P. (2005). *Terapia Comunitária passo a passo*. Fortaleza-CE: Gráfica LCR.

Benelli, S.J. (2006). O seminário católico e a formação sacerdotal: um estudo psicossocial. *Psicologia USP*, 17(3), 145-182.

Benelli, S.J. (2007). Operadores e paradigmas eclesiais na formação do clero. *Fragments de Cultura*, Goiânia, 17 (11/12), 1095-1117.

Benelli, S.J. (2008). Estudo psicossocial de um seminário teológico: a formação do clero católico em análise. *Estudos de Psicologia*, 13 (3), 203-211.

Benkö, A. (1981). *Psicologia da religião*. São Paulo: Ed. Loyola.

Congregação para Educação Católica - CEC (1985). *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*. São Paulo: Ed Paulinas.

Congregação para Educação Católica - CEC (1998). Documento informativo. *O período Propedêutico*. Recuperado em 12 de junho 2006 de [www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_19981005\\_semin\\_proped\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19981005_semin_proped_po.html).

Congregação para Educação Católica -CEC (2008). Documento informativo: *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*. Recuperado em 10 de agosto 2009 de [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_20080628\\_orientamenti\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20080628_orientamenti_po.html).

Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais- CERIS (2003). *O perfil do Presbítero Brasileiro*. Recuperado em 22 janeiro 2008 de <http://www2.ceris.org.br/ptbr/download/presbiteros.pdf>

Concílio Vaticano II. (1965). *Decreto Optatam Totius*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes.

Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. (1995). *Formação dos presbíteros da Igreja do Brasil, diretrizes básicas*. São Paulo: Ed. Paulinas.

Congregação para a doutrina da fé (1987). *Instrução sobre alguns aspectos da teologia da libertação*. São Paulo: Ed Paulinas.

Costa, M.J.A. (2007). Cartografias clericais - problematizando a formação de padres em um seminário católico. In: XIV Encontro Nacional da Abrapso, Rio de Janeiro. *Anais de resumos e trabalhos completos do XIV Encontro Nacional da ABRASPSO de 2007*.

Dencker, A.F.M. (2001). *Pesquisa empírica em ciências humana como ênfase em comunicação*. São Paulo: Ed.Futura.

DSM IV (1994). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto-Alegre: Ed. Artes médicas.

Erikson, E.H. (1980). *Identidad, juventud y crisis*. Madri: Ed Taurus.

Faria, A.L. (2003). *Crônicas de um grupo de formação*. Tese doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida-Faculdade de psicologia.

Faris, J.R. (2005). Aconselhamento psicológico e espiritualidade. Em: AmatuZZi, M.M. (org). *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Ed Paulus.

Fowler, J.W. (1962). *Estágios da fé: a psicologia de desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo- RS: Ed Sinodal.

Fromm, E. (1984). *El dogma de Cristo*. Barcelona, Paidós.

Foucault, M. (1999). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

Giovanetti, J.P. (1999). O Sagrado e a Experiência Religiosa na psicoterapia. Em: Mahfoud, M & Massimi, M. (Orgs). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Ed. Loyola.

Giovanetti, J.P. (2005). Psicologia existencial e espiritualidade. Em: AmatuZZi, M.M. (org). *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Ed Paulus.

Goffman, E. (1974). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Ed Perspectiva.

González Rey. F.L. (2002). *Pesquisa Qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Ed Pioneira Thomson Learning.

- Igreja Católica. (1985). *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Madri: Loyola.
- James, W. (1986). *Variedades de La experiência religiosa*. Barcelona, Península.
- João Paulo II, Papa. (1992). Exortação Apóstólica Pós-Sinodal sobre a formação dos sacerdotes – *Pastores Dabo Vobis*. São Paulo-SP: Ed. Paulinas
- Libânio, J. B. (1987). *Teologia da Libertação: roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Ed Loyola.
- Macedo, S.M. (1998). Grupo e instituição: relações de poder na dialética de um processo grupal de aprendizagem. *Estudos de Psicologia*, 15 (2), 45-57.
- Martínez, M.M. (1994). *Comportamiento humano: nuevos métodos de investigación*. Mexico: Ed Trillas.
- Martins, S.M.V & Amatuzzi, M.M. (2005). Grupo de crescimento: uma prática sob o enfoque fenomenológico. Em: Camon, V.A.A (Org). *As várias faces da psicologia fenomenológico-existencial*. São Paulo: Ed Pioneira.
- Martins, S.M.V. (2004). *Grupo de Crescimento: descrição de sua prática em clínica-escola de psicologia*. Dissertação Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida- Faculdade de psicologia.
- Maslow, A.H. (1964). *Religions, Values and Peak-Experiences*. New York: Ed Penguin Books.
- Massih, E (s/d). *O trabalho conjunto de psicólogos e formadores à vida religiosa*. Recuperado em 8 de janeiro de 2007 de <http://www.osib.org.br/>
- Meschiatti, J.E. (2007). *Trabalhadores da vinha: estudo sobre a formação do clero – o seminário católico antes e depois do Concílio Vaticano II*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.Campinas-SP, Brasil.
- Navarrete, A. (s/d). *O discernimento da vocação sacerdotal*. Regastado em 21 de setembro 2009 de [http://mitranh.org.br/s1/index.php?view=article&catid=107%3Aseminaristas&id=973%3Ao-discernimento-da-vocacao-sacerdotal&format=pdf&option=com\\_content&Itemid=72](http://mitranh.org.br/s1/index.php?view=article&catid=107%3Aseminaristas&id=973%3Ao-discernimento-da-vocacao-sacerdotal&format=pdf&option=com_content&Itemid=72)
- Paiva, G.J. (1989). Algumas relações entre Psicologia e Religião. *Psicologia-USP*, 1 (1), 25-33.
- Paiva, G.J. (1999). Religião, literatura e psicologia: o conhecimento pela metáfora. Em: Massimi, M & Mahfoud, M. (org). *Diante do Mistério: psicologia e senso religioso*. Ed. Loyola.
- Pargament, K.I. (1997). *The psychology of religion and coping*. New York. The Guilford Press.

- Pereira, W.C.C. (2004). *A formação religiosa em questão*. Petropolis-RJ: Ed Vozes.
- Pinto, E. B (2004). A pesquisa qualitativa em psicologia clínica. *Psicologia- USP*, 15 (1/ 2). Recuperado em 14 de junho 2008 de [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642004000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642004000100012&script=sci_arttext)
- Pinto, F.C & Martin,M.W.L. (2007). Uma perspectiva humana psicológica da opção sacerdotal: estudo sobre seminários diocesanos no vale do Paraíba. *Anais do XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro latino Americano de Pós-graduação – Universidade do Vale do Paraíba*.
- Priberam on line Dicionário. Recuperado em 15 de setembro 2007 de [http://www.priberam.pt/dlpo/definir\\_resultados.aspx](http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx)
- Prebianchi, H. & Amatuzzi, M.M (2000). Análise de uma experiência de supervisão clínica. *Estudos de Psicologia*, 17 (1), 55-63.
- Richardson, R.J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Ed Atlas.
- Rogers, C.R. (1983). *Um jeito de ser*. Trad. Kupfer, M.C.M; Lebrão, H & Patto, Y.S. São Paulo: Ed EPU. Original publicado em 1980.
- Rogers, C.R (1984). *Grupos de Encontro*. Lisboa: Ed Moraes.
- Rossi, A.M. (2008). *Instituto Humanitas Unisinos*. Recuperado em 31/05/2008 [http://www.unisinos.br/\\_ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=14409](http://www.unisinos.br/_ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=14409).
- Ruiz, E (2002). Dinâmica Populacional e Igreja Católica no Brasil: 1960-2000. *Caderno CERIS*, 2 (3) São Paulo: Ed Loyola.
- Saffiotti, M.L. (2006). Orientaciones para el manejo de conflictos relacionados con la expresión de la afectividad y sexualidad en sacerdotes y personas en vida consagrada: procesos de formación. In: *Revista Humanitas: revista de Investigación*, 2 (2), número extraordinario. San José : Universidad católica de Costa Rica, p. 38 – 67.
- Thouless, R.H. (1961). *Na Introducion to the Psychology of religion*. New York, Cambridge University Pres.
- Valle, J.E.R. (1998). *Experiência religiosa: enfoque psicológico*. São Paulo: Ed Loyola.
- Valle, J.E.R; Massih, E & Morais, F. (2004). Maturidade e Integração no processo formativo: elementos para o trabalho conjunto de psicólogos e formadores de religioso. *Cadernos do ITA*. São Paulo.
- Valle, J.E.R. (2005). Religião e Espiritualidade: um olhar psicológico. Em: Amatuzzi, M.M. (org). *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Ed Paulus.

Zangari, W. (2003). *Incorporando papéis: uma leitura do fenômeno da mediunidade de incorporação entre médiuns de umbanda*. Tese de doutorado apresentada ao departamento de psicologia social e do trabalho, Instituto de Psicologia – USP. São Paulo-SP, Brasil

Zangari, W. (2005). Uma leitura psicossocial do fenômeno de incorporação na Umbanda. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, 3(5),70-88.

Zangari, W. (2007). Experiências anômalas em médiuns de umbanda: uma avaliação fenomenológica e ontológica. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, 27 (2) 67-86.

Ziles, U. (2007). A formação intelectual dos futuros presbíteros. Em: *Teocomunicação*, Porto Alegre, 37 (155), 5-18.

Wulff, D. (1996) The Psychology of Religion: An Overview. In Shafranske, E. P. (Ed.), *Religion and the Clinical Practice of Psychology*. Washington, D.C.: American Psychological Association.

# ANEXOS

## ANEXO I

### QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO

#### **Aos participantes do Grupo de Crescimento,**

Como é do conhecimento de todos os participantes, estou realizando uma pesquisa sobre Grupo de Crescimento na formação sacerdotal. Este questionário que entrego a vocês é um instrumento que faz parte desta pesquisa.

É importante lembrar que a identidade dos participantes será mantida no mais absoluto sigilo e que apenas os dados relevantes ao meu objetivo de pesquisa poderão ser publicados.

- 1) O que você achou da experiência de participar de um Grupo de Crescimento (GC)? Por quê?
- 2) O que significou o espaço do grupo para a sua formação religiosa? Por quê?
- 3) O GC contribuiu para o seu crescimento pessoal? Como?
- 4) Você se sentiu à vontade no GC para falar ou expressar seus sentimentos? O que contribuiu para isso?
- 5) Houve alguma coisa do GC que você não gostou ou que faria diferente? O que seria? Como mudar isso?
- 6) Em termos práticos, qual a sua opinião em relação ao:
  - \*tempo disponível para o grupo?
  - \*intervalos de encontros?
  - \*procedimentos de realização?
  - \*postura da coordenadora e dos outros participantes do grupo?
- 7) Se você fosse o padre responsável pelo Propedêutico, indicaria a continuidade do GC para seus vocacionados? Por quê? Qual a importância disso para a formação do religioso?
- 8) Aqui, você pode fazer algum tipo de crítica, sugestão, reclamação ou simplesmente falar sobre alguma coisa que não constava nas perguntas acima.

Agradeço muito a colaboração de todos  
Thais Baungart  
Psicóloga



## ANEXO II

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ESTUDO PILOTO**

Eu..... portador do RG.....sendo um vocacionado no Instituto Vocacional Propedêutico São José, pertencente à Diocese de Campinas-SP, aceito participar dos encontros de Grupo de Crescimento coordenados pela psicóloga Thais de Assis Antunes Baungart CRP 06/73769, a serem realizados quinzenalmente durante o período de agosto a novembro de 2006 .Tenho conhecimento de que os dados coletados neste trabalho poderão ser utilizados para fins de pesquisa caso haja autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Campinas. Estou ciente de que este trabalho pode contribuir para um maior conhecimento na área da Psicologia da Religião, especialmente no que se refere à formação sacerdotal. O objetivo dos encontros de Grupo de Crescimento é a promoção do desenvolvimento psicológico, entendido aqui como crescimento pessoal, através do diálogo e do aprofundamento reflexivo das vivências cotidianas de seus participantes.

Estou ciente de que minha participação é voluntária e que o presente estudo não oferece nenhum tipo de dano físico, moral ou financeiro a seus participantes. Poderei, neste sentido, encerrar minha participação no trabalho quando desejar sem sofrer nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

Fui informado de que receberei informações antes, durante e depois da realização deste trabalho e que minha privacidade será garantida em todos os sentidos.

Poderei, sempre que quiser, entrar em contato com a psicóloga-pesquisadora e/ou com o Comitê de Ética da PUC-Campinas para maiores esclarecimentos, pelo telefone (19) 91510994 ou (19) 33436777.

Estou recebendo uma cópia deste termo de consentimento assinado pela pesquisadora responsável.

Campinas ...../...../.....

.....  
Participante

.....  
Thais Baungart  
Psicóloga - Pesquisadora

### **ANEXO III**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu..... portador do RG.....sendo um pré-seminarista no Instituto Vocacional Propedêutico São José, pertencente à Arquidiocese de Campinas-SP, aceito participar dos encontros de Grupo de Crescimento coordenados pela psicóloga Thais de Assis Antunes Baungart CRP 06/73769, a serem realizados quinzenalmente durante o período de agosto a novembro de 2008.

Tenho conhecimento de que os dados coletados neste trabalho poderão ser utilizados para fins de pesquisa. Estou ciente de que este trabalho pode contribuir para um maior conhecimento na área da Psicologia da Religião, especialmente no que se refere à formação sacerdotal. O estudo, no qual participarei, tem como objetivo descrever e compreender o processo de desenvolvimento psicológico e formativo de pré-seminaristas católicos com a prática do Grupo de Crescimento. Entende-se por Grupo de Crescimento um espaço destinado à promoção de desenvolvimento pessoal no qual os participantes podem refletir e discutir sobre questões relacionadas às vivências cotidianas dentro do prisma psicológico.

Estou ciente de que minha participação é voluntária e que o presente estudo não oferece nenhum tipo de dano físico, moral ou financeiro a seus participantes. Poderei, neste sentido, encerrar minha participação no trabalho quando desejar sem sofrer nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

Fui informado de que receberei informações antes, durante e depois a realização deste trabalho e que minha privacidade será garantida em todos os sentidos.

Poderei, sempre que quiser, entrar em contato com a psicóloga-pesquisadora e/ou com o Comitê de Ética da PUC-Campinas para maiores esclarecimentos, pelo telefone (19) 91510994 ou (19) 33436777.

Estou recebendo uma cópia deste termo de consentimento assinado pela pesquisadora responsável.

Campinas ...../...../.....

.....  
Participante

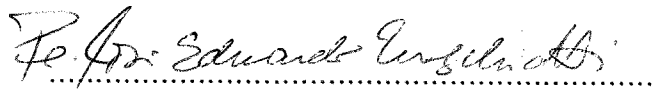
.....  
Thais Baungart - Psicóloga / Pesquisadora

## ANEXO IV

### AUTORIZAÇÃO

Eu, Pe. José Eduardo Meschiatti, responsável pela formação de pré-seminaristas do Instituto Vocacional Propedêutico São José (pertencente à Diocese de Campinas-SP), autorizo a realização dos encontros de Grupos de Crescimento realizados pela Psicóloga Thais de Assis Antunes Baungart CRP 06/73769 para fins de pesquisa.

Autorizo também, a publicação científica de dados coletados durante este trabalho, denominado: "Grupo de Crescimento Psicológico na formação sacerdotal: Pertinência e possibilidades" desde que os mesmos sigam as normas éticas de pesquisa com seres humanos.



**Pe. José Eduardo Meschiatti**

INSTITUTO VOCACIONAL PROPEDÊUTICO SÃO JOSÉ

Arquidiocese de Campinas

Rua Waldemar César da Silveira, 155- VI. Cura D'ars CEP 13.045-510- CAMPINAS-SP

## ANEXO V



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Campinas, 27 de maio de 2008

Protocolo 269/08

Prezada Senhora Thais de Assis Antunes Baungart,

C/C: Pós-Graduação em Psicologia

**Parecer Projeto: PROJETO APROVADO**

### **I – Identificação:**

**Título do projeto:** Grupo de Crescimento Psicológico na Formação Sacerdotal: pertinência e possibilidades

**Pesquisadora responsável:** Thais de Assis Antunes Baungart

**Orientador:** Mauro Martins AmatuZZi

**Instituição onde se realizará:** Instituto Vocacional Propedêutico São José

**Data de apresentação das reformulações solicitadas pelo CEP:** 20.05.2008

### **II – Objetivo:**

O objetivo dos encontros de Grupo de Crescimento é a promoção do desenvolvimento psicológico, através do diálogo e do aprofundamento reflexivo das vivências cotidianas de seus participantes.

### **III – Sumário:**

Essa pesquisa tem enfoque qualitativo e uma fundamentação teórica humanista. Participarão da pesquisa os candidatos ao seminário diocesano de Campinas que estiverem inseridos no programa vocacional do Instituto.

### **IV – 3º Parecer do CEP:**

Dessa forma, e considerando a Resolução no. 196/96 item VII.13.b, que **define as atribuições dos CEPs e classifica os pareceres emitidos aos projetos de pesquisa envolvendo seres humanos**, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: **Aprovado**.

Conforme a Resolução 196/96, é atribuição do CEP “acompanhar o desenvolvimento dos projetos através de relatórios anuais dos pesquisadores” (VII.13.d). Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP-PUC-Campinas o relatório final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

### **V - Data da Aprovação: 27/05/08**

Sendo só o que nos cumpre informar, aproveitamos da oportunidade para renovar votos de estima e consideração.

Atenciosamente.

Profa. Dra. Karina Magalhães Brasio  
Presidente do C.E.P.S.H.P  
PUC-Campinas

## ANEXO VI

### RELATO DO GRUPO DE CRESCIMENTO 1

- Relatos dos encontros do GC1 (ano 2006) baseados nos diários de campo

O CG1 ocorreu durante o segundo semestre do ano de 2006 com encontros quinzenais. O grupo iniciou com sete participantes, mas terminou com seis, porque um dos seminaristas se desligou do seminário.

O GC1 foi a primeira experiência com grupos de crescimento no seminário Propedêutico. As anotações nos diários de campo mostram que, durante todo o semestre, houve uma evolução gradual do grupo no sentido de chegar ao objetivo do trabalho que é a promoção do crescimento pessoal.

No primeiro encontro foram estabelecidas as normas de funcionamento do grupo. Todos colaboraram para que essas normas fossem construídas, e o resultado disso foi que o próprio grupo tomou para si a responsabilidade de fazê-las funcionar. Dentre as normas, uma me chamou muito a atenção: o grupo decidiu que toda a conversa dos encontros não deveria sair daquele espaço, ou seja, todos deveriam fazer um esforço para falar sobre os acontecimentos do grupo apenas durante os encontros de grupo. Outra regra era que o formador não deveria participar dos assuntos discutidos para que todos se sentissem à vontade para se expressar. A construção e o cumprimento dessas regras mostraram que houve um sentimento de cumplicidade mútua dentro do grupo. Isso aconteceu porque os participantes tomaram essas regras e o espaço dos encontros como algo que pertencia apenas a eles, pois esse foi o único espaço dentro do

seminário que os participantes não precisaram se preocupar com a aprovação do formador.

No segundo encontro, foram temas de discussão a saudade da família, as histórias de vida de cada um e a descoberta da vocação sacerdotal. Para o grupo, não foi possível pensar na própria história sem relacioná-la com a religião, pois a vida pessoal acontecia dentro do contexto religioso. Foi através da comunidade religiosa que eles se socializaram com outras pessoas, expressaram seus sentimentos através de músicas religiosas, fizeram amigos, namoraram e se divertiram, ou seja, a própria identidade deles foi pensada a partir da religião. *“Minha vida era baseada na escola, igreja e casa..., mas era na igreja que eu tinha amigos, que cantava e me divertia”* (trecho retirado do diário de campo (DC) do grupo de crescimento 1 (GC1), 09/08/2006). Esse trecho me fez pensar o quanto, para muitos deles, o aspecto religioso e o social da vida podem ser entremeados e interdependentes.

A partir dos relatos, foi ficando claro para mim que a decisão de entrar para a vida sacerdotal envolve diversos fatores, que vão desde o apoio recebido pela família até as mais variadas fantasias sobre o que é ser padre. Alguns disseram que não receberam apoio da família em relação ao ingresso para a vida consagrada e que, para os familiares, isso era algo estranho e que não correspondia às expectativas que os pais tinham em relação ao futuro dos filhos. Causar essa “decepção” aos pais foi algo muito dolorido e marcante na vida de alguns dos participantes, uma vez que muitos se sentiram divididos entre a vocação sacerdotal e a escolha pela realização dos sonhos dos pais. Ter de fazer essa escolha foi algo que trouxe sofrimento e desgaste emocional.

Foi discutida também, a descoberta da vocação, ou seja, *o chamado de Deus*. Para muitos, essa descoberta veio acompanhada de uma difícil decisão: para atender ao chamado de Deus, eles precisariam deixar tudo aquilo que até então conheciam como certo, ou seja, trocar uma vida de segurança por uma vida nova, cheia de incertezas. “O chamado de Deus não é claro (...). Deus não chega aos seus ouvidos e fala: fulano, eu quero que você seja padre. Ele encontra diversas maneiras de fazer você pensar sobre aquilo que Ele quer para a sua vida, mas aí vem a parte mais difícil, né? Fazer a escolha” (Diário de Campo Grupo de Crescimento 1 [DC GC1], 09/08/2006). Ao final do encontro, percebi que muitos participantes se identificaram com as histórias contadas pelos colegas e que isso os deixou mais confortáveis em relação aos conflitos pessoais que a escolha pela vida sacerdotal pode trazer. Depois de refletir sobre isso, penso que essa identificação positiva com os demais participantes é muito saudável, em termos de desenvolvimento psicológico, quando traz novos significados à vivência da pessoa.

Além disso, também foram temas de discussão a responsabilidade e as pressões que são exercidas sobre aqueles que entram para o seminário. “Eu mal entrei no seminário e já não posso jogar bilhar com meus amigos porque todo mundo fica comentando (...) é como se seminarista não tivesse vida social” (DC GC1, 09/08/2006). Tal relato mostra que, além de todos os conflitos gerados pela escolha de entrar para o seminário, o participante ainda precisa lidar com as expectativas sociais em relação a ele, ou seja, existe uma expectativa da comunidade em relação ao tipo de vida que um seminarista deve levar, e lidar com essa expectativa não é algo simples para eles.

Esses sentimentos de surpresa e cobrança das pessoas em relação ao comportamento deles é algo que acompanhou o grupo durante todo o semestre. Em vários encontros, esse assunto apareceu como algo que realmente preocupa e incomoda

os vocacionados, mas, ao compartilhar esses sentimentos no grupo, o peso dessas pressões torna-se menor. Esse alívio acontece porque, ao compartilhar sentimentos comuns, os participantes também dividem a carga que tais sentimentos trazem.

No terceiro encontro, o tema abordado foi o celibato. Essa discussão foi longa, falamos sobre muitas coisas que envolvem essa questão. Em alguns momentos, acabávamos saindo da proposta da discussão e, quando isso acontecia, o próprio grupo, com a ajuda da facilitadora, procurava voltar para o assunto original. Por ser um tema que envolve muitas questões paralelas, é natural que o grupo se desviasse do tema central e abrisse espaço para outros assuntos, no entanto o movimento do grupo de voltar para o tema central mostra que o próprio grupo foi capaz de se autocoordenar.

Achei muito interessante a diversificação de opiniões que ocorreu no grupo e, através dela, pude perceber algumas características pessoais de cada um. Um dos participantes procurou deixar claro que, em sua opinião, o celibato não deveria ser uma escolha, como estavam propondo alguns deles, mas algo obrigatório, como acontece hoje na Igreja. A intensidade e inflexibilidade desse participante, ao falar sobre o tema, fizeram-me refletir sobre o que estava significando, para ele, a necessidade do voto de castidade. Minha reflexão foi que, para ele, o celibato é fundamental, porque o ajuda a lidar com suas próprias dificuldades, uma vez que algo obrigatório não implica uma escolha pessoal que, muitas vezes, pode trazer dúvidas e insegurança.

Já o depoimento de outro participante mostrou preocupação com a questão da escolha. Para ele, o celibato não deveria ser uma obrigação, mas sim, uma opção. A intensidade com que ele defendeu seu ponto de vista revelou uma grande preocupação



com aqueles que sentem ter uma vocação para a vida sacerdotal, mas que não concordam com o celibato.

Através dos depoimentos, percebi que a questão do celibato ainda estava pouco amadurecida para os participantes, muitos depoimentos ficaram concentrados em questões superficiais, sendo difícil para os participantes aprofundá-las em sua subjetividade.

No quarto encontro, o tema escolhido foi sobre maturidade de vida, tanto no que se refere à vida sacerdotal, quanto no que se refere à vida do leigo. O assunto surgiu quando um dos participantes contou sobre a semana vocacional proporcionada pela diocese de Campinas. Foi levantada a questão dos sentimentos que envolvem esses encontros vocacionais e a participação dos pré-seminaristas no mesmo. Muitos disseram que gostariam de contribuir mais com a jornada vocacional e que, muitas vezes, sentem-se obrigados a ter que deixar alguns trabalhos práticos que poderiam realizar na semana, para estudar ou cumprir algumas das atividades do seminário. Relataram que gostariam de estar mais próximos dos jovens e que a troca de experiência poderia ser mais rica se eles tivessem tempo para isso. Tal relato mostra que muitos se sentem limitados em relação as suas atividades externas ao seminário, como a pastoral, devido às tarefas que precisam cumprir no propedêutico, o que lhes toma muito tempo. Também foi colocada a importância que essa jornada tem para atrair mais jovens para a Igreja e o quanto esses encontros contribuíram para a chegada deles até o propedêutico.

Os assuntos levantados: maturidade e encontro vocacional contribuíram para uma reflexão acerca da postura dos seminaristas em relação àqueles que desejam entrar para a vida sacerdotal. O tema proporcionou reflexões sobre a maneira como eles são

“obrigados” a amadurecer num ritmo mais rápido e, pelo que percebei, muitos encontraram dificuldades nesse processo.

No quinto encontro, foi abordada a questão da formação intelectual dos seminaristas. Esse é um ponto que, geralmente, traz muita preocupação aos vocacionados, porque a exigência em relação aos estudos já começa na fase do propedêutico. A maioria dos candidatos tem sua origem em famílias carentes, normalmente sem condições de fornecer uma boa formação acadêmica. O resultado disso é que, ao ingressarem no seminário, muitos candidatos encontram inúmeras dificuldades no que se refere aos estudos.

A etapa do propedêutico caracteriza-se por ser uma fase de preparação para o vestibular e para o curso de filosofia, além disso, oferece um bom embasamento sobre espiritualidade. Durante os encontros, observei que, desde essa etapa, as dificuldades em relação aos estudos já se tornam um grande obstáculo tanto em relação à boa convivência na casa quanto em relação à autoestima dos participantes. Normalmente o candidato que tem maiores dificuldades sente-se inferiorizado em relação aos demais ao perceber que seu desempenho nas provas e no vestibular não se iguala ao dos outros. Isso causa, além de problemas de relacionamento na convivência diária, isolamento, comparações e pressões por parte do formador, uma baixa na autoestima do candidato. “Por mais que eu me esforce nunca consigo tirar notas boas como o fulano..., já faz muito tempo que sai da escola e me sinto muito desatualizado..., é como se eu tivesse que aprender tudo novamente” (DC GC1, 30/08/2006).

Durante os relatos, pude observar que, apesar de alguns se exporem de maneira mais aberta, muitos procuravam tomar cuidado com as palavras e também com o

conteúdo daquilo que falam. “melhor eu não falar nada para não chocar os outros (risos)” (DC GC1, 30/08/2006). Frases como essas demonstram preocupação em relação à avaliação que será feita pelos demais. Nesse sentido, penso que esse movimento de não falar nada por parte de alguns participantes, provoca um tipo de retraimento naqueles que até então estavam conseguindo se expor de maneira mais aberta dentro do grupo, pois, existem dois tipos de participante: aqueles que, mesmo se sentindo inseguros ao falar de seus sentimentos preferem tentar se expor, e aqueles que se sentem inseguros e preferem não se expor. O que aconteceu nesse encontro foi que o primeiro tipo de participante acabou se calando ao perceber que estava sendo avaliado pelos demais. Penso que esses comportamentos acontecem, porque num ambiente de seminário, os vocacionados acabam “guardando” certos sentimentos para não correrem o risco de ficarem expostos à avaliação do formador.

No sexto encontro, pude perceber alguns resultados práticos do trabalho em grupo. Quando cheguei ao propedêutico, vi que os meninos estavam com visitas no lugar que normalmente usamos para realizar o grupo. Quando percebi que esse lugar estava ocupado, logo pensei que não iríamos conseguir realizar o trabalho por falta de espaço, mas, para minha surpresa, todos os participantes se movimentaram para procurar e organizar outro espaço para que pudéssemos fazer o encontro. Isso me fez pensar na importância que este trabalho tem para os participantes, ainda mais quando um deles disse: “as visitas que esperem!..., depois do grupo a gente dá mais atenção a eles” (DC GC1, 13/09/2006). Isso mostra que esse trabalho tem sido gratificante tanto para mim, quanto para os vocacionados, para eles porque é um espaço destinado a reflexões que normalmente não são feitas em outras ocasiões e, para mim, é gratificante porque vejo o resultado prático de um trabalho realizado com muito empenho.

Depois disso, todos os integrantes do grupo participaram de maneira bastante ativa. O tema do encontro foi como viver uma vida “normal” sendo um futuro sacerdote. Sentimentos ambíguos tais como: vontade de servir a Deus como sacerdote e vontade de viver a vida com todas as coisas materiais que ela pode oferecer, apareceram de maneira bastante frequente. Nos relatos, pude perceber que os participantes estavam deixando o estereótipo de seminaristas de lado para falar de maneira mais espontânea, estavam refletindo não como futuros padres, mas como jovens que estão vivendo uma fase de escolhas que traz muitas inseguranças. “Quero ser padre, mas, é tão difícil abrir mão da minha outra vida” (DC GC1, 13/09/2006). Percebi que, ao tirar a “veste de seminarista”, o grupo pode conversar sobre tudo isso com um olhar diferenciado e avaliar melhor os sentimentos que estavam envolvidos nesse tema, ou seja, eles foram capazes de resignificar muitas coisas que até então nunca haviam sido discutidas. *“Depois dessa conversa com o grupo percebo que antes de ser padre sou um ser humano, vou ter mais paciência comigo mesmo” (DC GC1, 2006).* Isso fez muito bem ao grupo e, ao final do encontro, todos disseram que se sentiram mais aliviados com a reflexão.

No 8º encontro, o assunto discutido foi o trabalho de pastoral que os seminaristas realizam nas paróquias aos finais de semana. Começamos falando sobre os trabalhos que estão em andamento e sobre os projetos para o futuro. Em um determinado momento da discussão, um dos participantes desviou o foco do assunto para algo que o estava incomodando muito. Segundo ele, o tempo disponível para a realização de tais trabalhos é muito pequeno somente nos finais de semana. Isso o fazia sentir-se muito limitado e impotente. Em seu relato, o participante disse que a Igreja poderia fazer muito mais projetos para as pessoas menos favorecidas socialmente e que

ele já viveu em situação similar a muitos pobres que a Igreja ajuda e, portanto, sente vontade de participar mais ativamente dos trabalhos da pastoral. Aparece aqui uma forte identificação do participante com a camada menos favorecida da sociedade e uma grande ansiedade no sentido de realizar mais trabalhos de pastoral do que é permitido pelo propedêutico.

Houve um momento no grupo em que ficou bastante evidente que os outros participantes estavam querendo explicar para Márcio (nome fictício) o motivo pelo qual os seminaristas não podiam se dedicar 100% a esses trabalhos. Percebi que essa tentativa de explicação gerou ainda mais angústia em Márcio, pois, naquele momento, ele não estava procurando soluções, apenas queria falar e compartilhar seus sentimentos com o grupo. Ao perceber isso, procurei refletir para os outros participantes que nenhuma explicação iria acalmar o coração de Márcio naquele momento e que a única coisa que poderíamos fazer era ouvi-lo e tentar nos colocar no lugar dele. Ao tomar consciência disso, o grupo mudou o foco da discussão e procurou acolher aquilo que o participante estava sentindo, independentemente de concordarem ou não com a posição dele.

O encontro seguinte foi bastante especial para mim, isso porque me surpreendi com a escolha que o grupo fez para entrarmos na etapa do analisar. Como de costume, pedi para que os participantes pensassem naquilo que os havia tocado durante a semana e, depois, cada um falou sobre suas experiências, inclusive eu falei sobre as minhas. Na etapa do escolher, aconteceu a minha surpresa, pois o tema que o grupo escolheu foi justamente a minha vivência da semana. Falei para eles que naquela semana eu estava muito feliz e, ao mesmo tempo, bastante confusa, porque eu havia comprado meu apartamento e iria me casar no ano seguinte. Falamos sobre os sentimentos de felicidade

e insegurança que são, muitas vezes, ambíguos. Nesse ponto, os seminaristas conseguiram relacionar aquilo que eu, como leiga, estava sentindo, com a vida deles, futuros sacerdotes. Muitos relataram que também se sentem divididos e confusos com as renúncias que a escolha para a vida sacerdotal pode trazer. Comparamos os meus sentimentos em relação ao casamento com os sentimentos deles em relação aos votos e vida sacerdotal de maneira geral. O resultado foi que encontramos muitas semelhanças e conseguimos compartilhar as angústias que tais sentimentos podem trazer. Um dos participantes disse: “sabe que me sinto muito bem em ouvir um leigo dizer que sente as mesmas coisas que eu? Isso porque não importa qual a escolha que você precisa fazer..., todas as escolhas trazem angústia porque você precisa sempre abrir mão de alguma coisa para ter a outra” (DC GC1, 18/10/2006).

O 10º encontro fez-me pensar em qual o sentido do grupo de crescimento para os participantes, e a conclusão a que cheguei foi a de que a importância do grupo estava no sentido que esses encontros têm para os vocacionados, ou seja, é no grupo que eles podem se expressar sem medo de uma possível avaliação, além disso, é um espaço no qual eles dão novos significados às experiências vividas. Cheguei a essas conclusões através dos relatos dos participantes que se empolgaram muito para contar sobre uma travessura que realizaram dentro do seminário quando o formador não estava presente. Apesar de ser uma travessura boba e sem nenhum tipo de consequência negativa para a formação do vocacionados, chamou-me a atenção a empolgação deles ao contarem que, por alguns minutos, puderam se comportar como garotos e jovens que são. Disseram que se sentiram livres por brincarem uns com os outros sem medo de serem avaliados, julgados ou mal entendidos pelos formadores.

No penúltimo encontro, conversamos sobre vários assuntos e, não houve a fase de escolher um único tema, pois acabamos refletindo sobre vários. Falamos sobre a preocupação que os vocacionados sentem em relação à orientação dos jovens dentro das paróquias, pois muito disseram não se sentirem preparados para dar orientações quando são solicitados pelas comunidades. Sobre isso, ressaltamos a questão da maturidade e da responsabilidade que o seminarista carrega desde o momento em que entra para o seminário. Para muitos participantes, lidar com a pressão que a comunidade exerce sobre eles é algo realmente difícil e que traz muitas angústias. Alguns disseram que não se sentem preparados para lidar com os problemas apresentados pela comunidade. A troca de experiências em relação a esse assunto ajudou o grupo a pensar sobre a atuação de cada um nas paróquias e sobre o que é possível se fazer quando sentimentos de impotência ou de dúvidas tomam conta da pessoa. Observei que os participantes sentem-se responsáveis por fazerem alguma coisa quando surge um problema em relação à comunidade, sentem que as pessoas esperam deles alguma reação, no entanto eles não se sentem preparados para lidar com tais problemas, o que traz muita angústia. Percebi que essa troca de experiências foi muito rica e positiva para os participantes no sentido de fazê-los pensar que nem todos os problemas apresentados na comunidade podem ser resolvidos por eles e que, muitas vezes, apenas uma boa escuta pode trazer um excelente resultado.

Além desse assunto, também falamos sobre sexualidade na infância e adolescência. Alguns participantes disseram que estão preocupados com esse assunto, pois, cada vez mais cedo, as crianças e jovens das comunidades que participam estão iniciando precocemente sua vida sexual. Discutimos o que está levando a esse movimento e o que seria possível se fazer para ajudar as crianças a voltarem a ser

crianças. Algumas respostas dos participantes vinham acompanhadas de muita ingenuidade e falta de conhecimento em relação ao desenvolvimento infantil e juvenil. Observei que, para muitos seminaristas, essa falta de conhecimento trazia como consequência uma angústia e total despreparo para lidar com tais questões. Depois de falarmos sobre isso, resolvemos que no próximo encontro eu iria dar uma pequena palestra sobre a *Teoria do desenvolvimento religioso* para ajudá-los a entender melhor o processo de desenvolvimento psicológico e religioso do ser humano.

O último encontro do grupo teve uma duração maior do que os outros. Nele falamos sobre a *Teoria do desenvolvimento religioso* sistematizada por Amatuzzi (2001 a). Além disso, fizemos um fechamento sobre o trabalho geral do grupo através de uma avaliação respondida pelos participantes.

Em relação à aula sobre a Teoria do Desenvolvimento Religioso, esta foi muito produtiva, percebi que os alunos aproveitaram bastante o conteúdo apresentado e muitas dúvidas foram esclarecidas com ela.

Depois da aula, solicitei aos participantes que falasse um pouco sobre o que eles acharam do trabalho do grupo, fazendo críticas e sugestões para os próximos encontros. Os resultados seguem abaixo.

- Avaliação dos participantes sobre o GC1

Os participantes responderam algumas perguntas elaboradas por mim com a



finalidade de averiguar os resultados obtidos com o trabalho de grupo de crescimento.

Abaixo encontram-se as perguntas, uma avaliação geral das respostas e também alguns trechos de respostas mais significativas de alguns dos participantes. Cabe ressaltar que, conforme explicado na parte de método, foram apenas selecionados os trechos e respostas que estavam diretamente relacionados com o objetivo desta pesquisa e que não comprometiam a identidade dos participantes.

1) O que você achou da experiência de participar de um Grupo de Crescimento (GC)? Por quê?

R: Todos os participantes disseram que a experiência de participar de um GC foi positiva.

“(…) O grupo favoreceu um maior contato com meus próprios sentimentos, muitos deles eu nem sabia que sentia ou não dava importância, agora sei que preciso prestar mais atenção naquilo que realmente sinto” (participante do GC1).

“A experiência de participar do grupo foi importante para a convivência da casa, pois, me ajudou a compreender melhor os sentimentos e experiências dos meus colegas de seminário” (participante do CG1).

“Há cada encontro do grupo eu me sentia mais aliviado com meus sentimentos” (participante do CG1).

2) O que significou o espaço do grupo para a sua formação sacerdotal? Por quê?

R: Todos do grupo relataram que o trabalho ajudou no processo de formação sacerdotal.

“(...) a troca de experiências e o confronto com pensamentos divergentes são favoráveis ao processo de formação, pois, nos colocam diante de novas possibilidades de pensamentos e ações” (participante do CG1).

“(...) o processo de formação inclui muitas disciplinas e atividades, mas, o grupo de crescimento foi a oportunidades de pensarmos sobre o lado humano do sacerdote com suas limitações e imperfeições. Esse tipo de reflexão não é encontrado em nenhuma matéria do seminário” (participante do CG1).

“(...) o grupo me ajudou a perceber meus próprios limites e a olhar para as experiências dos outros com mais paciência (...) isso faz parte da formação sacerdotal” (participante do CG1).

3) O GC contribuiu para o seu crescimento pessoal? Como?

R: Todos os participantes relataram que o grupo trouxe crescimento pessoal através das conversas e reflexões que foram propostas. Esse crescimento pessoal veio como uma consequência das atividades de reflexão propostas no grupo.

“entendo crescimento pessoal como uma mudança de pensamento e comportamentos, nesse sentido o grupo foi fundamental para meu crescimento pessoal” (participante do CG1).

“Crescimento pessoal é saber olhar o mundo de forma crítica e sábia, nisso, o grupo ajudou bastante” (participante do CG1).

“o maior crescimento pessoal que tive foi em relação ao convívio com meus companheiros” (participante do CG1).

4) Você se sentiu à vontade no GC para falar ou expressar seus sentimentos? O que contribuiu para isso?

R: Apenas um participante disse que não se sentiu à vontade para se expressar dentro do grupo, pois, algumas vezes, sentiu-se avaliado pelos colegas. Os demais participantes disseram que o grupo proporcionou um espaço confortável para que eles pudessem se expressar.

“Muitas vezes não falei coisas que precisava falar porque sentia que meus colegas iriam me julgar por isso” (participante do CG1).

“eu me senti à vontade para falar no grupo depois que percebi que os outros participantes me apoiavam naquilo que estava muito difícil para mim (...)” (participante do CG1).

5) Houve alguma coisa dentro do GC de que você não gostou ou que faria diferente? O que seria? Como mudar isso?

R: Todos os participantes disseram que não mudariam nada, alguns sugeriram algumas mudanças em relação à duração dos encontros que será abordada na pergunta seguinte.

6) Em termos práticos, qual a sua opinião em relação ao:

\*tempo disponível para o grupo?

R: A maioria dos candidatos disse que 1:30h não são suficientes para a realização do grupo e sugeriram 2:00h de duração.

\*intervalos de encontros quinzenais?

R: Todos disseram que é suficiente

\*procedimentos de realização?

R: Todos disseram que os procedimentos estão bons

\*postura da coordenadora e dos outros participantes do grupo?

R: Todos disseram que a postura da coordenadora bem como a dos participantes do grupo foi boa.

7) Se você fosse o padre responsável pelo propedêutico, indicaria a continuidade do GC para seus vocacionados? Por quê? Qual a importância disso para a formação do religioso?

R: Todos os participantes relataram que sugerem a continuidade do grupo de crescimento para os próximos anos, no entanto solicitaram que além do trabalho em grupo, também sejam realizados encontros individuais com a psicóloga.

“Acho que seria fundamental que além do espaço do grupo, também tivéssemos a oportunidade de conversar individualmente com a psicóloga (...) às vezes sinto que preciso falar sobre coisas que não quero apresentar no grupo (...)” (participante do CG1).

- **Percepções e sentimentos do GC1 baseadas nas versões de sentido da pesquisadora:**

Realizar o trabalho de GC durante o ano de 2006 fez-me sentir algumas emoções as quais, muitas vezes, pareciam-me contraditórias. Eram misturas de ansiedade e alívio, inseguranças e realizações, preocupação e satisfação, dúvidas e certezas que me motivaram a continuar o trabalho a cada encontro. Essas contradições faziam-me pensar em como era possível, num mesmo encontro, eu sentir insegurança em relação aos resultados finais do trabalho e, ao mesmo tempo, satisfação pessoal ao perceber que, no final, os participantes saíam de forma diferente da que entraram. “Senti que estava muito ansiosa, não sabia como iria ser recebida..., ao final do encontro me senti muito feliz e acolhida” (trecho da versão de sentido [VS GC1, 03/08/2006]). Essas diferenças eram percebidas por mim na semana seguinte, quando algum dos participantes falava sobre como o encontro passado o havia tocado de maneira profunda e que a consequência disso era algum tipo de mudança em seu comportamento que o levava, conseqüentemente, a um crescimento pessoal. “Senti-me muito realizada ao saber que o encontro passado ajudou muito L” (VS GC1, 30/08/2006).

É importante destacar que, além desses sentimentos em relação ao grupo, percebi mudanças em relação a minha maneira de conduzir o trabalho. Nos primeiros encontros, eu estava bastante preocupada em seguir os sete passos propostos para o grupo de crescimento, acredito que, por isso, minha postura era mais rígida e fechada, não que essa fosse a proposta do grupo de crescimento, mas eu me colocava de maneira mais rígida para buscar segurança em relação à realização do grupo. Nessa primeira fase, os sentimentos de insegurança e preocupação eram muitos “hoje o grupo não

caminhou de acordo com os passos propostos, mas deu um bom resultado” (VS GC1, 16/08/2006).

Foi somente com o decorrer dos encontros e quando resolvi não usar o rótulo de psicóloga que consegui me soltar e ser uma facilitadora dos encontros “me senti mais próxima dos participantes depois que tirei minha roupa de psicóloga” (VS GC1, 16/10/2006). Quando adquiri maior segurança em relação a minha postura dentro do grupo, senti que os participantes puderam se expressar de maneira mais livre e isso fez com que o grupo tomasse novos rumos. “Pela primeira vez conheci o grupo como pessoas e não somente como futuros padres” (VS GC1, 13/09/2006).

Nos dois últimos meses, antes de encerrarmos os encontros, alguns dos participantes pediram-me para que discutíssemos temas relevantes sobre a vida dentro do seminário. Aceitar essas mudanças dentro do contexto do grupo não foi uma tarefa fácil para mim, pois isso implicou uma adaptação dos procedimentos do grupo para que os temas fossem discutidos. Dessa maneira, as etapas do contar e escolher foram substituídos pelo tema proposto. O resultado dessas mudanças foi muito bom, pois os participantes puderam falar sobre dúvidas e sentimentos dentro de um tema comum ao grupo. Para mim, conseguir caminhar junto com as necessidades do grupo foi algo muito especial e que, certamente, trouxe-me um grande crescimento pessoal.

Comparando a minha primeira VS com a última, percebi que minha postura foi-se modificando com o decorrer dos encontros. Isso porque na primeira VS, fica evidente que existe uma tensão e ansiedade que não permitem uma maior espontaneidade, já na última, o tom é de tranquilidade e satisfação pessoal por ter conseguido um bom resultado. “Esse foi nosso último encontro, sinto que consegui cumprir minha tarefa e

isso me faz muito feliz (...). Sinto que depois desses encontros sou uma pessoa diferente, acho que alguma coisa mudou dentro de mim” (VS GC1, 28/11/2006).

## ANEXO VII

### RELATO DO GRUPO DE CRESCIMENTO 2

- Relatos dos encontros do GC2 (ano de 2007) baseados nos diários de campo.

O GC2 começou em março de 2007 e finalizou em novembro do mesmo ano. Participaram desse trabalho cinco seminaristas, mas, como houve a desistência de um, o grupo terminou com quatro.

No primeiro encontro, fez-se uma apresentação geral de cada um e se falou um pouco a respeito da minha pesquisa e como seriam os encontros do GC. Ressaltei que a intenção do trabalho era ajudá-los a refletir sobre suas vivências cotidianas dentro do seminário propedêutico.

Durante três ou quatro encontros, o grupo de crescimento realizou-se inspirado nos sete passos propostos por Amatuzzi e, assim, durante os encontros ouvíamos de cada participante apresentou aquilo que havia sido mais significativo em sua semana para, a partir disso, haver uma reflexão sobre a vivência narrada.

Depois de alguns encontros, utilizando essa metodologia, o grupo solicitou que fosse utilizado o espaço de trabalho para discutir temas diversos, ou seja, temas pré-escolhidos que estivessem relacionados com a vida sacerdotal. Após discutirmos como seriam essas discussões, resolvemos que seria interessante se eu pudesse pesquisar o tema escolhido por eles e desse uma aula conceitual sobre o assunto, depois abriríamos para uma reflexão. Resolvi que poderíamos tentar trabalhar assim até que o grupo mudasse de idéia ou que aparecesse outra sugestão de trabalho. Tal pedido fez-me pensar que, talvez, para os participantes, seria mais cômodo discutir um tema pré-



selecionado do que ter que pensar e se expor sobre temas pessoais dentro do grupo, uma vez que o pedido de temas prontos estaria mais relacionado com uma suposta proteção em relação à exposição.

O primeiro tema escolhido pelo grupo teve como título: *Afetividade e Sexualidade*. Para a escolha desse tema, foi feita uma espécie de votação a fim de serem selecionados os assuntos que mais interessavam aos participantes. Comecei falando um pouco sobre o que era sexualidade em termos conceituais, depois discutiram-se sobre as manifestações da sexualidade e, por último, a vivência da sexualidade no contexto da vida religiosa. Observei, através dos depoimentos, que falar sobre sexualidade e afetividade era algo de que o grupo estava sentindo necessidade, mas que, por ser esse um assunto polêmico dentro do seminário e que gera uma diversidade de opiniões no meio religioso, os seminaristas preferiram discutir o assunto dentro dos temas pré-selecionados para que, dessa forma, ninguém ficasse exposto. Alguns participantes utilizaram uma terceira pessoa para falar de si mesmos (“isso aconteceu com um amigo de um amigo meu”).

Observei que, embora tivéssemos discutido bastante sobre o assunto, não conseguimos esgotar o tema por causa do tempo e, infelizmente, algumas questões ficaram sem respostas, mas pude deduzir, através da intensidade e motivação com que os participantes se envolveram no assunto, que esse seria um tema que precisaria de mais tempo para ser refletido.

No encontro seguinte, o grupo continuou a discussão sobre o tema da *afetividade e sexualidade*. Senti que os participantes estavam muito interessados no assunto; perguntavam, discutiam e me pediam explicações sobre alguns pontos tais como: como

lidar com os impulsos sexuais que normalmente eles sentem, ou sobre como conseguir controlar sentimentos de paixão em relação a uma mulher. Em determinados assuntos como esses, por exemplo, percebi que eu já não era capaz de contribuir de maneira diferenciada dos participantes (não tinha mais conhecimento do que eles sobre o assunto), por isso, resolvi propor que falássemos mais sobre os sentimentos que giram em torno desse assunto ao invés de seguir um método de perguntas e respostas. Depois disso, senti que o encontro foi muito produtivo e importante para que os participantes pudessem ter um espaço para troca de informações e reflexões.

No encontro seguinte o tema levantado pelo grupo para discussão foi: *motivações para a vida religiosa*. Quando o grupo levantou a necessidade de se discutir esse tema, propus que cada um tivesse um dia para expor ao grupo o seu projeto de vida e, a partir dele, faríamos uma reflexão, ou seja, depois de ouvir o projeto de vida do participante do dia, o grupo como um todo poderia comentá-lo para promover uma discussão sobre aquilo que havia sido trazido. Essa proposta foi aceita e, na semana seguinte ao encontro, começou a ser aplicada. Os primeiros relatos de projetos de vida começaram com a história pessoal até chegar à descoberta da vocação sacerdotal e ingresso no propedêutico.

Essa experiência foi muito rica. Todos participaram ativamente da proposta, chegando até mesmo a escrever seus projetos num papel e levando para os encontros para que pudessem ser discutidos. Esta foi uma boa oportunidade para se pensar a respeito da vocação sacerdotal e relacioná-la com a história de vida de cada um. Os seminaristas gostaram da idéia e penso que isso aconteceu, porque no grupo eles encontraram um espaço para serem ouvidos a respeito de sua vida particular, uma vez que, dentro do seminário, dificilmente eles encontram tempo para pensarem na vida

particular, pois todas as atividades são realizadas em conjunto e voltadas para a formação sacerdotal e, nesse sentido, ter um espaço para se lembrar da própria identidade foi algo importante.

Observei que os comentários acerca dos projetos de vida que eram expostos faziam com que cada um repensasse sua própria história de vida e refletisse sobre o futuro como sacerdote. Além de se pensar no futuro, os seminaristas também pensaram em sua vida antes de entrar para o seminário e, além disso, puderam relacionar suas histórias com as dos colegas, o que fez com que muitos olhassem para o futuro de maneira diferenciada.

Em alguns casos, ocorreram discussões por causa de divergência de pensamentos entre os membros, mas mesmo essas discussões foram importantes para que o grupo pudesse reavaliar o seu funcionamento como comunidade. Penso que essas discussões revelam o quanto a história de vida de cada um mexe emocionalmente com os sentimentos do outro, isso porque muitos fatos relatados têm pontos em comum com a vida de todos do grupo. Observei também que, depois dessas discussões, o grupo percebeu que, muitas vezes, os comentários que saíam durante as discussões não estavam relacionados com o assunto em pauta, mas sim, com alguns desentendimentos que estavam ocorrendo fora do grupo. Aproveitamos a oportunidade para falar sobre esses problemas e possíveis maneiras de evitá-los. No final do encontro, conseguimos refletir sobre essas divergências e trazer soluções para melhorar os relacionamentos no grupo e fora dele. Isso acontece porque muitas coisas não são ditas diretamente no momento em que elas ocorrem dentro do seminário e isso faz com que os sentimentos, se acumulem e apareçam na hora em que estamos discutindo outras coisas, ou seja, o próprio grupo percebeu que eles estavam usando o tema do GC para falar de questões

que estavam acontecendo no seminário. Tudo isso aconteceu porque eles ainda não encontram uma maneira de lidar com os conflitos que ocorrem fora dos encontros de GC e encontraram no espaço do grupo uma oportunidade para discutir tais conflitos.

Terminamos o primeiro semestre com os projetos de vida e combinamos de continuá-lo no segundo semestre, no entanto, no último encontro de junho, antes das férias, o grupo pediu para que, nos encontros, voltássemos a enfatizar aquilo que havia sido mais significativo na semana para cada um. Todos falaram que estavam sentindo falta desse espaço, uma vez que este era o único momento da semana em que eles paravam para analisar como estava a caminhada vocacional de cada um dentro do seminário. Esse movimento do grupo de voltar a falar sobre o vivido da semana e não mais sobre temas pré-selecionados mostra que os participantes perceberam o que significa compartilhar experiências pessoais e que isso pode ser feito, sem necessariamente, expor questões de caráter íntimo. Esse fato revela que o grupo amadureceu e percebeu que, em termos de desenvolvimento pessoal, compartilhar experiências traz mais benefícios do que trabalhar temas pré-selecionados.

Concordei que poderíamos voltar a fazer as reuniões dessa forma, caso o grupo assim o desejasse. Encerramos o grupo do primeiro semestre de 2007 e combinamos que, a partir de agosto, faríamos os encontros dentro dos 7 passos como estava sendo feito anteriormente, trabalhando com base nos projetos de vida.

No dia 14 de agosto, voltamos aos encontros, e esse foi o nosso primeiro encontro depois de um mês de férias. Começamos as reuniões pensando sobre o que havia sido mais significativo para cada um nesse tempo em que não nos havíamos visto. Todos falaram sobre as férias e sobre as atividades que realizaram. Alguns disseram que

trabalharam muito nas pastorais e em outras atividades para o vestibular, outros falaram que aproveitaram as férias para descansar e ficar junto da família, mas a grande maioria teve em comum a vontade de voltar para o propedêutico e ingressar o quanto antes no curso de filosofia. Fico me perguntando se essa demonstração de vontade de voltar para o seminário não teria um valor mais político, no sentido de demonstrar interesse ao grupo para isso chegar, de alguma forma, até os ouvidos do formador, do que vocacional e afetivo.

Nesse encontro, também relembramos o combinado de voltarmos a realizar o grupo baseado nos sete passos propostos por Amatuzzi. Todos confirmaram a vontade de fazer as reuniões nessa sistemática, mas ainda precisaríamos de alguns encontros para que todos pudessem terminar os relatos de projetos de vida. Após essa atividade, voltaríamos ao grupo de crescimento, conforme estávamos fazendo anteriormente. Concordei com a escolha do grupo e pedi para que a pessoa que iria falar sobre seu projeto de vida começasse a contar.

O participante (vamos chamá-lo de Adriano) contou para o grupo sua ligação com a Igreja católica desde a infância e as dificuldades por que passou até conseguir assumir a sua vocação sacerdotal. Disse que sempre gostou muito das atividades da Igreja, mas que, durante a adolescência, quando percebeu a vocação, procurou “fugir” deste sentimento, porque percebeu um forte preconceito da sociedade em relação às pessoas que desejam seguir a vida religiosa e/ou sacerdotal. Lidar com esses preconceitos não foi algo fácil para Adriano, segundo ele, muitas pessoas se afastaram e o taxaram de homossexual, mas, apesar de todas essas dificuldades, ele também encontrou pessoas que o apoiaram e incentivaram a sua escolha.

Foram necessários muitos anos para que Adriano decidisse entrar para o seminário. Nesse tempo de decisão, procurou namorar, trabalhar, sair com os amigos, ou seja, procurou ter uma vida normal. Adriano contou que, embora estivesse conseguindo ter essa vida normal, sentia que sempre lhe faltava algo: “era como se eu nunca conseguisse estar completo, sempre me faltava alguma coisa” (DC G2, 14/08/2007.) Adriano exemplificou seus sentimentos dizendo: “eu gostava da minha namorada, mas sempre que eu estava com ela sentia que aquela paixão não era suficiente para me realizar, ou seja, eu não estava 100% feliz” (DC G2, 14/08/2007). Adriano disse que depois de fazer alguns encontros vocacionais, teve certeza da resposta que procurava “quando eu comecei a me envolver com Deus, senti que aquilo sim me deixava 100% feliz” (DC G2, 14/08/2007). Esse trecho do projeto de vida de Adriano mostra que, através da experiência proporcionada pelos encontros vocacionais, ele pôde, finalmente, perceber o que estava faltando para que ele fosse completamente feliz. Dessa forma, Adriano decidiu entrar para o seminário e terminar o namoro, mas essa decisão não envolvia apenas o término de uma relação, envolvia também deixar um emprego no qual ganhava bem, comunicar a família e amigos, correr o risco de perder pessoas queridas e ainda por cima se arrepender um dia de ter feito essa escolha. Apesar das dificuldades, Adriano resolveu seguir sua intuição e, assim, assumiu de vez a sua vocação. Procurou ajuda de um padre e, através deste chegou à diocese de Campinas para ingresso no propedêutico. Isso mostra que a experiência de sentir a vocação sacerdotal foi tão forte para Adriano que lhe deu forças para aguentar toda carga de dificuldades que ele iria ter de enfrentar.

Quando Adriano terminou de ler seu relato, perguntei aos participantes grupo o que acharam e o que gostariam de comentar. A maioria dos participantes disse que se

identificou com a história e que podiam imaginar o quanto foi difícil para Adriano tomar a decisão de entrar para o seminário. Falamos também sobre o preconceito social, ligação entre sacerdotes e homossexuais que existe em relação aos seminaristas e o quanto isso influencia na decisão de entrar para a vida consagrada. Discutimos sobre os sentimentos que esse tipo de preconceito provoca e também sobre como lidar com tal situação. Alguns levantaram a questão da relação entre a diminuição do número de vocações e o aumento do preconceito em relação à vida sacerdotal. Lembramos que, antigamente, os valores eram outros e que, tanto as famílias quanto a sociedade, orgulhavam-se de ter um membro pertencente à hierarquia da Igreja, diferentemente do que acontece atualmente. Discutimos essas mudanças sempre enfatizando os sentimentos dos participantes do grupo. Um desses participantes relatou que ainda se sente muito pressionado pelos amigos e familiares para deixar o seminário e que isso muito o entristece, pois gostaria de que as pessoas respeitassem a sua escolha de vida.

Neste momento, o grupo se sensibilizou com o sentimento descrito pelo participante e procurou aconselhá-lo a se comportar de outras maneiras em relação às pessoas que não respeitam a sua escolha de vida. Procurei deixar que o grupo agisse sozinho e que os próprios participantes se organizassem para lidar com os sentimentos que aparecessem no encontro. O resultado foi um acolhimento do grupo em relação aos sentimentos de Adriano e também do participante que se identificou com a história. Penso que, por terem vivido histórias semelhantes, os próprios participantes foram capazes de ressignificar seus sentimentos e assim acolher os sentimentos alheios. O grupo, por si só, foi capaz de promover ajuda interpessoal.

No encontro seguinte, começamos o encontro falando livremente sobre como havia sido a semana dos participantes. Percebi, pelas aparências, que alguns deles

estavam tensos e com uma expressão de preocupação. Perguntei se era apenas impressão minha ou se realmente estava acontecendo alguma coisa com o grupo. Alguns disseram que realmente estavam se sentindo tensos, porque haviam prestado o *Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)*, o qual é muito importante para avaliar a preparação de cada um para o vestibular que irão prestar no final do ano. Percebi que realizar esse exame significou, para os participantes, uma prova concreta sobre a capacidade de serem aprovados no vestibular ou não, daí os sentimentos de angústia, pois, mesmo que eles tenham certeza da genuinidade da vocação em termos subjetivos, de nada adianta se não forem aprovados no vestibular. Falamos um pouco sobre esses sentimentos e logo depois abrimos espaço para que outro participante (vamos chamá-lo de Lúcio) pudesse falar sobre seu projeto de vida.

Lúcio começou falando sobre uma reflexão que fez em relação às vocações religiosas e seculares de maneira geral: “estou preocupado com o futuro das vocações, penso que ser padre ou religioso hoje em dia está fora de moda (risos)” (DC G2, 29/08/2007). Logo em seguida passou a ler sua história de vida. Falou sobre sua família de origem que é muito pobre e sobre todo o trajeto que percorreu até chegar à diocese de Campinas para ingresso no seminário.

Sua história fala muito de lutas no sentido de buscas por algo que o completasse. O sentimento que ele transmitia para o grupo era de um vazio interior muito grande. Relatou já ter passado por uma vida de promiscuidade e uso de drogas, namoros, trabalho, estudos, falsos e verdadeiros amigos “já fiz de tudo nessa vida, mas, agora sei bem o que quero para mim” (DC G2, 29/08/1980). Falou também sobre uma fase muito importante que passou em uma Congregação Religiosa, a qual o acolheu e, segundo ele, foi muito importante para que a sua vocação sacerdotal pudesse aflorar, uma vez que foi



somente ao experimentar a vida em comunidade e oração que ele pôde ter certeza de que o que lhe faltava para ser feliz era atender o chamado de Deus. Lúcio explicou que ficou um bom tempo nessa congregação, mas optou por sair e ingressar na vida secular quando se deu conta de que o que lhe realizava como pessoa eram as obras da Igreja e os trabalhos de pastoral, o que não ia ao encontro dos principais objetivos de carisma da congregação.

Quando Lúcio terminou de contar seu projeto de vida, perguntei aos participantes o que eles estavam sentindo em relação àquilo que ouviram. Todos ficaram em silêncio durante algum tempo, mas, logo depois, começaram a se manifestar, dizendo que a história de Lúcio era, na essência, muito parecida com a de cada participante do grupo. Penso que esse silêncio foi necessário para que os participantes pudessem sentir a experiência relatada. Depois disso, a reflexão girou, novamente, em torno das vocações. Começamos discutindo sobre o que eles pensam em relação à quantidade de vocações e o caminho que um vocacionado percorre até chegar ao seminário. Um dos participantes relatou que acredita que o número de vocações está diminuindo em consequência dos escândalos que muitos sacerdotes provocam na Igreja. Falamos também sobre os testemunhos negativos que muitos padres e seminaristas dão aos leigos e que isso gera um desânimo naqueles que gostariam de ingressar para a vida consagrada. Discutimos o que os seminaristas, como futuros sacerdotes poderiam fazer em relação a esse problema. O grupo enfatizou que o contratestemunho é o fator que mais impede a aproximação dos jovens vocacionados, além disso, o preconceito social de que todos os padres são homossexuais também afasta os jovens da vocação.

No terceiro encontro do 2º semestre, falamos sobre o projeto de vida do último participante (vamos chamá-lo de Vítor). Vítor recordou sua infância, sua família e suas

origens, falou sobre a vontade de ser sacerdote e sobre seu grande amor por Nossa Senhora. Ressaltou ainda a importância que dá às tradições e a vontade de poder manter suas origens culturais mesmo estando numa diocese diferente da sua. Isso porque Vitor veio para São Paulo com o objetivo de trabalhar e morar com a tia. Depois de algum tempo, resolveu ingressar para a diocese de Campinas, mas não se adaptou aos costumes e estilo de vida paulista, por isso resolveu voltar para o nordeste, sua terra natal, no entanto a diocese de sua região não aceitou a transferência alegando que o seminarista já havia iniciado o processo de formação em outra diocese e deveria concluir nessa mesma diocese. Em um momento de desabafo, Vítor disse: “sinto muita falta da minha família, da minha infância e da minha terra, gostaria de continuar com minha cultura mesmo aqui em São Paulo, mas vejo que as pessoas não me aceitam” (DC G2, 12/09/2007).

Em relação ao depoimento de Vítor, durante todo o tempo de trabalho com o grupo, quem não aceitou bem os hábitos da casa foi o próprio participante e não os colegas de grupo como ele afirmou. Parece que Vítor se sente infeliz, porque não conseguiu a transferência para a diocese de sua terra natal.

Outro assunto abordado no relato de Vítor foi a maneira como sentimos a presença de Deus. Segundo o participante, em seus momentos de oração, prefere sentir a presença de Deus como algo que está além dele, sente que é difícil colocar Deus ao seu lado ou até mesmo senti-lo no meio de nós. Vítor tentou explicar para o grupo que colocar Deus num plano superior a ele faz com que se sinta mais confortável para oração. Esse assunto gerou uma discussão no grupo no sentido de se pensar onde está Deus e como cada um o sente. Pedi para que o grupo fizesse um esforço para imaginar como cada um sente a presença de Deus em sua vida. Muitos disseram que sentem Deus

de maneira próxima e que não estavam conseguindo entender como o colega poderia sentir Deus de maneira distante. Ficamos certo tempo tentando compreender a fala de Vítor, o qual se esforçou bastante para ser compreendido pelo grupo. No final, todos conseguiram entender os sentimentos de Vítor e acabaram por concordar que sentir Deus nos momentos de oração, num nível superior, acaba facilitando nossa oração. Apesar de dizerem que concordavam com Vítor, na verdade, o que grupo queria mesmo era encerrar a discussão, muito mais do que concordar com ele. Percebi isso, porque muitos acabaram simplesmente mudando de idéia depois de um tempo de discussão. Pareciam cansados de discutir aquele assunto e acabaram achando uma saída mais fácil que era concordar com a idéia de Vítor.

Além desse tema, Vítor também falou sobre sua preocupação quanto a ser um padre que consegue cativar e motivar os fiéis, mas que, ao mesmo tempo, consegue manter as tradições e costumes da Igreja Católica. Falou também sobre a importância de se respeitarem as tradições e costumes de cada região no que se refere às diferenças culturais e religiosas. Tudo isso me fez pensar que esse participante tem muitas dificuldades com mudanças, porque estas geram tensão e sofrimento emocional, daí a necessidade de manter tradições e costumes que já são conhecidos e não geram insegurança.

Ao entrar no tema *motivação dos fiéis*, o grupo logo estendeu a conversa para a questão do movimento da Renovação Carismática dentro da Igreja Católica. Falamos um pouco sobre esse assunto, o qual gerou muita polêmica, pois, dentro do grupo, nem todos pertencem aos mesmos movimentos. Essa discussão foi de grande importância, pois permitiu uma reflexão sobre esse assunto. Alguns ficaram presos a simplesmente defender o movimento ao qual pertencem sem conseguir expressar, de maneira coerente

e clara, o motivo pelo qual estão ou acreditam nesse movimento, dando explicações de caráter superficial como simpatia ou falta de escolha. Já outros procuraram argumentar com justificativas que eram coerentes com seu estilo de vida e modo de pensar. Ao final da discussão, um dos participantes chamou a atenção do grupo ao dizer que essa discussão não iria levá-los a lugar algum e que mais importante do que ficar discutindo qual movimento está mais certo ou errado, é pensar sobre as divisões que tudo isso traz para a Igreja e sobre o quanto isso acaba por prejudicar as futuras vocações. Ao pensarem sobre essa perspectiva, alguns dos participantes concordaram com a ideia e passaram a discutir dentro de um âmbito mais complexo.

Ao final do encontro, perguntei ao grupo se o trabalho de discutir os projetos de vida havia sido proveitoso para eles. Todos disseram que gostaram muito e que estavam bastante satisfeitos com essa oportunidade de poder pensar a vida sacerdotal. Combinamos que no próximo encontro, voltaríamos a falar sobre as vivências semanais como estávamos fazendo antes de trabalhar com os projetos de vida.

Comecei o quarto encontro propondo aos participantes que ficassem em silêncio por alguns minutos para que pudessem lembrar sobre a semana e escolher aquilo que havia sido mais significativo para cada um. Senti que havia um clima estranho no grupo, um silêncio que não demonstrava reflexão, mas sim que alguma coisa estava errada. Depois de alguns minutos, perguntei quem gostaria de começar a compartilhar suas vivências. Novamente o silêncio tomou conta da sala, e ninguém se manifestou. Falei para o grupo que estava percebendo algo diferente em relação a eles, propus que alguém me contasse o que estava acontecendo. Ficamos mais um tempo em silêncio até que um dos membros resolveu falar. O participante disse que estava se sentindo muito tenso e angustiado devido à prova do ENEM e também por causa do vestibular que está muito

próximo. Falou sobre sua angústia em relação à convivência na casa e também sobre o medo de não conseguir acompanhar o curso de filosofia no próximo ano; “não estou mais agüentando essa pressão, o ENEM me deixou desesperado, sinto que até a convivência na casa foi afetada por causa disso” (DC G2, 26/09/2007). Tal relato mostra a angústia gerada pela avaliação do vestibular e como essa angustia pode afetar o comportamento e a vida comunitária dos participantes. É uma angústia que não pode ser resolvida objetivamente e que traz muito sofrimento.

Depois dele, outro participante também falou sobre seus sentimentos em relação à prova do ENEM: “um baixo resultado significa uma provável reprovação no vestibular e conseqüentemente o fim da vida sacerdotal, estou muito preocupado” (DC G2, 26/09/2007).

Eles ficaram um bom tempo falando sobre seus sentimentos. Falaram também sobre as dificuldades que estavam sentindo em se expressar dentro do seminário e que estavam percebendo que muitos colegas estavam tendo comportamentos diferentes no segundo semestre. “Parece que agora as pessoas estão diferentes, agora é como se cada um fosse concorrente do outro” (DC G2, 26/09/2007). Discutimos a possibilidade de essas mudanças estarem relacionadas com a tensão e as cobranças para um bom resultado no vestibular. Tal comentário revela que, apesar de viverem como irmãos, o vestibular traz um sentimento de competição entre eles.

Depois dessa discussão, falamos sobre alguns acontecimentos que ocorreram na casa e que estavam causando problemas no grupo. Alguns se pronunciaram claramente, dizendo tudo aquilo os estava incomodando. Nesse momento, percebi que o grupo

precisava de um espaço para poder discutir questões que há muito tempo estavam pendentes e que não haviam sido resolvidas.

Ficamos um tempo discutindo essas questões e esclarecendo aquilo que estava incomodando o grupo. Depois disso, propus que cada um pensasse em algumas soluções para os problemas que estávamos discutindo. Todos pensaram em alguma coisa e colocaram para o grupo. A solução que pareceu comum a todos foi que cada um tentasse se expressar melhor em relação àquilo que não estava agradando o outro. A proposta do grupo que foi a de que cada um falasse abertamente, sem guardar mágoas um do outro. Cabe destacar que, embora essa fosse a proposta do grupo desde o começo do ano, percebe-se que isso não aconteceu, porque os participantes não se sentem a vontade para se expressarem.

Ao final do encontro, senti que os participantes do grupo já estavam mais tranquilos e que haviam conseguido, pela primeira vez, expressar aquilo que estavam sentindo e serem ouvidos em suas necessidades. Combinamos também que aquele espaço poderia ser utilizado sempre que eles sentissem necessidade de conversar a respeito do que os incomoda.

O quinto encontro aconteceu um mês depois do quarto encontro. Isso devido a alguns problemas pessoais que tive. Começamos o grupo refletindo sobre os 30 dias que se passaram, pedi para que o grupo ficasse em silêncio por alguns instantes para que pudéssemos pensar. Depois de algum tempo, perguntei quem gostaria de compartilhar as suas vivências. Logo um dos participantes se manifestou dizendo que gostaria de compartilhar o sentimento de felicidade que estava sentindo em relação à melhora que o grupo teve desde o nosso último encontro. Segundo o participante, desde o último

encontro, no qual cada um pôde expressar o mal estar que estava sentindo na casa, as coisas melhoraram muito. Disse também que estava muito feliz, porque, na semana anterior, haviam feito um passeio em São Paulo no qual todos do grupo permaneceram bastante unidos. Além desse passeio, também foram ao cinema na última folga da semana.

Outro participante relatou que estava muito chateado porque teve uma conversa com seu formador na qual ele havia sido informado de que não poderia prestar o vestibular junto com os outros membros da casa devido às dificuldades que estava tendo em relação aos estudos. Disse também que, embora estivesse muito chateado com toda essa situação, não iria desistir de sua vocação e que, se fosse preciso, iria ficar mais um ano no propedêutico para poder melhorar nos estudos e, assim que possível, tentar entrar no seminário maior. “Eu sei que tenho vocação para o sacerdócio, não vou desistir na primeira dificuldade” (DC G2, 24/10/2007). Ao ouvirem o participante, outros membros do grupo manifestaram-se dizendo que também compartilhavam esse sentimento de tristeza por saber que o companheiro não iria para o seminário com o restante do grupo. Muitos o consolaram dizendo que o mais importante nisso tudo era que ele não estava desistindo de sua vocação e que sentiram que ele estava lidando com esse problema de maneira bastante madura.

Além desse participante, outra pessoa também quis compartilhar suas experiências com o grupo. Disse que nas últimas semanas estava se sentindo muito excluído do grupo e que não sabia dizer se o problema estava nele ou no próprio grupo, falou sobre uma forte angústia que o estava incomodando. Aqui se observa uma diferença em relação ao primeiro semestre, pois, agora, o participante já se sente mais à vontade para expor ao grupo seus sentimentos.

Quando terminou de falar, o grupo procurou se manifestar dizendo que esse sentimento de exclusão poderia ser devido à falta de participação nas coisas da comunidade. Falaram que o participante era muito querido no grupo, mas que seria necessário que ele mesmo avaliasse seus comportamentos para poder entender onde estava o problema. No final, o participante disse que iria refletir melhor sobre suas atitudes e que gostaria de poder contar com o apoio do grupo para que esse mal-estar fosse resolvido.

Sexto encontro: falamos sobre o nosso último encontro que seria dali a quinze dias. Perguntei como eles se sentiam em relação a isso, e muitos disseram que estavam tristes pelo término daquele espaço do qual haviam gostado bastante. Disse a eles que no último encontro gostaria que todos respondessem a algumas perguntas sobre os encontros. Combinamos que eu deixaria as perguntas numa folha de papel e que eles responderiam durante a semana e depois me entregariam. Além disso, o último encontro seria um dia especial para conversarmos mais livremente sobre a opinião de cada um em relação ao trabalho realizado ao longo do ano.

Depois de falarmos sobre isso, pedi para que todos ficassem em silêncio durante alguns minutos e pensassem naquilo que mais os havia tocado nos últimos quinze dias. Dado o tempo para pensarem, um dos participantes disse que gostaria de compartilhar com o grupo a felicidade que estava sentindo por ter comprado uma bicicleta nova e, assim, ter realizado um sonho de infância. Descreveu detalhadamente a sua bicicleta nova e falou sobre os sentimentos que envolveram a compra da mesma: “eu sempre sonhei em ter uma bicicleta, mas como minha família sempre foi muito pobre, eu nunca pude ter. Hoje estou realizando um sonho” (DC GC2 07/11/2007). Percebi que todos do grupo compartilharam com o participante a felicidade relatada e disseram que estavam



felizes por ele ter conseguido realizar esse sonho. Aqui se observa que o participante usou o espaço do grupo para falar de sentimentos particulares. Isso é significativo, pois mostra um avanço em relação ao primeiro semestre no qual os participantes usavam o espaço do grupo apenas para questões relativas ao seminário, procurando não falar de questões pessoais.

Outro assunto que surgiu no grupo foi a decisão de um dos participantes de sair da diocese de Campinas para ingressar numa congregação de religiosos. Esse participante disse que estava cada dia mais certo dessa decisão e que estava apenas esperando o melhor momento para sair oficialmente da casa. Segundo o participante, o que o estava mantendo no seminário era o pedido do formador para que ele esperasse até o final do ano para sair, mas, segundo o participante, atender a esse pedido era algo que estava sendo bastante difícil. Cabe explicar que a decisão do participante de sair da diocese estava vinculada à dificuldade que ele estava tendo em relação aos estudos no seminário, por aconselhamento do formador, acabou optando pela vida religiosa ao invés da diocesana. Naquele momento, todos do grupo ficaram em silêncio. Questionei-me sobre qual seria o significado daquele silêncio, se seria a manifestação de uma forma de respeito pelos sentimentos do participante que estava saindo ou se seria, na verdade, uma reação de inconformidade com a saída de uma pessoa do grupo. Depois de algum tempo, percebi pelas reações do grupo, que muitos estavam realmente chateados com a saída do participante e, por isso, resolvi perguntar como eles estavam se sentindo em relação à decisão do companheiro. Todos se pronunciaram no sentido de consolá-lo e falaram sobre seus sentimentos de tristeza por não tê-lo no grupo no ano seguinte.

O participante ouviu com atenção as palavras dos companheiros e disse que compartilhar tudo aquilo estava sendo muito importante para ele. “ouvir tudo isso é

muito importante para mim, pois vocês sabem o quanto está sendo difícil tomar essa decisão, mas a verdade é que para ser padre diocesano a gente precisa estudar muito e, agora, estou dando conta que o que eu quero é por a mão na massa e não nos livros (risos)” (DC GC2 07/11/2007).

Quando o participante terminou, outros membros do grupo falaram sobre seus sentimentos em relação à proximidade do vestibular. Disseram que estavam se sentindo muito ansiosos e que isso os estava deixando bastante agitados e sem paciência. Falamos sobre esses sentimentos e sobre tudo o que envolve essa nova etapa da vida de cada um deles. No final, percebi que o grupo estava tendo uma atitude de empatia para com seus participantes, e isso fez com que cada um se sentisse acolhido em seus sentimentos.

O último encontro foi diferente dos demais, pois não foram foco de discussão as vivências da semana, mas sim, a avaliação que o grupo fez em relação ao desenvolvimento do trabalho.

Quando cheguei ao propedêutico, alguns já vieram me entregar as folhas com as respostas. Depois de recolhê-las, notei a falta de um dos participantes e pedi informação sobre ele. Logo me contaram que havia saído da casa na semana anterior. Essa pessoa, que já estava com data para sair da casa, resolveu não esperar até o final do ano e saiu antes. Perguntei como eles estavam se sentindo em relação a isso, e a resposta que ouvi foi que a saída dessa pessoa deixou um clima de vazio na casa. Procurei acolher os sentimentos do grupo e expressar para eles aquilo que eu estava sentindo ao ouvi-los.

Além da saída desse participante, outro ponto abordado por eles foi a proximidade do vestibular. Senti que isso era algo que os estava deixando bastante

tensos e que, além das cobranças internas em relação a isso, também havia o medo de decepcionar o formador que os acompanhou durante todo o ano. Ao tocar nesse assunto, senti que o grupo estava querendo falar mais sobre essas cobranças e, nesse sentido, procurei prolongar mais o assunto. O grupo relatou que, em relação ao vestibular, suas angústias estavam mais na questão de não decepcionar a família e o formador do que em relação à aprovação na prova. Parece que os seminaristas sentem uma forte pressão e responsabilidade, pois, além de da pressão pessoal para passar no vestibular, ainda existe a pressão por não decepcionar o formador que os acompanhou. Falaram também que, durante todo o ano de propedêutico, sentiram muito medo das avaliações que o formador pudesse fazer em relação a cada um, pois sabiam que, sem a aprovação do formador, dos professores e da comissão de seminário, não poderiam ingressar na filosofia.

Discutimos bastante essa questão das avaliações e os significados que elas tinham para o grupo. Falamos também sobre como lidar com essas cobranças internas e sobre os sentimentos que eles estavam tendo em relação a tudo isso.

Ao final do encontro, pedi para que conversássemos sobre a avaliação do trabalho de Grupo de Crescimento. Pedi para que cada um expusesse expor a sua opinião sobre o trabalho. De maneira geral, todos disseram que gostaram muito do trabalho e que a oportunidade dos encontros e discussões em grupo foi um espaço importante no que se refere ao crescimento pessoal.

- **Avaliação dos participantes sobre o GC2**

Os participantes responderam algumas perguntas elaboradas por mim com a finalidade de averiguar os resultados obtidos com o trabalho de Grupo de Crescimento. Abaixo, encontram-se as perguntas, uma avaliação geral das respostas e também alguns trechos de respostas mais significativas dos participantes, das quais foram selecionadas as que melhor responderam às perguntas.

1) O que você achou da experiência de participar de um Grupo de Crescimento (GC)? Por quê?

R: Todos os participantes disseram que a experiência de participar de um GC foi positiva.

“Gostei muito e acho que foi uma experiência muito enriquecedora em termos de crescimento pessoal” (participante do GC2)

“Gostei bastante e acho que o trabalho de grupo de crescimento foi fundamental para minha formação sacerdotal” (participante do GC2).

2) O que significou o espaço do grupo para a sua formação sacerdotal? Por quê?

R: Todos do grupo relataram que o trabalho ajudou no processo de formação sacerdotal.

“O GC significou, para mim, um espaço no qual pude ouvir as experiências de meus colegas e aprender com elas” (participante do GC2).

“No grupo, ouvindo as experiências religiosas e pessoais de meus colegas, aprendi a crescer espiritualmente e a focar mais o meu “ser religioso” (participante do GC2).

“Significou para mim uma oportunidade de compreender minhas limitações e procurar resolvê-las” (participante do GC2).

3) O GC contribuiu para o seu crescimento pessoal? Como?

R: Todos os participantes relataram que o grupo trouxe crescimento pessoal.

“Sim, o GC contribuiu para meu crescimento pessoal, pois foi através dele que se firmou em mim a compreensão do que significa viver em comunidade” (participante do GC2).

“Meu crescimento pessoal se deu na compreensão dos sentimentos de meus colegas, no respeito ao silêncio do outro e também na necessidade de se enfrentar os conflitos que existem dentro de mim” (participante do GC2).

4) Você se sentiu à vontade no GC para falar ou expressar seus sentimentos? O que contribuiu para isso?

R: Apenas um participante disse que se sentiu totalmente à vontade para se expressar. Os demais participantes disseram que nem sempre se sentiram à vontade para falar durante o encontro do grupo.

Embora os participantes respondessem em outras perguntas que o grupo os ajudou na compreensão dos sentimentos, aqui eles dizem que não se sentiram à vontade

para se expressar. Essa incongruência pode significar que, talvez, os participantes estivessem apenas dando “respostas políticas” as demais perguntas.

“Muitas vezes tive a sensação de estar sendo avaliado em minhas colocações, por isso, deixei de ser totalmente honesto em relação aos meus sentimentos” (Participante do GC2).

“Não me senti totalmente à vontade para falar porque achei que poderia magoar algum dos meus colegas ou ser mal compreendido por eles. (participante do GC2).

“Não me senti vontade porque às vezes parecia que aquilo que eu estava sentindo ia totalmente contra o que o grupo como um todo estava pensando..., muitas vezes eu me senti como um ET” (participante do GC2).

5) Houve alguma coisa no GC de que você não gostou ou que faria diferente? O que seria? Como mudar isso?

R: A maioria dos participantes disse que gostaria de que o grupo fosse realizado através de temas propostos pela psicóloga.

6) Em termos práticos, qual a sua opinião em relação ao:

\*tempo disponível para o grupo?

R: todos disseram que 1:30 h são suficientes.

\*intervalos de encontros (quinzenais)?

R: A maioria sugeriu que os encontros fossem semanais, apenas 1 participante disse que os encontros quinzenais são suficientes.

\*procedimentos de realização?

R: Todos disseram que os procedimentos estão bons.

\*postura da coordenadora e dos outros participantes do grupo?

R: Todos disseram que a postura da coordenadora foi adequada, no entanto muitos relataram que a postura dos participantes não foi adequada.

“Algumas vezes os participantes agiam de maneira inadequada, julgando uns aos outros (olhares, risadas, brincadeiras)” (participante do GC2).

“A postura da coordenadora foi adequada, e isso foi bom, no entanto, muitas vezes não me senti a vontade com a maneira que os demais me olhavam” (participante do GC 2).

7) Se você fosse o padre responsável pelo Propedêutico, indicaria a continuidade do GC para seus vocacionados? Por quê? Qual a importância disso para a formação do religioso?

R: Todos os participantes relataram que sugerem a continuidade do Grupo de Crescimento para os próximos anos.

“Esse trabalho foi muito importante para nós, por isso, sugiro a continuidade do trabalho nos próximos anos” (participante do GC2).

“Gostei muito e acho que o GC deveria fazer parte do processo de formação em todas as etapas do seminário e não só no propedêutico”. (participante do GC2).

- **Percepções e sentimentos do GC2 baseadas nas versões de sentido da pesquisadora.**

Durante o ano de 2007, sofri um assalto em minha residência. Como consequências disso, os dados relativos às Versões de sentido (VSs) do 1º semestre de 2007 foram perdidos, portanto o que se segue são as percepções e sentimentos baseadas nas VSs do 2º semestre de 2007.

Os encontros desse ano ajudaram-me a amadurecer o trabalho que venho realizando no propedêutico há 18 meses. Percebi que, no segundo semestre de 2007, houve um movimento do grupo no sentido de utilizarmos o espaço e tempo do GC para pensarmos nas experiências cotidianas. Se comparado com o ano passado (GC1), o GC2 pareceu-me mais empenhado em aproveitar o trabalho. O que estou querendo dizer é que, embora os dois grupos tenham aproveitado bem o trabalho, o GC2 conseguiu ser mais espontâneo e menos preocupado com as avaliações do que o GC1. Creio que existiu, uma diferença na minha maneira de conduzir o grupo, pois, no GC2, eu estava com mais experiência em relação à realização do trabalho, e isso gerou uma diferença na maneira de o grupo interagir.

Na primeira semana de agosto, quando reiniciamos o trabalho, senti que o grupo estava querendo voltar à essência da proposta do Grupo de Crescimento. Isso, porque, durante o primeiro semestre, fizemos algumas alterações na proposta do trabalho a pedido dos próprios participantes. “Gostei desse primeiro encontro, acho que agora iremos retomar a essência do grupo de crescimento. Estou feliz por voltar ao grupo. Senti que os participantes estavam bastante animados” (VS GC2, 14/08/2007).



Na semana seguinte, percebi que a minha postura dentro do grupo também estava diferente. “Senti-me muito confortável com o grupo ao falar sobre assuntos que normalmente são difíceis para mim, mas hoje em especial, foram abordados de maneira diferente. Estou contente com o progresso que tenho observado nos participantes e em mim mesma” (VS GC2, 29/08/2007).

No terceiro encontro do 2º semestre, pude comprovar o que eu já havia percebido no encontro anterior, ou seja, que realmente a minha postura de coordenadora mudou. Isso tem ajudado muito o grupo a se abrir mais e, conseqüentemente, a compartilhar melhor as experiências vividas. “Acho que desta vez participei mais como membro do que como facilitadora do grupo, e isso foi bom!” (VS GC2, 12/09/2007).

O quarto encontro foi ótimo! Pude comprovar o quanto o espaço do Grupo de Crescimento é importante para os participantes e o quanto foi bom voltar a realizar o grupo dentro da proposta inicial. “Ainda bem que voltamos a fazer o grupo como era no início. Depois do encontro de hoje, senti que os participantes precisam muito deste espaço para poder se desenvolver emocionalmente” (VS GC2, 26/09/2007).

Durante o início do mês de outubro, precisei ficar afastada do trabalho por motivos pessoais, por isso o trabalho foi retomado apenas na última semana desse mês. Nesse encontro, percebi um vínculo muito forte entre os participantes e a facilitadora, o que permite que haja crescimento pessoal. “Acredito que hoje conseguimos estabelecer um vínculo muito positivo. Sinto que o grupo confia cada vez mais no trabalho e que isso irá ajudá-los em suas caminhadas na vida sacerdotal” (VS GC2, 24/10/2007).

No penúltimo encontro do ano, registrei a seguinte Versão de Sentido: “Sinto que os vínculos que foram se estabelecendo ao longo deste ano favoreceram o bom

resultado que estamos tendo em relação aos encontros. Neste encontro, em especial, gostei muito de saber que os participantes estão utilizando o espaço do grupo de crescimento para pensar em suas experiências e compartilhá-las com os demais, uma vez que esse é o objetivo dos encontros” (VS GC2, 07/11/2007).

No último encontro, fizemos uma avaliação geral do trabalho. “Senti uma mistura de saudades com a boa sensação de dever cumprido. Esse último encontro foi importante para mim. Gostei de ouvir que meu trabalho os ajudou a pensar sobre sua vida e também de saber que eles gostariam que o trabalho continuasse no próximo ano” (VS GC,22/11/2007).

## **ANEXO VIII**

### **RELATO DO GRUPO DE CRESCIMENTO 3**

Relatos dos encontros do GC3 (ano 2008) baseados nos diários de campo.

O GC3 foi o grupo com maior número de participantes com que trabalhei. No primeiro dia, estavam presentes sete pessoas, mas, no final do ano, encerramos o trabalho com cinco participantes.

Ao iniciar o primeiro encontro, senti que os participantes estavam tímidos em relação a minha presença, falavam pouco e faziam perguntas como se eu fosse uma professora. Creio que isso aconteceu, porque a referência de aprendizagem que eles possuem dentro do seminário está relacionada com as aulas acadêmicas. Para quebrar o gelo, resolvi começar com uma apresentação pessoal, depois falei sobre o trabalho e sobre a não obrigatoriedade da participação deles. Aos poucos, senti que o grupo foi se soltando e se sentindo mais à vontade. Apesar da não obrigatoriedade da participação, nenhum membro demonstrou interesse em sair.

Quando terminei minha apresentação, senti, pelos olhares e expressões mais relaxadas, que o grupo estava menos tenso em relação a minha presença, acredito que os participantes começaram a sentir e entender que eu não era uma professora e que o trabalho não era avaliativo. Perguntei se eles gostariam de se apresentar para mim. Todos falaram um pouco de si, da família e das motivações que os trouxeram até o seminário. Falaram de forma bastante superficial sobre esses assuntos, considerei que isso se deu em virtude de ser o primeiro encontro e de ainda não haver intimidade dentro do grupo.

Quando perguntei a opinião deles sobre a realização do trabalho e a minha presença ali, muitos se mostraram, novamente, desconfiados, olharam uns para os outros e com um pequeno sorriso abaixaram a cabeça. Expressei a eles essa percepção e, na hora, todos deram risadas. Um dos participantes disse que se sentia inseguro, porque imaginava que, por eu ser psicóloga, poderia ver mais coisas em relação a eles do que outras pessoas. Esse comentário mostrou que existem algumas coisas de caráter subjetivo que ele não deseja que seja revelado.

Procurei tranquilizar o grupo em relação a isso, explicando que, naquela situação, eu não estava como psicóloga clínica, mas sim como facilitadora do Grupo de Crescimento, o qual tem como objetivo a promoção do crescimento pessoal. Continuamos falando mais um pouco sobre o trabalho e logo encerramos.

No segundo encontro, iniciamos o grupo com alguns minutos de silêncio. Esses minutos foram importantes para que os participantes pudessem refletir sobre si mesmos e sobre a semana. Creio que esta é a única oportunidade durante a semana em que eles encontram tempo para fazer isso. Todos ficaram em silêncio e, depois de algum tempo, perguntei se alguém gostaria de compartilhar aquilo que havia pensado. Um dos participantes começou dizendo sobre as dificuldades que ele estava encontrando em relação aos estudos dentro do propedêutico. Disse que se sentia com medo de “não dar conta” de fazer todos os trabalhos e em especial as atividades que são, freqüentemente, solicitadas pela professora de português. “Não sei se serei capaz de corresponder àquilo que eu mesmo espero de mim e que também as outras pessoas esperam de mim. Tenho medo de não corresponder às expectativas” (DC CG3 02/04/2008).

Após esse desabafo, outros participantes começaram a falar sobre esse sentimento em comum. Percebi que os participantes se sentiram mais à vontade para falar depois que uma pessoa tomou a iniciativa de começar a se expressar. Muitos disseram que se sentiam frustrados em não ter tempo para estudar outros assuntos que julgam serem mais importantes do que as lições de literatura que são impostas a eles. “Eu gostaria de usar esse tempo de estudo para aprender sobre coisas da Igreja, de religião ou sobre comportamento humano” (DC GC3 02/04/2008). Disseram que as disciplinas, em geral, são ministradas de maneira infantil como se fosse uma aula para o colegial. “Não estou gostando do jeito como as aulas são dadas, parece que voltei para o colegial, penso que dentro de um seminário, as aulas deveriam ter outro foco” (DC GC3 02/04/2008). Os relatos mostram que os participantes cumprem a tarefa de estudar as disciplinas que são obrigatórias no seminário, mas que estas não fazem sentido para eles.

Os participantes fizeram questão de ressaltar que suas queixas não estavam voltadas para quantidade de trabalho e nem para o fato de precisarem estudar bastante, mas sim, para a metodologia adotada pelos professores. Percebi que os participantes ficaram com medo de que eu pensasse que a reclamação deles estava voltada para a quantidade de trabalhos e não para a qualidade das aulas.

Ouvi os participantes e dei um tempo para que pudessem falar entre eles sobre esse assunto. Após alguns minutos, senti que eles estavam mais calmos e mais aliviados, isso porque, quando encontraram uma oportunidade para compartilhar a mesma insatisfação, a angústia tornou-se menor. Neste momento, disse ao grupo que compreendia a ansiedade que eles estavam sentindo e que o espaço do GC poderia ser utilizado para pensarmos nesses assuntos. Disse também que eu estava percebendo que

havia um desconforto na casa por causa disso e que eles poderiam pensar, em grupo, numa maneira de lidar com esses problemas. Naquele momento, um dos participantes sugeriu que o grupo poderia se reunir e eleger uma pessoa para conversar com o formador e a professora sobre essa questão. Outro participante disse que não bastaria apenas reclamar sobre o método de trabalho, mas sim pensar em possíveis soluções para resolver o problema. Essa atitude mostra que o grupo começou a pensar junto e que estava querendo encontrar uma solução para essa insatisfação. Depois de um tempo de conversas, eles conseguiram se organizar e resolveram que iriam fazer propostas individuais sobre como melhorar a aula de português e depois eleger uma pessoa para falar com o formador e a professora.

No 3º encontro, logo que cheguei à sala de grupo, percebi que os participantes estavam bastante eufóricos, falavam alto, riam e brincavam uns com os outros. Perguntei a eles o motivo daquela euforia toda, e eles responderam que estavam felizes, porque conseguiram se organizar e falar com a professora de português sobre a insatisfação que estavam sentindo nas aulas. “Sinto-me outra pessoa, parece que aquela angústia saiu de mim depois que conversamos em grupo” (DC GC3 09/04/2008). Depois de compartilhar seus sentimentos, o participante percebeu que sua angústia diminuiu, nesse caso, podemos dizer que ele aprendeu através de sua própria experiência. Outro participante disse: “depois disso tudo, percebi que nós, enquanto grupo, temos mais força do que cada um individualmente” (DC GC3 09/04/2008).

Encerrado esse assunto, outro participante falou sobre uma dificuldade que estava sentindo nos estágios de pastoral. Ele estava incomodado, porque não recebeu a ajuda em dinheiro que normalmente a paróquia oferece aos seminaristas. Outros participantes também falaram sobre essa mesma dificuldade em relação ao dinheiro e

sobre como estava sendo difícil abrir mão de uma vida de independência financeira que antes tinham em casa, para passar a uma vida de dependência em relação ao seminário e à paróquia. “Está sendo uma experiência difícil para mim, antes eu ganhava meu dinheiro e escolhia o que iria fazer com ele, agora eu mal consigo ter dinheiro para pegar um ônibus e ir até a pastoral..., essa realidade me assusta!” (DC G3 09/04/2008).

O grupo conversou entre si sobre essas questões e depois levantou possíveis soluções para esse problema. Um dos participantes sugeriu que o seminarista que estava passando por essa dificuldade tivesse uma conversa sincera e educada com o pároco no sentido de expor suas dificuldades financeiras. Falamos sobre as consequências dessas conversas e sobre o medo que alguns seminaristas sentiam em relação a possíveis desaprovações por parte do pároco e também da comunidade. Ao tocar nesse assunto, um novo tema foi aberto para discussão: aceitação por parte da comunidade paroquial dos novos seminaristas. Alguns falaram sobre seus sentimentos e a dificuldade em lidar com situações nas quais eles se sentem rejeitados pela comunidade, como acontece quando o seminarista antigo sai e abre espaço para um novo.

No meio da conversa, um dos participantes voltou ao assunto inicial e disse que achava boa a idéia de conversar com o pároco sobre essas dificuldades financeiras, mas que sentia medo de não ser bem compreendido. Outros participantes também falaram que se sentiam pressionados e observados pela comunidade, e falaram sobre a responsabilidade que traziam por serem seminaristas. “É muito difícil lidar com a comunidade da paróquia, eles se sentem no direito de controlar nossas vidas e de falarem o que pensam sem medir as consequências disso” (DC G3 09/04/2008). A necessidade de ser um exemplo e de corresponder às expectativas dos fiéis é sentida

como um peso para eles. Discutimos um pouco sobre esses sentimentos, muito compartilharam dessa mesma angústia, e isso ajudou muito no que se refere a possíveis soluções para o problema.

O quarto encontro começou com os cumprimentos gerais. Perguntei como eles estavam e, já nessa hora, os participantes começaram a falar sobre a semana. Percebi que não era preciso dar um tempo para eles pensarem naquilo que mais os havia tocado, uma vez que eles já estavam falando sobre isso.

O primeiro participante disse que estava feliz por motivos particulares e também por questões que envolviam o grupo. Disse que estava contente, porque a professora de português se propôs a mudar o método de ensino e também o horário das aulas. Outros participantes também começaram a falar sobre a satisfação que sentiram em relação às aulas de português. Nesse momento, aproveitei para discutir com o grupo essa experiência que eles estavam trazendo. Falamos sobre todo o movimento que eles fizeram em relação à insatisfação que estavam sentindo e sobre como eles se organizaram para tentar resolver esse problema. Tentamos também pensar na relação que existe entre essa experiência e a vida de futuros sacerdotes. Chegamos à conclusão de que, como padres, muitas vezes, eles iriam passar por situações como aquela, na qual teriam de se mobilizar para resolver conflitos.

Outro tema que novamente surgiu no grupo foi a questão do estágio de pastoral. Um dos participantes disse que estava tendo problemas de relacionamento com a comunidade, pois sentia que a aproximação com seus membros estava sendo muito difícil. Justificou-se dizendo que essa dificuldade se devia ao fato de os paroquianos serem pessoas de classe média e que isso dificultava a relação entre eles. Parece que,



nesse caso, o seminarista estava tendo problemas em se relacionar com pessoa com um nível social diferente do dele.

Depois que o participante relatou o que estava sentindo, pedi para que o grupo repetisse o que eles haviam entendido daquilo que o participante estava trazendo. No final, alguns disseram que havia alguma coisa de errado na maneira de o participante lidar com a comunidade. Foi levantada a hipótese de o problema não estar na comunidade, mas sim na dificuldade que o participante estava sentindo em lidar com pessoas de um nível econômico diferente.

Quando encerramos esse assunto, voltamos para a questão da formação e discutimos temas ligados a ela, espiritualidade, vida comunitária, estudos, normas e regras da Igreja. Falamos sobre as dificuldades que a vida sacerdotal traz e, aproveitando o assunto, os participantes procuraram discutir sobre como os seminários contribuem para que essas dificuldades aumentem. Destacaram a falta de oportunidade para se discutirem temas significativos para a formação como questões que envolvem comportamento humano, por exemplo, a preocupação que sentem em relação à avaliação dos formadores e a ênfase que é atribuída aos estudos, muitas vezes, até maior do que aos trabalhos de pastoral. Falamos sobre essas questões e sobre como eles poderiam lidar com tais problemas como futuros padres e formadores. O grupo concluiu que, na fase em que estão (propedêutico), não caberiam outras atividades senão as que atualmente já são realizadas, isso porque, no ano seguinte, quando estiverem no seminário de filosofia, as atividades voltadas para a formação terão um caráter mais acadêmico e, por isso, eles precisam estar preparados.

Quinto encontro: quando iniciamos o grupo, senti uma movimentação diferente dos participantes. Eles pareciam estar mais agitados, eufóricos com alguma coisa. Um dos participantes disse que, naquela semana, duas coisas haviam acontecido: uma coisa boa e outra ruim. A coisa boa foi uma viagem que eles fizeram no feriado para uma região que tinha represa, disseram que o passeio foi muito bom e que aproveitaram para descansar e pensar na vida que estavam levando no propedêutico. Outro participante disse que pensou bastante na questão da vocação religiosa e que esses pensamentos estavam relacionados à coisa ruim que eles iriam me contar. Foi quando o grupo relatou que um dos participantes havia pedido dispensa do seminário.

Perguntei como eles estavam se sentindo em relação a isso. Disseram que a saída de Pedro (nome fictício) provocou insegurança em relação à vocação dos demais, isso porque eles não sabiam o motivo que levou Pedro a pedir dispensa, e essa atitude mexeu muito com o restante do grupo no sentido de provocar neles uma insegurança em relação ao futuro. “Depois que o Pedro saiu, fiquei pensando se eu também não vou acordar um dia e ver que tudo isso não valeu a pena, ou que minha escolha não foi por vocação....., tenho medo do que possa acontecer no futuro” (DC GC3 23/04/2008). O fato de eles não saberem o real motivo que levou o participante a pedir dispensa do seminário fez com que as fantasias de cada um, sobre os medos que envolvem a escolha pela vida sacerdotal, aflorassem.

Durante essa reflexão, muitos sentimentos foram surgindo, dentre eles tiveram maior destaque: a insegurança da vida fora do seminário, medos em relação à frustração da família e amigos, sentimentos de incompetência e pressões externas em relação à vida do sacerdote. “São sentimentos que nos deixam confusos, porque, ao

mesmo tempo em que sentimos insegurança em relação ao futuro aqui dentro, sentimos também insegurança em relação ao futuro lá fora” (DC GC3 23/04/2008).

Procurei acolher todos os sentimentos que foram surgindo para que pudéssemos fazer reflexões sobre eles. Pensamos sobre esses sentimentos que estão por trás do medo de assumir uma possível decisão de abandonar a escolha pela vida sacerdotal. Falamos também sobre a diferença entre a escolha pelo matrimônio e a escolha pela ordenação presbiteral. Um dos participantes destacou: “tanto no casamento quanto na vida sacerdotal a gente precisa abrir mão de algumas coisas para ter outras..., penso que no fundo somos muito gulosos e queremos tudo (risos)” (DC GC3 23/04/2008). Esse trecho mostra que o participante sofre ao ter de fazer escolhas, pois ele não deseja abrir mão de nada. Ao final do grupo, senti que os participantes estavam mais aliviados e questionadores em relação às próprias escolhas.

Sexto encontro: começamos o grupo com um cumprimento geral, perguntei como eles haviam passado a semana. O grupo começou a rir, e um dos participantes disse que, na semana anterior, eles foram a um passeio e que algumas coisas muito engraçadas aconteceram. Eles estavam indo para uma pizzaria, e no caminho eles encontraram com um travesti dentro do ônibus. Todos do grupo estavam rindo bastante enquanto me contavam detalhadamente a história.

Depois de terem rido bastante e falado o quanto aquela situação havia sido engraçada, perguntei para o grupo o que eles pensavam sobre o assunto. A partir daí, começamos uma reflexão sobre sexualidade e afetividade. Os caminhos percorridos nessa conversa passaram por temas como: heterossexualidade, homossexualidade,

homofobia, celibato, vida de seminarista, carência afetiva dentro do seminário entre outras questões.

Um dos participantes destacou que, embora achasse muito engraçado a situação que viveu no ônibus, só o fato de estarem rindo disso já revela o quanto todos do grupo carregam uma enorme carga de preconceitos e discriminações em relação aos homossexuais. “(risos) eu sei que não deveríamos estar rindo de uma situação como esta, porque, na verdade, isso não tem nada de engraçado, é até triste se for pensar em termos religiosos. Mas fazer o quê? Acho que o preconceito já está embutido em nós (risos)”. (DC GC3 30/04/2008). O participante tem clareza de seu preconceito, mas utiliza uma justificativa cultural para explicar seu comportamento.

Outro participante lembrou que a questão da homossexualidade ainda é um problema muito sério dentro dos seminários e no clero de maneira geral. Isso provocou um debate dentro do grupo em relação à imposição da Igreja no que se refere à exclusão de padres homossexuais. “Eu acho que a Igreja está certa em não permitir a entrada de homossexuais no clero, isso é um problema muito sério, pois a homossexualidade está associada à pedofilia e outros transtornos sexuais. Essas pessoas deveriam procurar ajuda médica” (DC GC3 30/04/2008). Outro participante comentou: “Você não percebe que isso é puro preconceito? Se os padres fazem votos de castidade, não faz diferença se eles são heterossexuais ou homossexuais, para mim, isso (proibição de padres homossexuais) não faz sentido nenhum” (DC GC3 30/04/2008).

Todos os participantes deram sua opinião sobre esse assunto, alguns pareciam estar mais empolgados ao falarem sobre o tema do que outros, falavam alto,

gesticulavam e tentavam convencer os outros sobre seu ponto de vista, mas, de maneira geral, todos participaram ativamente da discussão.

Durante os meses de maio e junho/2008, não houve o trabalho de GC por motivos relacionados à carga horária de aulas no seminário propedêutico. Voltamos a realizar o trabalho em agosto.

Sétimo encontro: este foi o primeiro encontro depois das férias de julho. Senti que todos os participantes estavam bem descansados e empolgados para começar o trabalho.

O primeiro assunto que conversamos foi a saída de mais um dos participantes. Perguntei como isso foi sentido por cada um e, em geral, todos responderam que estavam muito preocupados, porque não foi dada nenhuma explicação a eles sobre o motivo que desencadeou a saída desse participante. “Estamos sem entender nada, voltamos de férias e quando chegamos aqui, vimos que tem um seminarista a menos, pelo que parece, João (nome fictício) não saiu porque quis, mas porque foi convidado a se retirar” (DC GC3 06/08/2008). A falta de informações e explicações ao grupo gera nos seminaristas um grande desconforto, muitos disseram que se sentiram angustiados por não saber o motivo que levou João a sair do seminário. Falamos sobre essa angústia, e os sentimentos que apareceram foram em relação ao medo da avaliação do formador. “Como nós não sabemos o motivo que levou o formador a mandá-lo embora, ficamos apreensivos com tudo o que fazemos, por que não sei se meu comportamento está adequado ou não” (DC GC3 06/08/2008).

Depois dessa conversa sobre a saída de um dos participantes, falamos sobre o período de férias e sobre o que esse tempo fora do seminário significou para cada um.

Em geral, todos disseram que sentiram falta do seminário e dos amigos. Também falamos sobre as metas para o segundo semestre e sobre os medos que acompanham essa fase de proximidade do vestibular.

No encontro seguinte (oitavo), falamos sobre os encontros vocacionais realizados pela diocese no mês de agosto. Os participantes disseram que estavam bastante cansados por causa dos encontros, mas, se sentiam realizados em fazê-los. O grupo falou um pouco sobre esse assunto, e, logo em seguida, sugeri que todos ficassem em silêncio e pensassem naquilo que mais os havia tocado na semana. Depois de alguns minutos, um dos participantes disse que o encontro vocacional daquela semana era o que havia sido mais significativo para ele. Novamente voltamos a falar sobre esse assunto, e todos do grupo estavam empenhados em falar sobre isso. Senti que havia, naquele momento, uma necessidade por parte do grupo em falar mais sobre o encontro vocacional.

Perguntei para o grupo qual havia sido a participação deles no encontro vocacional. Disseram que participaram mais ativamente na parte de mão de obra, ajudaram na confecção de lembrancinhas, ajudaram a montar as coisas, músicas etc. Um dos participantes disse que, embora estivesse feliz com seu trabalho, sentiu que este não foi suficiente para satisfazê-lo. Segundo o participante, faltou espaço para que eles pudessem interagir mais com os candidatos à vida sacerdotal. Perguntei se não houve nenhum momento em que eles pudessem conversar pessoalmente com os jovens, ou algum tipo de espaço para troca de experiências sobre a vida no seminário. Eles disseram que não houve nenhum momento como esse e que a participação deles, realmente, restringiu-se à mão de obra. Com o depoimento do grupo, fiquei pensando na maneira como esses encontros vocacionais poderiam ser e cheguei à conclusão de

que falta uma participação e interação maior dos seminaristas com aqueles que pretendem entrar para o seminário. Ter um espaço para discutirem e trocarem experiências de vida é fundamental para que os jovens se sintam atraídos à vida sacerdotal.

A partir desse assunto, entramos numa questão importante no que se refere à vida no seminário: como falar com o superior (formador) sobre algo de que o grupo não está gostando. Os participantes disseram que gostariam de poder participar mais ativamente do encontro, mas, não souberam fazer essa crítica ao formador, sobre a organização do encontro. Sobre isso, um dos participantes disse que prefere não falar nada quando vê algo de errado acontecendo dentro da casa ou quando sente que deveria falar algo aos colegas ou ao próprio formador. Segundo ele, todas as vezes que tentou falar alguma coisa no sentido de melhorar a convivência na casa, sentiu-se “prejudicado” ou “julgado” pelos demais. Disse também que não vale a pena “dar a cara a tapa” porque sente que, no grupo, não há um espírito de vida em comunidade, mas sim de competição entre os próprios seminaristas para ver quem se destaca mais para o formador.

Durante a conversa com o grupo, senti que aquele era um momento importante para todos, pois era a primeira vez em que estavam tendo um espaço para falar sobre esse sentimento que muito os incomodava. A partir daí, falamos também sobre a responsabilidade que cada um tinha em relação à boa convivência na casa e também sobre a importância de se ter assertividade para críticas que sejam construtivas. Pensamos juntos sobre o que tudo isso teria a ver com a vida sacerdotal que eles estavam buscando e chegamos à conclusão de que um padre precisa ter sensibilidade e muito cuidado para poder servir bem a comunidade.

Junto com toda essa discussão, também surgiu à preocupação dos seminaristas em relação à avaliação que é feita por uma comissão no final do ano para averiguar quem poderá ingressar para o seminário de filosofia e quem não irá. Muitos disseram que não conseguem agir de forma espontânea por causa dessa avaliação e que sentem muito medo de tentarem fazer algum tipo de crítica, mesmo que seja construtiva, e acabarem sendo prejudicados. Parece que a maneira como são realizadas as avaliações acabam deixando os seminaristas mais preocupados em corresponder às exigências da reitoria, o que provoca um tipo de competição entre eles, mais do que formação como futuros sacerdotes capazes de pensar e expor suas idéias de maneira coerente.

Ao final do encontro, senti que o grupo estava mais tranquilo, creio que muitos estavam realmente precisando de um espaço para falar sobre essas insatisfações. Alguns deles disseram que gostaram de falar e pensar sobre tudo isso dentro do Grupo de Crescimento. Eu, particularmente, também penso que esse espaço tem muita importância na vida em comunidade e pessoal de cada um dos participantes.

Nono encontro: o assunto escolhido para esse encontro foram as atividades diferentes que eles tiveram no propedêutico na semana. Um dos participantes disse que aconteceu, no propedêutico, um encontro de padres da diocese de Campinas. Esse encontro foi para 80 padres e durou três dias inteiros. Devido a isso, os participantes ficaram com muitas atividades, e, segundo eles, isso foi muito bom, porque saiu um pouco da rotina dos estudos e também porque eles puderam ter uma maior interação com outros padres. Um dos participantes disse: “eu gostei muito desse encontro, principalmente porque saímos da rotina dos estudos acadêmicos e pudemos viver um pouco a realidade do sacerdócio. Conversamos, perguntamos e trocamos muitas idéias com os padres” (DC GC3 10/09/2008). Outro participante completou: “para mim foi



muito importante esse momento, normalmente não temos oportunidade de ficar tanto tempo assim conversando com os padres, esse momento foi muito rico para minha formação” (DC GC3 10/09/2008).

Além desse assunto, também conversamos sobre a possibilidade de alguns seminaristas terem de cursar o propedêutico novamente no próximo ano por motivos acadêmicos, ou seja, notas insuficientes para aprovação. “Para mim isso é terrível, é como repetir o ano..., ninguém gosta de repetir o ano... ainda mais quando a gente se esforça o máximo para que isso não aconteça” (DC GC3 10/09/2008). Senti que todos do grupo sensibilizaram-se com o sofrimento dos dois seminaristas que estavam falando. Um dos participantes que estava fazendo o propedêutico pela segunda vez falou ao grupo sobre sua experiência e disse que ter feito o propedêutico duas vezes o ajudou muito em termos de preparo para o vestibular e também em termos de segurança pessoal. Disse que, no presente, sente-se mais preparado para o curso de filosofia e que entendia perfeitamente o que os colegas estavam sentindo. “Eu sei exatamente o que vocês estão sentindo, também passei por isso no ano passado, mas, hoje vejo que ter feito o propedêutico pela segunda vez, foi a melhor escolha” (DC GC3 10/09/2008).

Nesse momento, percebi que o grupo estava se autoajudando, não precisei falar nada, o grupo estava funcionando sozinho. Alguns participantes disseram que essa troca de experiências e que o acolhimento dos colegas trouxe muito conforto e alívio ao coração.

Décimo encontro: logo que cheguei ao propedêutico, um dos participantes veio me dizer que, naquele dia, o grupo abordaria um assunto sério. Creio que ele estava

querendo me preparar para falar de alguma coisa ruim. Enquanto nos acomodávamos na sala, outro participante disse que gostaria de falar sobre um incômodo que estava sentido. Quando todos estavam sentados, pedi para que o participante dissesse o que o estava incomodando. Ele disse que não estava gostando das aulas de história pelo seguinte motivo: não houve aulas de história no primeiro semestre, porque não havia professor para ministrar e, agora, no segundo semestre, a diocese arrumou um professor aposentado para dar as aulas, no entanto, segundo os participantes, o método de aulas adotado pelo professor não estava sendo eficaz para o aprendizado dos alunos, pois, além de muitas informações por aula, o professor ainda queria tomar o horário de estudo livre (tempo que os vocacionados têm para estudar e fazer trabalhos) para repor o tempo de aula perdido no primeiro semestre.

Todos se queixaram dessa decisão, reclamaram e manifestaram muita insatisfação, porque não estavam tendo tempo para os momentos de espiritualidade e oração pessoal. Um dos participantes disse que o melhor a fazer seria conversar com o formador sobre essa insatisfação e tentar resolver o problema com ele. Lembraram que, no primeiro semestre, viveram uma situação bem parecida com a professora de português e que, com uma boa conversa, tudo se resolveu. Outro participante disse que esse poderia ser um caminho, mas que, talvez, isso não fosse resolver o problema caso o formador decidisse que as aulas continuariam do mesmo jeito. No final da discussão, o grupo resolveu que iria falar com o formador mesmo assim.

Outro assunto levantado no grupo foi a atuação da Pastoral da Juventude na diocese de Campinas. Esse tema mexeu muito com o grupo, pois nem todos os participantes compartilham da mesma opinião em relação a esse assunto. A conversa foi bastante produtiva, falamos sobre os problemas que essa pastoral vem enfrentando,

como briga pelo poder entre as lideranças, desavenças entre os diferentes movimentos católicos, maior preocupação com o poder do que com a fé, sobre as consequências desses problemas para a Igreja, como falta de vocacionados, perda de fieis para outras denominações religiosas, a responsabilidade de cada um dos vocacionados em relação a isso e, principalmente, sobre os sentimentos que cada um dos participantes carregava em relação a esse assunto. Senti que, durante a discussão, muitos se colocavam de maneira a defender a sua opinião e posição em relação ao assunto, não conseguindo se aprofundar nas questões que são realmente importantes em relação a isso.

Ao perceber essa forma de funcionar do grupo, procurei refletir para eles o que eu estava sentindo: “me parece que aqui no grupo vocês estão mais preocupados em defender pontos de vista sobre o trabalho da pastoral do que ver os resultados finais que esses trabalhos produzem” (DC GC3 24/09/2008). Nesse momento, alguns concordaram comigo e disseram que a Igreja, assim como eles, precisaria olhar para o problema maior, que é falta de jovens nas igrejas mais do que para o problema menor, que é a desorganização e luta pelo poder entre as lideranças leigas. Pensamos em várias questões que estão envolvidas nesse assunto, desde a atuação dos leigos na Igreja até o poder do pároco nas comunidades. Falamos também sobre liberdade, juventude, autonomia e responsabilidade.

No final do encontro, pensamos que não basta apenas resolver os problemas que a pastoral enfrenta hoje, é preciso levantar-se discussões como esta para que o assunto seja elaborado.

Décimo primeiro encontro: como de costume, pedi para que os participantes ficassem em silêncio e pensassem naquilo que mais os havia tocado durante a semana.

Depois de alguns minutos, perguntei quem gostaria de compartilhar suas experiências. Um grande silêncio pairou sobre a sala, ninguém falou nada, perguntei se eles precisavam de mais alguns minutos em silêncio e ninguém respondeu nada. Disse ao grupo que eu estava entendendo esse silêncio como algum problema específico ou como uma forma de dizer que eles não estavam interessados no trabalho naquele momento.

Um dos participantes, para “quebrar o gelo”, disse que a semana havia sido boa, que eles passearam bastante e que o “clima” na casa estava melhor. Relatou detalhes sobre os passeios e sobre os estudos. Senti que a fala desse participante tinha uma intenção mais social: acabar com o silêncio no grupo, do que de espontaneidade. Outro participante disse que estava mais focado na proximidade do vestibular e que isso o estava deixando mais quieto. Outro falou sobre a visita que o grupo fez à PUC e sobre a vontade de estar cursando filosofia no próximo ano. Novamente, senti que o assunto era mais superficial do que subjetivo. Pedi aos participantes do grupo para que recordassem as experiências que tiveram naquela mesma época do ano, há um ano atrás, ou seja, pensassem como estava a vida deles há um ano. Fiz isso com a intenção de promover uma reflexão sobre o percurso deles até o momento, além disso, não sabia como lidar com aquele clima de superficialidade. Todos relataram coisas muito parecidas, falaram que nessa época estavam fazendo os encontros vocacionais e que estavam com muitas dúvidas em relação à entrada para o seminário. Alguns aproveitam também para fazer uma autoavaliação em relação à vida dentro e fora do seminário: “preciso pensar bem na escolha das palavras para não ser mal compreendido” (DC GC3 08/10/2008). Essa frase mostrou que os seminaristas se sentem avaliados e julgados pelos demais. Nesse momento achei que seria importante mostrar para os participantes essa minha

percepção em relação às atitudes que eles estavam tendo. Falei sobre essa pressão em relação ao julgamento do outro e também sobre como eles se travam quando estão em grupo. Todos disseram que realmente se sentem julgados e avaliados o tempo todo e que talvez por isso, exista esse silêncio no grupo. “Se não falamos nada, não corremos o risco de falar besteira (risos)” (DC GC 08/10/2008). Falamos mais um pouco sobre esse assunto, mas senti que os participantes tomaram minhas palavras como uma bronca e não como um alerta, pois, depois disso, ficaram ainda mais em silêncio e por mais que eu tentasse trabalhar com o grupo, nada fez com que eles se sentissem à vontade, permanecendo assim até o final do encontro.

No encontro seguinte, um dos participantes relatou que estava bastante feliz, porque viveu uma experiência muito significativa na sua vida. Segundo ele, esta foi a primeira vez que participou de uma romaria numa cidade de interior. Disse que presenciou uma grande manifestação de fé por parte das pessoas que receberam a imagem de Nossa Senhora da Paz e que essa experiência o emocionou muito. Disse também que sentiu sensações físicas nunca antes sentidas, tais como: tremor no corpo, fortes ondas de calor e frio, uma enorme vontade de chorar e gritar sua fé para que todos pudessem senti-la. Segundo ele, essa experiência foi algo maravilhoso em sua vida.

Outro participante quis compartilhar com o grupo aquilo que havia sido significativo para ele na semana. Revelou que estava muito contente, porque recebeu um convite de uma colega para fazer um *happy hour* com alguns amigos de infância. Esse convite foi muito importante, porque o ajudou a matar a saudade de sua vida fora do seminário, principalmente dos amigos e da família. Chegou inclusive a dizer que estava preocupado, porque achava que os amigos o haviam abandonado quando ele

resolveu entrar para o seminário, mas, esse encontro o fez perceber que isso não era verdade.

Outro participante disse que o que mais o tocou na semana foi a descoberta da doença (câncer) de uma amiga. Ele se emocionou ao contar que estava preocupado e que sentiu uma grande responsabilidade quando essa amiga pediu para que ele fosse até a casa dela rezar junto com a família. “eu gosto muito dessa amiga, mas senti que ela pediu para que eu fosse à casa dela rezar com a família pelo fato de eu ser seminarista e não apenas amigo..., isso traz uma grande responsabilidade” (DC GC3 23/10/2008). Outros dois participantes também relataram casos de doenças e perdas de entes queridos.

Depois que todos contaram as vivências que mais os tocaram nessa semana, pedi para que cada um do grupo escolhesse, dentre as vivências relatadas, aquela com que mais se identificou. Todos focalizaram na questão da doença e perda de pessoas queridas. Falamos esse assunto, compartilhamos experiências similares e todos do grupo se voltaram inteiramente para essa problemática. Dentro desse tema, ainda falamos sobre o trabalho dos padres com pessoas em estado terminal de doença, sobre ações e atitudes que a população espera de um sacerdote e sobre o poder da oração. Dentre os comentários, um em especial me chamou a atenção: “quando eu acompanho um pároco para fazer a unção dos enfermos, me sinto muito angustiado. Isso porque a pessoa já está em estado terminal, mas, a família pede pelo amor de Deus para que o padre reze e faça-o ficar curado. Às vezes tenho vontade de sair correndo e chorar” (DC CG3 23/10/2008). Senti que o seminarista ainda não está preparado para lidar com situações de forte tensão emocional como esta.

Todos se envolveram no assunto e acabaram estendendo para outros temas que também foram colocados no grupo, como o relato de Pedro sobre experiência religiosa. Compartilhamos as relações entre doença e experiências religiosas e sobre como esses dois temas estão ligados. Os participantes disseram que, muitas vezes, esses dois assuntos cruzam-se porque o ser humano busca, nas experiências religiosas, uma saída para lidar com a doença e a morte.

Décimo terceiro encontro: começamos o grupo falando sobre as datas dos encontros e as atividades para o final de ano. Segundo minha programação, ainda havia mais três encontros até o fechamento, faríamos ainda uma avaliação geral do trabalho. Isso, no entanto, não seria possível devido à agenda de atividades do propedêutico. Sendo assim, fiquei sabendo que teríamos apenas mais um encontro além desse décimo terceiro encontro. Pedi para os participantes que levassem a folha de avaliação do trabalho e me devolvessem respondida na semana seguinte.

Depois de toda a organização em termos de dias e horários, começamos o Grupo de Crescimento. Pedi para que os participantes ficassem em silêncio e pensassem no que mais os havia tocado naquela semana.

Um dos participantes disse que o que mais o tocou foi a conversa que teve com o formador, na qual ele foi informado de que não iria prestar vestibular para o curso de filosofia porque os formadores acharam que ele não estava preparado em termos de estudo para o ingresso no seminário e que, por esse motivo, ele deveria cursar o propedêutico por mais 1 ano.

Além desse assunto, outro tema que voltou a ser discutido no grupo foi a questão da semana anterior: doenças, morte e o papel do padre diante de tudo isso. O

tema escolhido para discussão foi, novamente, o sacramento da unção dos enfermos. Todos os participantes identificaram-se com essa questão e trouxeram situações em que não sabiam como lidar com a proximidade da morte, principalmente quando se tratava de pacientes em estado terminal.

Falamos sobre os diversos sentimentos que acompanham essas situações e sobre a função do sacerdote no que se refere ao doente e também à família do doente. Alguns participantes disseram que já passaram por situações como esta: estar próximo de pessoas em estágio terminal e sobre como é difícil lidar com tal situação. O grupo foi muito importante nesse sentido, pois cada um procurou acolher os sentimentos do outro sem julgá-lo, mas sim, tentando se colocar numa posição de compreensão. Depois dessa reflexão, perguntei para cada um o que havia ficado de mais marcante para eles nessa conversa. As respostas foram: alívio, acolhimento, saudade, responsabilidade e ajuda.

Último encontro: cumprimentamo-nos com alegria e logo um dos participantes veio falar sobre o documento que o Vaticano lançou na semana anterior sobre a entrada de pessoas homossexuais no seminário. Discutimos esse assunto e também falamos sobre o projeto de lei que torna crime a homofobia no Brasil. Alguns participantes refletiram sobre o assunto de maneira bastante crítica, deram suas opiniões sobre o assunto e esticaram o debate para outras áreas também polêmicas dentro da Igreja católica. Falamos sobre o uso de preservativos, sobre o celibato, sobre o conceito de pecado e sobre a orientação que o sacerdote deve dar aos fieis em relação à sexualidade. Ao discutirmos esses temas, senti que houve um incômodo dentro do grupo, alguns se colocaram contra a posição da Igreja sobre alguns temas, mas outros, concordaram que não devem existir mudanças e que as pessoas deveriam seguir o que a



Igreja estabelece hoje como regra. Alguns não se pronunciaram sobre os assuntos, preferindo apenas observar a discussão e não opinar. Quando questionados pelo grupo sobre o motivo desse silêncio, responderam que preferiam se calar a ter de se exporem e serem mal compreendidos.

Pedi para que os participantes me dessem um retorno sobre a avaliação que eles fizeram do trabalho de grupo durante o ano. A maioria disse que gostou do trabalho e que achou importante a continuidade do mesmo para os próximos anos. Um dos participantes disse que não se sentiu à vontade em alguns encontros, porque não foi compreendido pelo grupo e que preferiria encontros temáticos a compartilhar experiências pessoais.

As respostas dos participantes sobre a avaliação do trabalho seguem abaixo:

- **Avaliação dos participantes sobre o GC3.**

Os participantes responderam algumas perguntas elaboradas por mim com a finalidade de averiguar os resultados obtidos com o trabalho de Grupo de Crescimento.

Abaixo se encontram as perguntas, uma avaliação geral das respostas e também alguns trechos de respostas mais significativas dos participantes.

1) O que você achou da experiência de participar de um Grupo de Crescimento (GC)? Por quê?

R: Todos os participantes disseram que a experiência de participar de um GC foi positiva.

“Achei uma experiência positiva, muito diferente de tudo o que já vivi em termos de trabalho de grupo” (participante do GC3).

“Gostei muito! Eu era uma pessoa muito tímida e fechada, mas com a experiência de GC, consegui me abrir e colocar meus sentimentos para meus colegas, isso foi muito importante em termos de auto-estima” (participante do GC3).

“Essa experiência de GC foi ótima porque possibilitou uma retomada de consciência de que são nas diferenças entre as pessoas que estão às riquezas dos relacionamentos” (participante do GC3).

2) O que significou o espaço do grupo para a sua formação sacerdotal? Por quê?

R: Todos do grupo relataram que o trabalho ajudou no processo de formação sacerdotal no sentido de maior amadurecimento pessoal.

“Quando eu discutia e refletia alguns assuntos no GC, sempre pensava que aquilo era muito importante, pois, enquanto futuro padre preciso saber me expor e principalmente a ouvir o outro..., isso o grupo me ajudou muito” (participante do GC3).

“O grupo foi importante para minha formação, pois, aprendi com ele, a lidar com os problemas de convivência na casa, de relacionamentos e também a lidar com minhas emoções” (participante do GC3).

“Um padre que não sabe lidar com as emoções e conflitos que existe entre os seres humanos não é um bom padre. Por isso, penso que o trabalho de GC foi fundamental para minha formação” (participante do GC3).

3) O GC contribuiu para o seu crescimento pessoal? Como?

R: A maioria dos participantes respondeu que o grupo contribuiu em algum aspecto em seu crescimento pessoal. Apenas um participante disse que o grupo não contribuiu para o crescimento pessoal.

“No final do ano percebi que o grupo não contribuiu para meu crescimento pessoal porque não alcançou meus objetivos. Penso que talvez isso tenha acontecido por minha culpa, não consegui me abrir para os outros”. (participante do GC3).

“O grupo contribui muito para melhorar minha auto-estima, senti que tive um grande crescimento pessoal e isso se mostra na minha relação com o formador, com os colegas da casa e com minha família” (participante do GC3).

“Antes do trabalho de grupo me sentia muito inferiorizado, não consegui me expor e nem falar o que sentia por medo do que os outros iriam pensar. Hoje já não me sinto assim e sei que o grupo me ajudou nisso” (participante do GC3).

“Meu crescimento pessoal se mostrou na minha forma de ver o mundo, antes eu só olhava para os meus problemas, não sabia ouvir o outro. Com o trabalho de grupo aprendi a me colocar no lugar das outras pessoas” (participante do GC3).

4) Você se sentiu a vontade no GC para falar ou expressar seus sentimentos? O que contribuiu para isso?

R: Todos os participantes disseram que só se sentiram à vontade no grupo no final do trabalho.

“Não se senti totalmente à vontade no grupo porque muitas vezes me sentia avaliado e julgado pelos outros participantes” (participante do GC3).

“No começo dos encontros não me sentia a vontade na casa porque ainda não tinha intimidade com os colegas, mas no final do grupo já estava melhor” (participante do GC3).

“A intimidade no grupo foi crescendo ao longo do ano, creio que na mesma proporção que a convivência” (participante do GC3).

“Somente no final do ano, quando o grupo já estava mais entrosado, é que me senti a vontade para me expressar” (participante do GC3).

5) Houve alguma coisa dentro do GC de que você não gostou ou que faria diferente? O que seria? Como mudar isso?

R: A maioria dos participantes disse que gostaria de realizar o grupo através de temas propostos pela psicóloga.

“Gostaria que o grupo fosse mais prático e dinâmico, acho que seria melhor se a psicóloga trouxesse os temas prontos e não deixar com que o grupo traga o tema” (participante do GC3).

“Às vezes o grupo não estava a fim de falar nada, ai sentia que ficava um vazio na sala, os temas pareciam muito superficiais” (participante do GC3).

“Acho que se trabalhasse com propostas de assuntos específicos seria melhor”  
(participante do GC3).

6) Em termos práticos, qual a sua opinião em relação ao:

\*tempo disponível para o grupo?

R: todos disseram que 1:30 h são suficientes.

\*intervalos de encontros (quinzenais)?

R: A maioria sugeriu que os encontros fossem semanais.

\*procedimentos de realização?

R: Todos disseram que os procedimentos estão bons

\*postura da coordenadora e dos outros participantes do grupo?

R: Todos disseram que a postura da coordenadora foi adequada, mas pediram que a coordenadora participasse mais no sentido de opinar sobre os temas apresentados. Sobre a postura dos outros participantes, a maioria disse que se sentiu avaliada e pressionada pelos participantes.

7) Se você fosse o padre responsável pelo propedêutico, indicaria a continuidade do GC para seus vocacionados? Por quê? Qual a importância disso para a formação do religioso?

R: Todos os participantes relataram que sugerem a continuidade do grupo de crescimento para os próximos anos com mudanças no que se refere à forma de abordar temas a serem discutidos.

- **Percepções e sentimentos do GC3 baseadas nas Versões de Sentido da pesquisadora horas após o encontro.**

Minha versão de sentido (VS) no primeiro encontro foi a seguinte: Senti-me insegura durante os primeiros minutos com o grupo. Dessa vez, o número de participantes é maior, num total de oito pessoas. Isso me fez pensar em como seria trabalhar as vivências de todos em tão pouco tempo. No entanto, quando deixei essa preocupação de lado, pude sentir as expectativas de cada um dos participantes e, com isso, acabei me sentindo mais confortável.

2º encontro: Senti-me um pouco ansiosa nesse encontro, acho que isso se deve ao fato de que as coisas estão dando certo. É uma ansiedade boa, que me motiva. Sinto que o grupo irá funcionar bem, todos os participantes se envolveram na discussão e participaram de maneira bastante significativa no encontro. Estou sentindo um misto de ansiedade e incerteza.

3º encontro: Estou preocupada e ao mesmo tempo feliz com o andamento do grupo. Minha preocupação é em relação aos sete passos propostos pelo autor Amatuzzi, que desenvolveu o trabalho, uma vez que, definitivamente, não estamos seguindo uma sequência pré-estabelecida para o funcionamento do grupo e sei que, muitas vezes, estou sendo diretiva, o que vai contra a proposta inicial. No entanto estou tranquila,

pois sei que o mais importante, ao final de cada encontro, é a promoção do desenvolvimento pessoal, e isso eu sinto que estamos alcançando! Vou aguardar para ver como será o andamento do grupo.

4º encontro: Senti que o grupo estava mais feliz. Os participantes pareciam bastante animados e participativos. Gostei disso! Ao fazer comparações, as quais são inevitáveis, em relação aos outros grupos, percebi que este tende a ser mais envolvido com a proposta do trabalho. Estou bem animada, mas continuo preocupada com a minha postura, a qual não está sendo idêntica à da proposta pelo idealizador do GC.

5º encontro: Nesse encontro, o grupo foi bastante reflexivo. Acho que, embora tenhamos discutido um assunto sério, que normalmente faz com que as pessoas pensem de maneira mais profunda, conseguimos fechar o grupo com uma maturidade maior sobre o tema abordado. Sinto que, cada vez mais, os participantes sentem-se à vontade com a minha presença na casa de formação e eu me sinto mais a vontade com eles também, acho que isso se deve ao fato de eu estar mais tranquila e menos preocupada em seguir um padrão pré-estabelecido para o grupo.

6º encontro: Não senti-me a vontade no grupo. Achei que alguns dos participantes estão sendo muito mal educados durante a realização do grupo no que se refere aos modos de se sentar ao sofá, mexer nas unhas ou mesmo falar com outros participantes enquanto estou falando com o grupo de maneira geral. Não sei se a minha posição de facilitadora do grupo deu espaço para que esses comportamentos acontecessem, talvez eu tenha dado muita liberdade a eles.

7º encontro: Senti que o grupo está mais animado, acredito que seja por causa das férias. Senti também que o movimento do grupo está diferente, talvez isso tenha a ver com a saída de um dos participantes. Estou feliz por retomar o grupo após as férias.

8º encontro: Gostei muito do grupo nesse encontro. Achei que, embora tenha sido discutido um tema “pesado”, o grupo todo participou e contribuiu para que o encontro fosse bastante produtivo. Penso que esse tipo de grupo é o que realmente anima os participantes.

9º encontro: Sentimentos ambíguos tomam conta de meu coração. Por um lado sinto-me feliz em ver que, a cada semana, o grupo consegue atingir sua meta, que é a promoção do crescimento pessoal, mas, por outro, fico frustrada em ver que, infelizmente, essa proximidade da meta do ideal de grupo só é alcançada quando estamos próximos de encerrar os encontros. Ando me perguntando sobre como poderia mudar isso, ou seja, como fazer para que o trabalho de grupo consiga chegar a esse ideal logo no início de seu funcionamento no começo do ano.

10º encontro: às vezes, sinto que preciso tomar cuidado para não deixar que o espaço do grupo fique cansativo. Como os participantes, na maioria das vezes, falam sobre problemas que acontecem no seminário, eu acabo me colocando numa posição de questionadora, ou seja, normalmente faço com que eles pensem sobre qual a responsabilidade de cada um para com a queixa trazida, nesse sentido, fico me questionando se essa minha posição não acaba sendo mais de punidora do que de facilitadora.

11º encontro: Fiquei desapontada com o grupo. Não sei se eles estão cansados pela proximidade do vestibular e do final do ano, ou se eles estão enjoados do grupo.



Percebo que existe um silêncio muito grande quando pergunto sobre a semana deles e peço para que compartilhem as experiências no grupo. Estou tentando entender o que esta acontecendo.

12° encontro: Gostei muito desse encontro. Os participantes estavam divertidos e muito participativos, além disso, o grupo aconteceu de maneira mais leve. Acredito que tenha fluído melhor, porque voltei a propor os sete passos e isso ajudou o grupo a funcionar melhor.

13° encontro: Senti que esse encontro ficou um pouco atrapalhado, acho que devido aos avisos e agendamentos que fizemos no começo do encontro, senti-me perdida para começar o trabalho. Tinha me programado para mais três encontros até o encerramento, mas, devido à agenda do seminário, terei apenas mais um encontro, ou seja, esse foi nosso penúltimo, acho que isso me deixou perturbada, pois fui pega de surpresa.

14° encontro: Satisfação e Angústia. Todo final de ano sinto esses sentimentos no último encontro. Esse foi o último encontro do Grupo de Crescimento para fins de pesquisa e, hoje, mais do que nunca, fico me perguntando se realmente fiz um bom trabalho. Por um lado, tenho a sensação de que os resultados foram positivos, mas, por outro, fica um sentimento de dúvida em relação a se eu poderia ter feito melhor. De qualquer forma, a sensação de dever cumprido me faz feliz. Estou ansiosa para ler a avaliação dos participantes em relação ao trabalho.

- **Versões de sentido dos participantes do GC3 escritas imediatamente após o encerramento do grupo.**

#### **7º encontro data: 06/08/08**

- “O grupo foi produtivo por conta da participação efetiva e espontânea de todos. Isso dá maior dinamismo ao encontro”.
- “O encontro do grupo foi muito importante, principalmente na volta das férias. Senti muita falta desse espaço durante a época de férias. Agora só penso nesses 4 meses que faltam para o vestibular”
- “O encontro de hoje foi muito importante, pois, consegui perceber quais são minhas metas e pude avaliar como estou trabalhando para alcançá-las. Além das minhas metas, também pude ouvir as expectativas dos outros participantes e isso foi muito bom, pois percebi como posso ajudá-los nesse crescimento.”
- “O encontro de hoje me proporcionou um sentimento de liberdade para expor minha forma de ver e analisar a vivência na casa. Além disso, pude expor minha visão das coisas e fazer uma auto-análise. Também pude colaborar com o crescimento dos outros participantes através das reflexões.”
- “O grupo de hoje me ajudou a pensar em novas metas e objetivos para a permanência na casa, também me reforçou a idéia de que conversando a gente se entende. Além disso, me ajudou a criar forças para este 2º semestre”.

#### **8º encontro data: 20/08/08**

- “Para mim foi muito bom, pois consegui falar e pensar um pouco o que vivi nesse final de semana. Com certeza tive um ganho de crescimento para minha vida pessoal e também comunitária. Gostaria que todos os encontros de grupo fossem assim”.
- “Gosto quando consigo expor minhas ideias e pensamentos, mas, às vezes, não consigo encontrar espaço no grupo para isso e me sinto angustiado”.
- “Estou mais preocupado com o meu lado pessoal do que com os demais. Preciso estar mais atento aos sentimentos dos meus companheiros”.
- “Sinto-me mais satisfeito ao perceber que os colegas estão mais dispostos a partilhar seus sentimentos e problemas da casa no espaço do grupo. Saio do encontro me interrogando sobre o impacto que minhas colocações têm sob o grupo. Espero que, caso haja algum problema de convivência, meus colegas me procurem para tentar resolver”.
- “Desabafei hoje no grupo um assunto que não consegui expor para meus colegas individualmente. Sinto que é preciso ser mais crítico em relação ao que acontece no mundo, principalmente no meu mundo. Às vezes acho que vivo alienado”.

**9º encontro data: 10/09/08**

- “Os assuntos abordados foram de grande e especial importância para mim, pois percebi que através do outro poço fazer uma autoavaliação e melhorar enquanto pessoa”.
- “Foi muito bom, porque refletimos cada ponto discutido. Sinto que estou crescendo pelo discernimento. Percebo que tudo na casa está sendo proveitoso”.

- “O encontro me ajudou a compreender que a nossa vida não está separada da vida em comunidade, precisamos aprender a viver em grupo e, para isso, é preciso que aja respeito”.
- “Liberdade de expressão, familiaridade com o grupo e mudanças de comportamento, tudo isso está na minha cabeça agora. Penso em como fazer para viver bem”.
- “O encontro me fez pensar na melhora da convivência da casa e me fez refletir sobre a necessidade de avaliar minha postura em relação à cultura religiosa dos outros membros do grupo”.

**10° encontro data: 24/09/08**

- “O grupo foi muito bom, porque discutimos sobre os problemas da juventude. Espero que o Senhor Jesus ajude os jovens a caminharem juntos, independente dos movimentos religiosos. Fiquei refletindo bastante sobre a minha responsabilidade para com os futuros vocacionado”.
- “O encontro de hoje me fez pensar que devemos nos envolver com os problemas da Igreja, principalmente naqueles de difícil solução. Penso que devemos trabalhar pelo objetivo comum, que é a construção do reino de Deus na Terra e não ficar nessa disputa por lideranças, como hoje acontece nas paróquias. Isso só afasta os jovens”.
- “É conversando que a gente se entende”. Acho que essa frase faz sentido, pois, depois dessa conversa, alguma coisa mudou dentro de mim. Estou pensando em como o individualismo do mundo capitalizado tem se refletido na vida interna da Igreja. Como é difícil aceitar propostas com que você não concorda, tendo

em vista o que será melhor para os fieis. Aprendo cada vez mais a deixar o orgulho de lado, mesmo em pequenas situações, como ter que esperar o outro terminar de falar para eu começar. Tenho percebido que o grupo ainda não se sente a vontade para se expressar livremente, mas que está caminhando para isso.

- “O grupo de hoje me ajudou a ver que existem outros pontos de vista em relação à juventude que eu não conhecia. Uma realidade que eu não tinha contato e que me deixou preocupado”.
- (um participante esteve ausente deste encontro).

#### **11° encontro data: 08/10/08**

- “O encontro me ajudou a perceber as mudanças que aconteceram comigo desde o início do ano. Saio com a esperança de que haja mais aberturas entre nós, participantes, nos próximos encontros do grupo”.
- “De fato precisamos nos conhecer melhor, vivermos em comunidade, mas, às vezes, sinto que é cada um por si. Apesar disso, percebo que estou crescendo enquanto pessoa, e que não posso descuidar do relacionamento no grupo.”
- “Às vezes tenho a impressão de que as nossas relações não são verdadeiras. Não se fala na casa sobre as dificuldades..., Sinto que ainda é preciso crescer na relação com o outro. Me pergunto: onde está o outro na minha vida? Como conviver com quem não nos identificamos? Por que as pessoas mudam tanto dependendo do contexto? Por que temos tanto medo de nos mostrar frágeis ao outro?”

- “O encontro de hoje me fez perceber que é preciso, antes de tentar compreender o outro, compreender mais a mim mesmo. Acho que não me conheço o suficiente. Quando nos fechamos em nosso mundinho, esquecemos que na comunidade existem outras pessoas que também fazem parte da nossa vida e, de certa forma, nos influenciam. O grupo está me ajudando a entender e a perceber uma parte de mim”.
- “Percebi que, em minha vida, dou maior atenção a mim mesmo do que ao outro, às vezes sou egoísta. Penso que preciso mudar isso, pois, caso contrário, todo meu crescimento pessoal será em vão. Saio do encontro com muitas reflexões na cabeça”.

**12° encontro data: 22/10/08**

- “O encontro foi positivo. Consegui enxergar na minha vida as experiências que são dos meus colegas e de ver na vida deles experiências que são minhas. Acho que isso é muito importante, pois exercita a empatia”.
- “Senti que o grupo estava mais livre depois da nossa conversa sobre a falta de diálogo. Às vezes é preciso uma oportunidade de espaço para refletir um pouco sobre nosso comportamento. Como é bom ouvir o que o outro sente, pena que não fazemos isso sempre. O que deixa de ser produtivo e verdadeiro. Mexer com o lado emocional é a forma mais fácil de chegar aos verdadeiros sentimentos das pessoas. Quando nos permitimos sermos tocados, tudo muda. O grupo poderia sempre trabalhar nesse sentido”.

- “O encontro de hoje me fez ver que os meus sentimentos são muito parecidos com os sentimentos de meus colegas. Isso me faz pensar sobre como somos parecidos”.
- “É gratificante perceber e sentir o quanto as histórias de vida se entrelaçam, o quanto a história do outro faz pensar na minha. Isso mostra que tomamos muita coisa em comum, somos todos humanos”.
- “Gostei muito do encontro de hoje. Pude colocar o que mais me tocou e emocionou. Vivendo com a comunidade e compartilhando os problemas da vida e do dia a dia. O grupo foi fundamental, todos participaram e todos compreenderam a dificuldade do outro. Espero que o grupo seja sempre tão bom como foi hoje”.

### **13º encontro data: 12/11/08**

- “Estava preso, não conseguia colocar minhas idéias, estava confuso. Senti um pouco de falsidade na fala de meus colegas, parecia que não estava falando do coração. parecia que, como tinham que falar, falaram qualquer coisa. Com é difícil criar um diálogo aberto e verdadeiro. Pode ser que a dificuldade esteja em mim”.
- “O encontro de hoje me fez perceber o quanto é importante me preparar bem para atender as pessoas, em especial as que estão em uma fase mais difícil de suas vidas, como a proximidade da morte”.
- “O que mais me tocou foi como lidar com as pessoas que sofrem, principalmente quando a pessoa está em estado terminal de vida. Para mim, tudo o que foi discutido no grupo serve como lição para que mais tarde, quando

eu for um sacerdote, eu coloque em prática e saiba lidar com aqueles que sofrem”.

- “O encontro, além de proporcionar outra reflexão sobre como lidar com pessoas em estado terminal, também me fez perceber que não estou pronto para lidar com essas situações, isso é algo que ainda preciso trabalhar mais”.
- “O encontro de hoje me ajudou a perceber os desafios que o sacerdócio nos reserva. Pude descobrir a importância da partilha das experiências como forma de encontrar soluções para os problemas que encontramos, especialmente no trabalho pastoral”.